

Ricardo Ricci Zvinha

LAZER NA ADOLESCÊNCIA:
uma análise sobre os skatistas do ABC paulista

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física

1997

RICARDO RICCI UVINHA

**LAZER NA ADOLESCÊNCIA:
uma análise sobre os skatistas do ABC paulista**

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, na área de concentração *Estudos do Lazer*.

Orientador: Profa. Dra. Heloísa Turini Bruhns.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

1997

9801064



FICHA UNICAMP	
Uv5L	
V.	Es.
TOMBO B.1.	32540
PROC.	395/98
C	D
PRECO.	26.400
DABA	36/01/98
N.º CPD	

CM-00104565-0

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF-UNICAMP

Uv5L Uvinha, Ricardo Ricci
Lazer na adolescência: uma análise sobre os skatistas do ABC paulista /
Ricardo Ricci Uvinha. - - Campinas, SP: [s. n.], 1997.

Orientador: Heloísa Turini Bruhns
Dissertação (mestrado)- Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação Física.

1. Lazer. 2. Educação Física para adolescentes. 3. Esporte para
adolescentes. I. Bruhns, Heloísa Turini. II. Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado defendida por Ricardo Ricci Uvinha e aprovada pela Comissão Julgadora em 16/10/97.

Data:

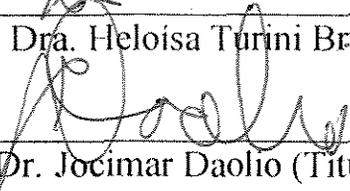


Profa. Dra. Heloísa Turini Bruhns

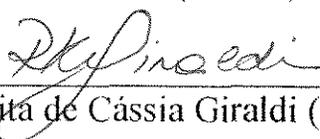
Banca Examinadora:



Profa. Dra. Heloisa Turini Bruhns (Orientadora)



Prof. Dr. Jocimar Daolio (Titular)



Profa. Dra. Rita de Cássia Giraldi (Titular)

*“O acaso faz da vida um jogo”
(Sêneca)*

AGRADECIMENTOS

Fica registrado aqui o agradecimento a todos que fizeram este trabalho ser possível.

À minha família, sempre presente (em especial à minha mãe, pela confiança no mérito de todo o trabalho) e à Paula, por suportar minhas constantes ausências e estar sempre ao meu lado com seu carinho e apoio.

À Helô, minha orientadora, que revisou cuidadosamente este material inúmeras vezes, parceira de estudos e festas.

Ao apoio da Rita e do Jô, sempre presentes com suas valiosas dicas.

Aos professores Paulinho, Barbara, Tojal, Deco e Vilma, pelas “dicas de corredor” bastante interessantes e, especialmente, ao Marcellino, pela amizade, respeito e credibilidade ao meu estudo.

Aos amigos da UNICAMP Margareth, Márcia, Zé Carlos, Sandra, Brito, Ricardo Pinto, Edmur, Santista, Hélder, Marcelo Andrade, Ivan, Rita, Maurício e Flávia, pela amizade de todas as horas.

Aos colegas do grupo de estudos Giuliano, Sandoval, Maria Cristina, Wilson, Cristiane, Carol e Kátia, pelos debates calorosos e enriquecedores.

No ABC paulista, à Rosana, Marlene e Carlão, do Departamento de Lazer da prefeitura de Santo André, pelo empréstimo de materiais relativos ao serviço de lazer no setor público (eu juro um dia devolver as fotos...). Agradeço também aos amigos da região que colaboraram na confecção do trabalho, entre eles Sandra Regina, Niltinho e Flávio.

Ao CNPq, por financiar o presente estudo.

E, é claro, o maior agradecimento vai para os próprios skatistas, sujeitos da minha pesquisa, que colaboraram com sua paciência, humildade e ricas reflexões para a concretização do meu trabalho.

Ricardo Ricci Uvinha

RESUMO

Focalizei nesta pesquisa um grupo específico, composto em sua expressiva maioria por adolescentes: trata-se do enfoque nos praticantes de “skate” da região do ABC paulista (que envolve as cidades de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul), atuantes em pistas próprias para tal prática e pertencentes à administração municipal destas cidades.

Tal enfoque tem basicamente dois objetivos: a- contribuir para o entendimento da faixa etária adolescente, analisando as distintas manifestações pertinentes a tal fase da vida humana, contextualizadas em uma determinada realidade social; b- evidenciar a importância que assume o lazer (em especial a vivência no âmbito do skate) na constituição de um espaço de experimentação com possibilidades de se tornar extremamente rico, na composição do universo de valores e modo de vida do adolescente.

Enquanto perspectiva metodológica, o estudo foi realizado no período que compreende os anos de 1995, 1996 e primeiro semestre de 1997, pretendendo realizar uma combinação entre pesquisas *bibliográfica* (utilizando estudos já publicados que tenham relação com o tema) e *de campo* (supondo a minha inserção, enquanto pesquisador, no grupo estudado).

O método de procedimento utilizado foi o *estudo de caso*, sendo os dados coletados nos princípios de *documentação direta*, usufruindo-se da técnica de *observação participante ou no ambiente real*. Deste modo, foram promovidas *entrevistas* com os sujeitos pesquisados, onde depois se comparou sistematicamente tal material com as categorias de análise e pressupostos teóricos levantados anteriormente.

Ilustro portanto neste trabalho, de modo geral, uma discussão a respeito do lazer na adolescência, procurando explorar questões referentes aos valores, significados e representações nos skatistas do ABC paulista, como por exemplo: qual o significado para eles da adolescência, qual o entendimento do “radical” no esporte, como se dá a convivência nas pistas, a identificação no grupo - pelo linguajar, pelo uso comum das roupas, pelo gosto musical e outros elementos-, de que maneira se estabelece a luta da mulher num espaço dominado pelos homens, e, finalmente, o uso do corpo nas manobras de uma modalidade esportiva em constante relação com a mídia e o consumo.

SUMMARY

In this research, I have approached a specific group composed mainly by teenagers: it deals about the focus on the skateboarders of the “ABC paulista” region (which comprehends the Cities of Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul), whose activities take place in the proper sites for such practices, which sites belong to the government of the Cities.

Such approach is based on two main objectives: (a) to contribute with the understanding of the adolescent age, through the analysis of different disclosures pertaining to this specific phase of the human life; and (b) to evidence the importance of leisure (more specifically the experience in the skateboarding ambit) in the constitution of an experimental area which may become extremely rich, in the composition of a system of values and of the teenagers’ life style.

As to its methodological perspective, the study was performed in the period comprehending 1995, 1996 and the first semester of 1997, intending to match *bibliographic* researches (using previously published studies which relate to the issue) and *site* researches (assuming my insertion, as a researcher, in the focused group).

The process method used was *case study*, and the data was collected under the principles of *direct documentation*, benefiting from the *participating or actual environment observation* technique. In this regard, interviews with the studied individuals were promoted and followed by a systematical comparison thereof against the analysis categories and theoretical assumptions previously taken.

This study illustrates, in general, a debate towards leisure in adolescence, looking to an approach to issues referring to values, meanings and representation of the skateboarders in the “ABC paulista” region, e.g. the meaning of adolescence to skateboarders, their understanding of “extreme” in sports, the acquaintance in the skateboarding sites, the identification within the group - characterized by the language, clothing, music and others - the possibility of the insertion of women in a male-dominated area, and, finally, the use of the body in the manouvers of a spots category which is constant related to the media and consumption.

SUMÁRIO

Introdução	1
Capítulo I: <i>Considerações sobre juventude e esportes radicais</i>	
<i>I - Apontamentos sobre juventude e lazer</i>	11
I . 1 - Juventude enquanto “fase de vida”	11
I . 2 - O jovem no campo do lazer	22
<i>II - Estilo jovem e esportes radicais</i>	31
II . 1 - O elemento “radical” no âmbito esportivo	31
II . 2 - Esportes radicais e cultura jovem	37
Capítulo II: <i>O skate pode revelar pistas...</i>	
<i>I - Realidade das pistas no ABC paulista</i>	47
I . 1 - Surgimento mundial das pistas de skate	47
I . 2 - Pistas de skate no ABC paulista	50
I . 3 - As pistas de skate podem revelar “pistas”	62
<i>II - Identificação do grupo</i>	66
II . 1 - Linguagem	72
II . 2 - Vestimenta	75
II . 3 - Música	79
II . 4 - Outros elementos	84
<i>III - A relação entre os gêneros</i>	93
Capítulo III: <i>Corpo jovem e consumo</i>	
<i>I - Corpo jovem na prática do skate</i>	106
I . 1 - Sobre o “corpo jovem”	106
I . 2 - Um enfoque nas manobras	113
<i>II - Imagem jovem e consumo</i>	119
II . 1 - Skate: alvo dos “mass media” e consumo	119
II . 2 - Skate: produção de lazer	130
Considerações Finais	149
Anexos	153
Referências Bibliográficas	158

INTRODUÇÃO

Busquei compreender no presente estudo, por meio de uma análise sócio-cultural, as distintas implicações referentes aos sistemas de valores, representações e significados durante o processo da adolescência, registrando uma marcante e fundamental contribuição do lazer, associado à vivência em outras esferas sociais, na aquisição pelo adolescente de sua identidade no meio a qual pertence.

Considerando a diversidade de abordagens possíveis para tal estudo, desenvolvi uma análise de um grupo específico, composto em sua expressiva maioria por adolescentes: trata-se do enfoque nos praticantes de “skate” da região do ABC paulista (que envolve as cidades de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul), atuantes em pistas próprias para tal prática e pertencentes à administração municipal destas cidades.

Foram envolvidos skatistas amadores, sendo estes de ambos os gêneros, já que atualmente se pode ver com uma relativa frequência também o feminino nas pistas. A pesquisa conta ainda com relatos de alguns skatistas profissionais, apesar dos mesmos não se constituírem em principais sujeitos de análise, visto que possivelmente considerarão a prática do skate não enquanto lazer e sim fundamentalmente trabalho.

A escolha pelo skate, e não outra manifestação na esfera do lazer relativa ao adolescente, se deu também por esta atividade ser considerada uma modalidade esportiva, aproximando da minha formação em Educação Física.

Assim, estabeleci basicamente dois objetivos para este estudo: a- contribuir para o entendimento da faixa etária adolescente, analisando as distintas manifestações pertinentes a tal fase da vida humana, contextualizadas em uma determinada realidade social; b- evidenciar a importância que assume

o lazer (em especial a vivência no âmbito do skate) na constituição de um espaço de experimentação com possibilidades de se tornar extremamente rico, na composição do universo de valores e modo de vida do adolescente.

A pesquisa foi realizada no período que compreende os anos de 1995, 1996 e primeiro semestre de 1997. Os dados foram coletados principalmente nos finais de semana, devido ao fato de que nestes dias geralmente ocorriam eventos ligados à modalidade, como clínicas esportivas, torneios de coroamento e demonstrações.

O estudo recebeu tratamento numa análise sócio-cultural, levando em consideração que, além da habilidade necessária para se praticar com êxito tal modalidade esportiva, pode-se perceber em seus praticantes um modo próprio de se comunicar, vestir, comportar e se organizar perante a sociedade em que vivem.

Assim, pretendeu-se realizar uma combinação entre pesquisas *bibliográfica* (procurando resgatar estudos já publicados que tenham relação com o tema) e *de campo* (supondo a minha inserção, enquanto pesquisador, no grupo estudado).

O método de procedimento utilizado foi o *estudo de caso*, que permitiu analisar variados aspectos concentrando-se em um conjunto de atividades de um grupo social particular¹. Os dados foram coletados nos princípios de *documentação direta*, usufruindo-se da técnica de *observação participante ou no ambiente real*, entendendo-se que estes dados são registrados nos locais onde ocorrem os eventos², promovendo *entrevistas* com os sujeitos pesquisados, onde depois se comparou sistematicamente tal material com os pressupostos teóricos levantados anteriormente.

¹ Conforme classificação de Lakatos, E. M. e Marconi, M. de A., em *Fundamentos de metodologia científica*, 1986.

² Idem.

As informações decorrentes do grupo pesquisado, evidenciando a *representatividade da amostra* ou sua *validade externa*, foram coletadas de forma *intencional e não probabilística*, já que, apesar de não conhecer a probabilidade que cada indivíduo tem de ser selecionado para fazer parte desta amostra, permitiu a investigação com testemunhos de indivíduos *típicos*³.

A coleta de dados na pesquisa de campo mostrou-se consideravelmente difícil no início, pois grande parte das entrevistas foram realizadas nas pistas, sendo que os skatistas entrevistados não pareciam ver “com bons olhos” alguém que não pertencia ao seu grupo, no seu espaço, onde por várias vezes fui confundido como apenas um curioso, um jornalista e até um *gambé* (expressão utilizada por eles para identificar um policial a paisana).

Assim, apesar das dificuldades, procurei na pesquisa de campo, descobrir uma forma de angariar informações junto aos sujeitos de análise para posterior debate com as categorias preestabelecidas teoricamente. Tinha que entrar de algum modo na realidade, no dia-a-dia dos skatistas.

Por onde começar? Acredito que tudo começou numa tarde de terça-feira, em Santos. Passava férias na cidade, em julho de 1995, e fui até uma escolinha de esportes radicais no Posto 2 da Praia do Gonzaga. Pelo interesse quanto ao esporte em geral, e pela novidade que se mostrava uma escola de esportes radicais, queria conhecer apenas aquele local, sem maiores pretensões com relação à minha pesquisa. Na ocasião, conversei com o responsável pelas aulas de surf e este me indicou um professor de São Paulo, segundo ele especializado no skate: o skatista *Flavinho*.

Voltando das férias, de Santo André liguei para o professor-skatista em São Paulo e ele me convidou para participar de uma **clínica de skate** (uma

³ Conforme Bruyne, P. de et al., em *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais*, 1977.

espécie de aula aberta) que seria ministrada por ele e realizada no SESC Interlagos.

Fui ao SESC num domingo à tarde e conheci *Flavinho*, precisamente Flávio Antônio Ascânio Lauro, 31 anos, bi-campeão brasileiro de skate e atual fisiologista da equipe brasileira que foi às Paraolimpíadas de Atlanta, em 1996.

Conversei então com *Flavinho* durante a **clínica**, participando ativamente desta (até tentando subir num skate, sem sucesso). Enfim, foi o meu primeiro contato com o skate. Por haver somente amadores da região de Interlagos naquele dia (e minha pretensão, como vimos, era abordar os skatistas praticantes no ABC paulista), me limitei somente a observá-los, sem conversar com eles.

Um fato que me chamou atenção durante a **clínica** foi a queda repentina de uma chuva torrencial sobre a região do SESC. Mesmo *Flavinho* cancelando temporariamente sua aula, muitos skatistas ainda queriam praticar a modalidade no chão e obstáculos molhados. Percebi ali o quanto o skatista procura jogar com o perigo, onde o risco da queda era muito eminente.

Além do primeiro contato com o skate, queria saber mais sobre a história da modalidade e se existiam publicações no Brasil que versavam sobre skate. Durante a conversa com *Flavinho*, o skatista me indicou que falasse mais a respeito deste assunto com *Gyrão*, editor da Revista Tribo Skate.

Já no outro dia liguei para *Gyrão* e marcamos para conversar na sede da sua revista, em São Paulo. Senti que estava sendo traçado o “norte” que me orientaria para mais informações e que me animava a pensar que logo estaria no cotidiano dos meus sujeitos de análise nas pista do ABC paulista. Queria chegar no ABC “falando” sobre skate, mostrando não ser tão leigo no assunto.

Conheci então César Bragança Gyrão, editor da Revista Tribo Skate, revista esta que, segundo *Flavinho*, era a mais famosa entre os skatistas.

Gyrão, de 34 anos de idade (e 20 de skate), além de editor da revista (com circulação bimestral), coleciona os títulos de campeão estadual e sul brasileiro em skate, no ano de 1980. É natural de Criciúma-SC e tem a revista desde 1991.

Na ocasião, *Gyrão* falou sobre suas vivências na modalidade e, sobretudo, a respeito da história do skate. Sabendo que eu pesquisaria as pistas do ABC paulista, sugeri que começasse por São Bernardo do Campo, devido a tradição da pista no skate brasileiro.

Assim, sabendo um pouco mais sobre a história do skate, o “desafio” agora era me aproximar da pista pública de São Bernardo e tentar conversar com os skatistas. Desafio porque nunca fui um skatista e, que me lembre, nunca tive a oportunidade de ter um praticante da modalidade como amigo.

Chegando na pista, senti que a minha simples presença naquele espaço provavelmente não significaria nada para a minha pesquisa. Tinha que tomar a iniciativa e procurar algum praticante para conversar. Mas, de que modo realizar tal feito, já que parecia um “alienígena” com a máquina fotográfica pendurada no pescoço, lápis e papel nas mãos e um minigravador preso à cintura?

Estava diante de uma pista enorme, com skatistas que passavam por mim com uma velocidade incrível, falando gírias e realizando bonitas manobras. Respirando fundo, e tomando finalmente coragem, estava decidido a entrar de alguma forma naquele grupo.

O primeiro skatista com quem conversei foi Marcelo Gonçalves, o *Seu Madruga*, de 15 anos de idade. Escolhi tal skatista aleatoriamente, no meio dos demais, por chamar atenção pelo seu visual e pela dedicação solitária que estava procurando imprimir no aprendizado de uma manobra.

Me aproximei e procurei explicitar justificativas da minha entrevista com ele no “seu” espaço. Amador na modalidade, *Seu Madruga* foi atencioso, deixou de “andar de skate” e calmamente veio conversar comigo. Indicou mais dois amigos que viriam somente à tarde. Fui almoçar e, quando voltei à pista, nada dos skatistas: não obtive sucesso nesta oportunidade. A sensação de frustração ainda era grande e o material mostrava-se pouco.

Tornei a voltar outros dias na pista e nada dos amigos skatistas do *Seu Madruga*. Decidi então voltar novamente no final de semana, agora no sábado, e abordar então um outro skatista, tentar a sorte, como havia feito com *Seu Madruga*. Vi ao longe um praticante que, assim como *Seu Madruga*, tentava insistentemente realizar um movimento com o skate. Chegando mais próximo, percebi que o skatista era uma mulher, aliás a única que se encontrava na pista naquele momento: Renata Paschini, a *Renatinha*, de 23 anos de idade, amadora na modalidade. Conversando com a skatista, procurei estimulá-la a falar de vários assuntos, principalmente sobre uma possível discriminação quanto às mulheres na pista, já que ali ela era a única mulher que se “aventurava” no meio dos skatistas.

Após a minha conversa, indicou o skatista que, segundo ela, seria provavelmente a pessoa mais importante para falar da pista de São Bernardo, já que era o mais “velho da casa”: o skatista *Orelha*.

Interessante apelido, mas não encontrei *Orelha* na pista naquele momento. Por outro lado, ouvi um assobio que vinha bem forte do outro lado da pista: era *Seu Madruga*, agora em companhia dos amigos. Era bem provável que o fato da minha relativa proximidade com *Seu Madruga* “abriria portas” para que eu conversasse com outros skatistas e foi o que aconteceu. Assim, conheci Tiago Mansano de Lima, o *Lima*, e Fernando Guerra Jacomassi, o *Fê*, ambos com 15 anos de idade e amadores. Estes foram entrevistados

separadamente e destacaram importantes questões para posterior discussão na pesquisa.

Fui embora daquele lugar no Sábado contente com as entrevistas realizadas e por ter feito possíveis novos amigos. Entretanto, pensava na fixa idéia de voltar no outro dia e obter informações do skatista possivelmente mais velho da pista, o *Orelha*.

Lá estava eu no outro dia, um ensolarado Domingo, procurando pelo *Orelha*. Como não encontrei nenhum dos skatistas com quem já tinha conversado, perguntava para qualquer skatista que passava na minha frente sobre o *Orelha*. Logo em seguida, se aproximou um skatista de cabelos brancos e, ao passar por mim, tornei a perguntar:

- Por favor, você pode dizer quem é o *Orelha*?

Com um semblante que expressava um certo ar de desconfiança, o skatista respondeu:

- Quem quer saber?

Confesso que senti um certo medo naquele momento, talvez o momento mais difícil da minha pesquisa. *Seu Madruga, Fê e Lima* já haviam me advertido que os estranhos não eram bem vindos por serem confundidos como *gambé*. Mesmo assim, tomei fôlego e esclareci ser um pesquisador de uma Universidade e que tinha como intenção pesquisar sobre o modo de vida dos skatistas. O skatista então me respondeu imediatamente:

- Veio falar com a pessoa certa. Sou o *Orelha*, o skatista mais velho e experiente deste lugar.

Finalmente havia achado o “tal” do *Orelha*: Aurélio Guilherme Peres Neto, de 35 anos de idade. O skatista foi “se soltando” no desenrolar da entrevista e disse, durante um certo momento, que era um prazer colaborar com qualquer atitude que tivesse por intenção divulgar o skate.

Obtive também com *Orelha* importantes informações para a pesquisa e a indicação de uma outra skatista: a *Giuliana*, editora do Jornal Folha do Skate. Após este dia me senti, de certo modo, pertencente àquele grupo e a pista já me parecia um pouco mais familiar.

Voltei outras vezes em São Bernardo e numa das oportunidades conversei com Giuliana Ricomini, a *Giuliana*, de 21 anos de idade, indicação de *Orelha*. A skatista falou sobre o seu jornal e de sua luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres na pista.

Falei, em outro momento, com Carlos Alberto Sabino, o *Limpa*, de 28 anos, responsável por um campeonato amador realizado na pista em 1996. Da conversa com o *Limpa*, surgiu o nome de Osmar Ramos Fossa, o *Osmar*, de 36 anos, comerciante (proprietário de uma loja especializada em skate), membro da Associação dos Skatistas de São Bernardo e responsável pela ligação desta instituição com o Departamento de Esportes da Prefeitura. Posteriormente, fui à loja de *Osmar* e conversamos por mais de duas horas sobre skate.

Também na oportunidade do campeonato em São Bernardo, falei com *Ednei*, um candidato a vereador na cidade, que me chamou a atenção por divulgar várias vezes no microfone do evento sua luta pela causa da juventude e dos esportes radicais na cidade e seu projeto de governo, caso eleito.

Ainda neste campeonato, falei com Mie Takatani, a *Cherry*, de 22 anos, motivado pelo visual chamativo da skatista amadora: roupas largas, cabelo comprido com fios verdes e muita habilidade com o skate.

Por meio das entrevistas com os skatistas, descobri que a pista de São Caetano do Sul era considerada a melhor do Brasil, em termos de infraestrutura, e que a pista de Santo André fora destruída porque lá passaria uma nova avenida, em homenagem a um ex-prefeito da cidade.

Decidi prosseguir a pesquisa me encaminhando para São Caetano. Estive lá por diversas vezes e conversei com uma pessoa que aparentemente nada contribuiria para a pesquisa, mas que mostrou saber muito a respeito da história da pista: o ambulante Alípio Valverde Peres, o *Tiozinho do Gelinho*, de 68 anos de idade.

Especialmente numa das oportunidades que estive na pista, documentei o Oitavo Torneio de Skate de São Caetano do Sul, evento que procurarei abordar mais profundamente no capítulo III. Neste torneio, consegui conversar com os ídolos atuais do skate nacional: Rodil Rubens de Araújo Jr., o *Ferrugem*, de 18 anos de idade (e seu empresário e pai, Sr. Rodil), e Rodrigo Menezes, o *Digo*, de 19 anos.

Conversei também no torneio de São Caetano com outros praticantes de esportes radicais, como o skatista *Chileno*, o *roller Lânder* e o *biker Zel*. Foram entrevistados também o *rapper* Wellington e os organizadores do evento: *Dino*, do SESC e *Fernando*, da Rede Bandeirantes de Televisão.

Tive posteriormente a oportunidade de investigar sobre a extinta pista de Santo André, analisando as propostas quanto à modalidade elaboradas pelo Departamento de Lazer da “nova gestão” (1997) atuante na prefeitura da cidade. Nesta ocasião, conheci George Rotatori, o *George*, engenheiro de pistas e proprietário da Rotatori Montagens, empresa especializada em montagens de pistas móveis e fixas. *George* estava trabalhando para a Prefeitura de Santo André na montagem de um novo parque que teria como atração uma pista de skate. Com *George*, aprendi ainda mais sobre estrutura e equipamentos presentes nas pistas de skate.

Portanto, nas páginas que virão a seguir, a fim de ilustrar uma discussão a respeito do lazer na adolescência, procurarei explorar questões referentes aos valores, significados e representações nos skatistas do ABC paulista, “sujeitos”

da minha pesquisa. Procurei neste grupo, entre outros, saber o que era para eles a adolescência, qual o entendimento do “radical” no esporte, a convivência nas pistas, a identificação no grupo - pelo linguajar, pelo uso comum das roupas, pelo gosto musical e outros elementos-, a luta da mulher num espaço dominado pelos homens, o uso do corpo nas manobras e a modalidade em relação com a mídia e o consumo.

CAPÍTULO I

CONSIDERAÇÕES SOBRE JUVENTUDE E ESPORTES RADICAIS

I- Apontamentos sobre juventude e lazer

Neste item procurarei promover, a partir dos relatos dos skatistas, uma discussão em torno das concepções sobre juventude, identificando como se constata diferenciações quanto à sua consideração em distintas épocas e ambientes sociais. Logo após, farei referência a alguns estudos sobre a juventude no que concerne a temática “lazer”, enfocando especialmente a sociedade brasileira.

I.1 - Juventude enquanto “fase de vida”

Com a intenção de pesquisar os jovens skatistas, colhi dados que vieram reforçar a dificuldade de atribuir um divisor claro entre as fases da vida, principalmente entre as da adolescência e adulta.

Sobre o assunto, destaco aqui o depoimento da skatista Renata Paschini, a *Renatinha*, de 23 anos, que relatou sua opinião sobre o assunto:

A adolescência pra mim não vai acabar nunca, ‘ce vê, eu tô com vinte e três anos e ainda tô na ativa, tá na cabeça de cada um o final da adolescência.

(*Renatinha*)

Sobre o assunto tive a oportunidade de conversar também com Carlos Alberto Sabino, o *Limpa*, de 28 anos, praticante de skate em São Bernardo do

Campo. *Limpa* é também praticante de *snowboard*, uma espécie de skate sem rodas praticado em terrenos cobertos por neve.

O skatista conversou comigo dias antes de embarcar para a França, onde ficaria por um tempo para aprender mais técnicas como *snowboarder*. A respeito da dificuldade de se atribuir um final para a adolescência, comentou:

Eu acho que a adolescência para mim não vai acabar, isto é pra cada um, eu me considero jovem.

(*Limpa*)

Na análise de tais colocações, mostra-se fundamental esclarecer que a fase de vida que costumamos chamar de *adolescência* não se dá da mesma forma em todas as sociedades, fazendo com que seu começo, meio e fim estejam atrelados necessariamente ao ambiente social em que esta se manifesta, justificando aqui o porquê do termo *fase de vida* vir concebido em aspas no título deste sub-item.

Tal fato implica de imediato duas considerações: a- que o adolescente não parece ser “universalmente” o mesmo; b- que “ser jovem” não significa estar condicionado necessariamente a uma idade específica, geralmente oscilando na faixa etária adolescência, já que o final da mesma está cada vez mais difícil de se identificar por ser tal fato característico de cada sociedade.

Acrescenta-se ainda que o dito ‘espírito jovem’, como veremos no decorrer de todo este trabalho, vem cada vez mais permeando a idade adulta na atualidade, consideravelmente nas atividades arraigadas ao campo do lazer.

Assim, acredito ser interessante investigar como se tem tratado o assunto em algumas abordagens que se embrenharam na realização de estudar o complexo “curso da vida”.

Quanto tempo dura exatamente a adolescência? Parece não ser possível responder com precisão tal pergunta, já que existem diferentes concepções que versam sobre o tema da juventude.

Como exemplos, pode-se citar o enfoque apresentado pela UNESCO¹, que aponta a adolescência como o grupo de idade entre 15 e 25 anos. Já no enfoque psicanalista, através dos estudos de Erikson² sobre os oito estágios do desenvolvimento humano, a adolescência vai dos 13 aos 18 anos. No enfoque médico, a adolescência dura geralmente dos 12 aos 20 anos de idade, iniciada pelo fenômeno universal da “puberdade”³.

É válido frisar ainda que o curso da vida fôra alvo de pesquisas e abordagens não somente na atual sociedade contemporânea e sim também em sociedades consideradas “simples ou de pequena escala”⁴, foco de análise desenvolvido pelas ciências sociais, analisando o rico universo da adolescência, por meio de destacados trabalhos empíricos⁵.

Assim, a transição entre uma criança e um adulto em determinadas sociedades pode ter como duração apenas poucos dias, configurada através de

¹ Texto da UNESCO, intitulado “Con la juventude”, abordado por Orsini, M. S. A juventude paulista, suas atitudes e sua imagem. *Tese de doutorado*- IP/USP, 1977.

² Apud Orsini, M.S. *op.cit.*, 1977.

³ O fenômeno biológico da puberdade, considerado pela área médica como ponto de partida da adolescência, é, de certo modo, tido como um acontecimento universal, já que é característico em toda a espécie humana. Por outro lado, como este fato ocorre, em que circunstâncias, como é passível de interpretação num dado grupo, varia intensamente de uma sociedade para outra.

⁴ Termo utilizado em vários ensaios antropológicos, entre eles ver Oliven, R.G. *A Antropologia dos grupos urbanos*, 1985, que exemplifica como pertencente a estas sociedades os indígenas e os grupos rurais.

⁵ Entre os estudos que se dedicaram ao assunto, merece destaque os vinculados ao campo da Antropologia, em trabalhos como o de Margareth Mead, onde a autora busca reflexões nos jovens da ilha de Samoa, descrevendo detalhadamente a vida do jovem neste ambiente social. Ver também o trabalho de Ruth Benedict, onde a autora defende que o curso do desenvolvimento deve ser gradual e contínuo, durante todas as etapas da vida, principalmente na adolescência onde pode ocorrer uma certa “descontinuidade” no processo, variável de cultura para cultura. Os estudos de Mead e Benedict estão registrados em Muuss, R. *Teorias da Adolescência*, 1976. Sobre a iniciativa das ciências sociais tematizarem em seus estudos a adolescência, vale aqui a reflexão de Cardoso, R. e Sampaio, H, em *Bibliografia sobre a juventude*, 1995, p.12: “o tema da juventude, como sabemos, é bastante antigo na antropologia e nas ciências sociais em geral; neste século, ele tem tido cadeira cativa na sociologia - a chamada sociologia da juventude - e o tratamento que vem recebendo reflete o próprio desenvolvimento das diferentes escolas e correntes dentro das ciências sociais”.

um único ritual de passagem, como por exemplo estar apto à caça, à guerra ou ainda realizar alguma prova de força⁶.

Já nas sociedades tidas como complexas, costuma-se promover uma prolongada adolescência com duração de muitos anos (muitas vezes nem se precisando bem o final), podendo conseqüentemente levar a uma certa “descontinuidade” nos papéis sociais durante tal fase⁷.

Sendo assim, investigando as respostas dos skatistas *Renatinha e Limpa*, quando acabaria a adolescência?

Pelo ponto de vista do código penal brasileiro, é adulto aquele que tiver idade igual ou superior a 18 anos de idade, passível de julgamento e punição quando na realização de algum ato infrator, fato este que tem gerado muita polêmica atualmente, visto a grande quantidade de crimes que tem sido praticados pelos intitulados “menores infratores”.

Há aqueles que defendem diminuir a responsabilidade penal, com o objetivo de submeter os adolescentes às mesmas penas aplicadas pelos adultos: de 18 para 16 anos, posição adotada pela Acrimesp (Associação dos Advogados Criminalistas do Estado de São Paulo). Ou até para os 14 anos, defendida pela Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro. Ambas posições são por enquanto apenas propostas e ainda não se constituem em leis.

⁶ Exemplos sobre ritos de passagem nestas sociedades podem ser encontrados em Levisky, D.L. Desenvolvimento psicossocial do adolescente. In: Setian, N. et al. *Adolescência*, 1979, onde o autor ressalta que “nestas sociedades, cujo ritual de passagem se caracteriza por intenso sofrimento físico ou psíquico, os jovens demonstram desejos ardorosos de se submeterem aos mesmos, pelo significado que representam em termos de aptidão, dignidade, consideração e aceitação pela sociedade adulta, já que tais rituais possibilitam-no exibir-se a si e aos demais parceiros e adultos, favorecendo o desenvolvimento de sentimentos de segurança, de auto-estima e de confiança” (p.67).

⁷ Sobre esta descontinuidade durante o curso da vida é interessante a observação de J. C. Rodrigues em *Tabu do Corpo*, 1986. O autor defende que a adolescência corresponde a uma categoria cujo conteúdo é ele mesmo visto como ambíguo, já que o adolescente é aquele que não é mais criança, mas ainda não é adulto, num estado que o autor classifica como sendo ‘intersticial’, com uma certa descontinuidade pela indefinição de papéis: “(...) muitas dificuldades que costumamos associar aos adolescentes têm sua origem exatamente no fato de seu papel não ser definido com clareza”(p.81).

Também com 18 anos, adota-se a concepção de que já se é “adulto” na legislação de trânsito vigente no país, onde somente podem ter carteira de motorista os que tiverem a idade igual ou superior a esta. A antecipação da liberação desta carteira já aos 16 anos é um assunto que se encontra constantemente em discussão⁸.

Contribuindo para esta “balbúrdia” quanto à entrada precisa na idade adulta, em países como o Brasil já se é “adulto” com 16 anos, pelo menos quando o assunto é o direito de voto em eleições, lei registrada em nossa constituição federal, amplamente debatida pela imprensa⁹.

Há de se acrescentar a confusão promovida, pelo enfoque da mídia no nosso país quanto ao direcionamento de sua programação para um certo público alvo. Isto porque existem programas dirigidos ao público adolescente que, para efeitos de programação, consideram como “adulto” somente aqueles com mais de 25 anos, como era o caso do programa *Matéria Prima*, veiculado na televisão pela emissora paulista TV Cultura no início desta década.

Para alguns, ainda é considerado adolescente o público com idade até 35 anos, como por exemplo defende a rede televisiva americana MTV, veiculada no Brasil em UHF e TV por assinatura, especializada numa programação voltada para música.

Assim, se para a programação da televisão brasileira mostra-se muitas vezes interessante prolongar a adolescência, protelando a entrada na idade adulta, por outro lado a rede bancária considera como adulto, pelo menos “o suficiente” para abrir uma conta, o cliente com idade superior a 13 anos de

⁸ Um exemplo das atuais discussões pode ser visto no artigo “Proibido para menores dirigir”, jornal *Folha de São Paulo*, 01/07/91, onde médicos e psicólogos defendem que o menor de idade pode dirigir baseado no argumento de que os reflexos de um jovem de 16 anos geralmente são mais rápidos que os de 18 anos.

⁹ A imprensa tem questionado sobre o assunto em artigos como o intitulado “Dirigir é mais fácil que votar”, *Folha de São Paulo*, 01/07/91, que questiona esta concessão de direito de voto aos menores, escolhendo o futuro do país, já que a responsabilidade de votar não seria menor do que a de dirigir e ainda não se concedeu ao menor este direito perante as leis de trânsito.

idade, conforme regimento de grandes bancos brasileiros, tanto públicos como privados¹⁰.

A respeito desta “imprecisão” quanto aos limites das fases adolescente/adulta, mostram-se aqui muito pertinentes os estudos de Featherstone¹¹, onde o autor sugere que atualmente podemos falar de distintos processos ou cursos de vida porque

“(...) em algumas sociedades, pode-se tentar adotar os hábitos e os valores do velho e tentar permanecer jovem; em outras sociedades, o velho assume os valores do jovem; isso significa também que em algumas sociedades pode haver tendências a empurrar todas as pessoas para o mesmo curso de vida”.

Tal fato, segundo o autor, provocaria a existência de um certo “embaçamento de fronteiras” entre a infância e a maturidade, com uma maior tolerância quanto às “crianças adultas” e “adultos infantis”. Outros importantes estudos também fizeram alusão ao assunto¹².

¹⁰ Para se ter uma idéia, o Banco do Brasil lançou a partir de 1997 o *BB Teen*, onde o jovem de 13 anos pode abrir uma conta, sacar dinheiro em qualquer agência do banco no país e também no exterior, por meio da rede Visa/Plus. Procurarei abordar neste trabalho mais a respeito da existência, na atual sociedade, de um marketing específico, endereçado ao público jovem.

¹¹ Featherstone, M. O curso da vida: corpo, cultura e o imaginário no processo de envelhecimento. In: Debert, G.G. (Org). *Antropologia e velhice. Textos Didáticos*, 1994, p.51.

¹² Entre eles ver o trabalho de Pierre Bourdieu, em “A juventude é apenas uma palavra”. In: _____. *Questões de sociologia*, 1983, p.112, onde o autor, tendo como referência de análise a juventude européia da década de 70, explicitou que “(...) as relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas, onde a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável”. Ver também o estudo de De Grazia, S., *Tiempo, trabajo y ocio*, 1966, p.275, onde, ao analisar a sociedade americana nos meados deste século, o autor retrucou que “em países que não têm dependência do relógio há um maior sentido do trânsito em relação ao tempo biológico; no ritmo das estações há uma consciência de idade: nos vemos atravessar a juventude, idade madura e velhice, (...) sem nada muito preciso com relação a estas unidades”. Outro estudo que trata amplamente sobre o assunto é o de Levi, G. e Schmitt, J.C., em *História dos jovens*, organizados em dois volumes: - *Da antiguidade a era moderna* - (vol.1), e - *A época contemporânea* - (vol.2), ambos de 1996. O extenso trabalho contém abordagens como a de Frascetti, A. em “O mundo romano”, demonstrando que na Roma antiga o entendimento sobre as idades do homem se baseava na *puer*, que durava até os sete anos, a *pueritia* dos sete aos quatorze anos, a adolescência (*adulescentia*) dos quatorze aos vinte e oito anos e a juventude (*inventus*) dos vinte e oito aos cinquenta anos; igualmente interessante é o estudo de Pastoureau, M,

Contudo, percebe-se atualmente na atual sociedade outros fatores que influenciam diretamente neste “embaçamento” quanto à passagem da adolescência para fase adulta, como o trabalho e a vida em família.

Sobre a influência do campo do trabalho, mostraram-se interessantes os relatos dos skatistas Marcelo Gonçalves, o *Seu Madruga*, Tiago Mansano de Lima, o *Lima*, e Fernando Guerra Jacomassi, o *Fê*, todos com 15 anos de idade, amadores na modalidade e praticantes na pista de São Bernardo do Campo:

Eu acho que a Adolescência vai acabar a hora que eu começar a trabalhar pra valer numa fábrica, aí acaba a diversão.

(*Seu Madruga*)

A adolescência deve acabar quando começa a trabalhar, pára de andar de skate e acaba a diversão, tipo assim uns 18 anos.

(*Lima*)

Vai acabar a adolescência quando começar a trabalhar sério.

(*Fê*)

Analisando tais depoimentos, verifica-se que estes skatistas têm, em comum, a admissão de que o trabalho (quando este chegar) determinará a entrada na vida adulta.

em “Os emblemas da juventude: atributos e representações dos jovens na imagem medieval”, onde o autor busca a imagem medieval da juventude na iconografia do período (em quadros, afrescos, esculturas e gravuras), concentrando-se em duas representações recorrentes de jovens: a do valete e a do cavaleiro, já que a passagem de um para outro marcaria a transição da infância para o mundo adulto.

Entretanto, a sociedade brasileira mostra uma realidade onde já há uma inserção dos adolescentes no campo do trabalho muito cedo, alguns mesmo até quando criança, principalmente os de classe economicamente baixa, como demonstra Zagury¹³ em sua pesquisa com adolescentes de sete capitais brasileiras e de distintos níveis sociais.

Colaborando para ampliar esta discussão, trago aqui o relato de um dos mais antigos frequentadores da pista de São Bernardo do Campo, considerado como o “veterano” do local: o skatista Aurélio Guilherme Peres Neto, o *Orelha*, de 35 anos:

Tem cara que se torna homem porque tem responsabilidade mais cedo, com 16 anos tem que sustentar a casa, entendeu.

(*Orelha*)

Sobre o assunto, Daolio¹⁴ desenvolveu uma análise sobre o perfil do trabalhador adolescente no Brasil, concluindo que o adolescente brasileiro vai buscar trabalho em qualquer lugar onde consiga algum dinheiro para contribuir com o já reduzido orçamento familiar, sendo que esta busca começa muito cedo, “(...)às vezes até mesmo antes do início da adolescência”.

Bosi¹⁵ acrescenta a isto o fato de que muitos adolescentes, além de trabalhadores, procuram encontrar um tempo para estudar:

“uma queixa constante do operário jovem é de que os períodos de trabalho ora diurnos, ora noturnos, impedem qualquer projeto de estudo,

¹³ Zagury, T. *O adolescente por ele mesmo*, 1996, p. 68.

¹⁴ Daolio, J. A importância da Educação Física para o adolescente que trabalha. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. v.8, n.1, set/1986, p.136.

¹⁵ Bosi, E. *Cultura de massa e cultura popular*, 1986, p.22.

fechando-lhe para sempre o acesso à universidade”.

Porém, entre o trabalho e os estudos, parece haver uma clara inclinação pelos adolescentes quanto ao primeiro. Uma pesquisa realizada pelo Datafolha, publicada no artigo “Pesquisa aponta as maiores preocupações dos jovens de SP”, no jornal *Folha de São Paulo*, em 02/09/96, às vésperas das eleições 96 para prefeito e vereadores em São Paulo, demonstrou que a maior preocupação do adolescente paulista na atualidade é o desemprego.

É importante destacar ainda que, ao contrário do que se pode pensar, os adolescentes de classe economicamente alta também estão engajados no trabalho, muitos deles coerentes com as expectativas dos pais¹⁶, aprendendo “desde cedo” a cuidar dos negócios da família, a fazer cursos de línguas, informática, e outros que visam a uma preparação para o futuro a fim de proporcionar uma continuidade dos bens familiares.

Perroti¹⁷ denuncia que genericamente é conferido ao adolescente o mérito de encarnar um “*adulto em miniatura*”, onde a finalidade máxima reside na preparação para um futuro próximo. Segundo o autor, reproduz-se uma concepção “*evolucionista*” de progresso, onde desde criança passamos a ser somente o depositário de um mundo criado por adultos, coerentes com as suas expectativas.

Já Ianni¹⁸ destacou, na década de 60 no Brasil, a “*preparação*” dos adolescentes pelos adultos frente a certos projetos de vida, apontando que

¹⁶ É o que mostra em sua pesquisa Forjaz, M.C., em Lazer e consumo cultural das elites. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, fev/1988. É válido destacar aqui também o estudo de Salem, T., em Filhos do milagre. *Ciência Hoje*. v.5, n.25, p.30-36, set.1986, onde a autora alerta para o fato de os adolescentes, principalmente os de classes sociais mais favorecidas, representarem os projetos dos próprios pais.

¹⁷ Perroti, E. A criança e a produção cultural. In: Zilberman, R. (Org.) *A produção cultural para a criança*, 1990, p.23.

¹⁸ Ianni, O. O jovem radical. In: Brito, S.(Org.). *Sociologia da juventude*, 1968.

“o grupo dos adultos atribui à juventude a função de preservar e renovar, segundo o sistema presente de valores, instituições e ideais coerentes com o ‘status quo’; ela é preparada para realizar o que os ‘velhos’ não teriam conseguido concretizar”.

Acredito também ser significativa a influência do campo familiar na discussão que aqui está sendo promovida. Utilizarei como um fator de investigação o depoimento da skatista Giuliana Ricomini, a *Giuliana*, de 21 anos, praticante nas pistas de São Bernardo e São Caetano:

Eu acho que não sou mais uma adolescente porque adolescente é quem tá começando agora e de repente eu saí de casa com 16 anos, eu já vivi muito. Ser ou não ser adolescente depende muito das experiências que você teve até hoje.

(Giuliana)

Este depoimento, ao meu ver, remete a uma reflexão sobre o grau de interferência familiar nos modos de vida dos adolescentes e como o desligamento desta influência pode levar (ou não) à entrada na vida adulta. Ao prestar um enfoque sobre a influência da família na vida dos adolescentes na sociedade européia, Mannheim (apud Ianni¹⁹) ressaltou que *“há um problema da adolescência em nossa sociedade: o conflito entre o desejo de autonomia do jovem e a insistência paterna em manter a dependência”*.

Entretanto, é interessante destacar que a saída de casa não pode ser encarada como uma aspiração de todos adolescentes. No Brasil, Larissa

¹⁹ Ianni, O. *op. cit.*, 1968.

Purvinni realizou em 1995 uma pesquisa para o DataFolha com adolescentes paulistanos de classe média e constatou que a casa da família é o melhor lugar para 87% dos “teens”²⁰ entrevistados. A conclusão da pesquisa foi publicada no artigo “Jovens desistem de ‘grito da independência’”, na *Folha de São Paulo*, c.6, p.1, de 06/03/95.

Uma outra pesquisa na cidade de São Paulo encaminhada pela revista *Veja* em 1996, confirma os resultados obtidos pelo DataFolha, apontando o fato de que, apesar do adolescente paulistano de classe baixa/média usufruir uma autonomia econômica impensável há duas gerações, a grande maioria não pensa em sair de casa, pesquisa esta publicada no artigo “Guia para pais aflitos”, na *Revista Veja* em 21/02/96.

Portanto, parece ser necessário questionar se elementos como a entrada no mercado de trabalho e o desligamento dos valores familiares podem ser apontados como referenciais unívocos de ingresso na vida adulta. Afinal, se assim considerássemos, as crianças que já trabalham, ou a maioria que nem sequer foge de casa, nem passariam pela adolescência?

Segundo Pais²¹, ao investigar a juventude portuguesa, aponta que os fatores trabalho e vida fora da família, ao lado do cumprimento do serviço militar (para os rapazes) e o matrimônio, há algumas décadas, eram indicadores marcantes da passagem para a vida adulta, ao se constituírem “*símbolos de emancipação*”.

Hoje em dia, segundo o autor, é muito difícil assumir com certeza se a vivência em tais indicadores implica necessariamente numa inserção na fase adulta, já que

²⁰ Esta palavra utilizada por Purvinni é derivada da palavra *Teenager*, que traduzido para o português refere-se a adolescente ou estudante secundarista. Vem sendo utilizada principalmente pelo marketing como sinônimo de jovem.

²¹ Pais, J.M. *Culturas Juvenis*, 1993, p.189.

“sob a aparente unidade da juventude (quando esta aparece referida a uma fase da vida) é possível encontrar uma diversidade de situações sociais que tornam heterogênea a experiência de ser jovem”.

“Teen”, adolescente, jovem, pré-adulto: considero-os aqui como sinônimos, onde a duração, a forma, as situações como são abordados variam intensamente de uma sociedade para outra e até mesmo dentro de uma própria sociedade, como vimos.

A intenção deste sub-item foi contribuir portanto para o estabelecimento de um debate sobre a juventude, desvelando sobretudo a expressiva dificuldade de fechá-la em termos de uma faixa etária. Procurarei investigar, no próximo sub-item deste capítulo, a relevância que o campo do lazer assume no estudo sobre a juventude.

I. 2 - O jovem no campo do lazer

Não se revela uma novidade notar que comumente confere-se à adolescência, quando abordada enquanto uma fase do ciclo de vida humana, um período tido como especial, já que são proclamadas intensivas mudanças de ordem física, cognitiva e afetiva num curto período de tempo.

Porém, mesmo considerado um assunto especial por muitos, a adolescência tem sido abordada em poucos estudos no Brasil quando se tem como tema o lazer ligado a este público. É como aponta Requixa²², em sua análise sobre o assunto, onde verifica que a adolescência tem sido abordada em estudos sem um posicionamento crítico, estes apontando-a muitas vezes para

²² Requixa, R. Juventude e tempo livre em países em desenvolvimento. *Boletim de intercâmbio*, 1980, p.8.

um esvaziamento moral e cultural nos dias atuais. Estes estudos, conforme Requixa, acabam por ser *“causa e consequência de generalizações, sendo o jovem ora uma fonte inesgotável de riquezas, ora um marginal em potencial”*.

Partir do lazer para se estudar o jovem na sociedade atual mostra-se portanto um desafio a trilhar. Isto também porque o próprio tema “lazer” está visivelmente sujeito a reservas, notadamente no âmbito acadêmico, onde é considerado por muitos como irrelevante.

Colaborando com esta discussão, Magnani²³ coloca que esta dificuldade se dá porque o lazer estaria *“(...) no oposto daquilo que se considera o lugar padrão da formação de consciência de classe”*, ou seja, em oposição ao campo do trabalho, considerado de vital importância, já que serve aos propósitos de uma sociedade capitalista.

Coerente com tal raciocínio, Oliveira²⁴ questiona

“o lazer das populações habitantes da periferia das cidades é tema importante para estudo? A resposta seria negativa se fosse feito um julgamento a partir da produção das ciências sociais”,

já que tradicionalmente tais ciências privilegiaram o campo do trabalho, em termos de abordagem nos trabalhos produzidos na área.

Marcellino²⁵ aponta ainda que

“...uma série de preconceitos é verificado no setor público e, inclusive no meio acadêmico,

²³ Magnani, J.G. *Festa no pedaço*, 1984, p.22.

²⁴ Oliveira, P. de S. Resenha de Festa no Pedaço. *Revista Estudos do Lazer*, out/1985.

²⁵ Marcellino, N.C. Subsídios para uma política de lazer: o papel da administração municipal. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. v.11, n.3, 1990, p.207.

quando o lazer é enfocado, principalmente se a questão envolve liberação de recursos”.

Tal dificuldade foi encontrada por César²⁶ em sua pesquisa sobre torcidas de futebol:

“...desde o momento em que me decidi pelo tema tive que enfrentar a incompreensão e a desaprovação da grande maioria; pesquisar o lúdico, o informal, o descompromissado, o lazer, parece que é sinônimo de irresponsabilidade e de superficialidade”.

Por outro lado, mesmo com todas as dificuldades que comumente se observam ao abordar um tema como o lazer, tal campo pode se transformar em um veículo privilegiado de acesso à informações, no caso, sobre a cultura juvenil - que outros campos poderiam omitir.

Magnani²⁷ registrou tal fato em sua pesquisa, onde a possibilidade de entrada no grupo pesquisado e a fertilidade dos dados colhidos deu-se fundamentalmente pela esfera do lazer, de tal sorte que *“...as formas de entretenimento e cultura popular podem constituir realidade privilegiada para compreensões diversas”.*

Fato este provavelmente sentido por Silva²⁸, em sua pesquisa sobre o reggae em São Luís do Maranhão, quando afirma que

“a opção pelas festas de reggae deu-se em função de que foi nas atividades de lazer que eu pude fazer mais concretamente esta

²⁶ César, B.T. Os Gaviões da Fiel e a águia do capitalismo...ou o duelo. *Dissertação de Mestrado*, 1981, p.1.

²⁷ Magnani, J.G. *op.cit.*, 1984, p.22.

²⁸ Silva, C. B. R. da. Da terra das primaveras à ilha do amor: reggae, lazer e identidade em São Luís do Maranhão. *Dissertação de Mestrado*, 1992, p.18.

constatação, de que ali havia uma presença maciça da população negra e que através do lazer, demonstrava ativamente a sua participação na vida sócio-cultural de São Luís” (grifo meu).

Acredito, como os autores abordados, na relevância que assume o campo do lazer enquanto via de análise de um determinado grupo, já que tal esfera me possibilitou uma interessante oportunidade de refletir a respeito do modo de vida dos skatistas.

Há de se acrescentar a isto o fato de que o tema lazer, mesmo sem ainda o devido mérito acadêmico no nosso país, é atualmente um dos elementos que tem aparecido com mais destaque na vida cotidiana, principalmente quando o assunto é qualidade de vida. Bruhns²⁹ destaca que

“o fenômeno do lazer vem se apresentando como justificativa para muitas práticas e opções de vida; a sociedade vem se urbanizando cada vez mais em consequência do avanço industrial; mudam-se as concepções, os conceitos e os comportamentos”.

No que diz respeito a esta aparição massiva do lazer na sociedade, Marcellino³⁰ ressalta ainda o fato de que

“nas reivindicações das associações de moradores, nos luminosos das lojas, nos anúncios de imobiliárias, nas propostas dos candidatos a cargos públicos, nos títulos de

²⁹ Bruhns, H.T. O culto do corpo-prazer, o fenômeno lazer e o lúdico. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 12 (1, 2, 3), 1993, p. 271.

³⁰ Marcellino, N.C. *Capacitação de animadores sócio-culturais*, 1994, p.11.

revistas, nas seções dos jornais, e em muitas outras situações da vida quotidiana, a palavra lazer vem aparecendo com uma frequência cada vez maior, que não se verificava até bem pouco tempo atrás, pelo menos com tanto destaque”.

Mostra-se evidente o atual engajamento da população brasileira, sobretudo a urbana, nas discussões que envolvem o campo do lazer, seja pela demanda cada vez mais emergente na procura por uma qualidade de vida, seja motivado pelo número expressivo que este campo tem movimentado nos setores de serviços.

Para efeito de estudo no meu trabalho junto ao grupo de skatistas, mostra-se necessário considerar a especialização dos estudos do lazer em faixas etárias, já que tal fato pode elucidar a presença do lazer atrelado ao modo de vida do adolescente - skatista. Como reforça Marcellino³¹:

“obedecendo a uma característica que se observa também em outras esferas de conhecimento, o estudo do lazer vem se especializando, quer em termos de faixa etária, ou de conteúdos de atividades”.

A questão do estudo do lazer, específico para tal público, e das distintas formas de apropriação do *“tempo disponível”*³² apresentam-se fundamentais em qualquer discussão que pretenda hoje refletir o comportamento do jovem na

³¹ Marcellino, N.C. Perspectivas para o lazer: mercadoria ou sinal de utopia? In: Moreira, W.W. (Org.) *Educação Física e esportes: perspectivas para o século XXI*, 1992.

³² A expressão “tempo disponível” será preferida aqui ao invés de “tempo livre” conforme classificação de Marcellino em *Lazer e Educação*, 1995: “...tempo algum pode ser considerado livre de coações ou normas de conduta social” (p.29).

sociedade em que vive. É como sugere Pais³³, em seu trabalho sobre a juventude portuguesa: *“pode-se mesmo dizer que quem não quiser falar de lazer deve calar-se se sobre juventude quiser falar”*.

Torna-se assim relevante verificar como a vivência da esfera do lazer pelos jovens pode mostrar-se intensamente reveladora, elucidando elementos que a análise em outros campos, como o do trabalho ou da família, poderiam não demonstrar. Como destaca Magnani³⁴,

“o momento do lazer - instante de esquecimento das dificuldades do dia-a-dia - é também aquele momento e oportunidade do encontro, do estabelecimento de laços, do reforço dos vínculos de lealdade e reciprocidade, da construção das diferenciações”.

É válido evidenciar que toda uma problemática parece tomar corpo quando se tem por análise o tempo disponível pertinente ao adolescente, e as questões que envolvem aí o lazer e suas características na sociedade moderna. Isto porque estes são indicados como privilegiados nas condições de acesso ao lazer, muitas vezes afirmando-se até que este seria o único grupo capaz de desfrutá-lo integralmente. Ou seja, em nível de senso comum pode parecer que a busca pela “farra”, pela diversão, seria anseio comum, senão exclusivo, apenas ao alcance do jovem. Como coloca Pais³⁵:

“as práticas culturais juvenis têm uma particularidade comum: muitas delas ocorrem no domínio do lazer; por tal motivo, essas

³³ Pais, J.M. *op.cit.*, 1993, p. 132.

³⁴ Magnani, J.G.C. Lazer dos trabalhadores. *Revista São Paulo em perspectiva*. 2 (3): 37-39, jul/set, 1988, p. 39.

³⁵ Pais, J, M. *op. cit.*, 1993, p. 188.

práticas têm semelhanças morfológicas ou de superfície que - poderíamos dizer - são próprias da 'juventude' quando esta se toma como um colectivo referido a uma fase de vida; ou seja, são essas semelhanças morfológicas que estarão na base daquilo que as chamadas 'culturas juvenis' possam ter de comum''.

Entretanto, me parece ser um reducionismo acreditar que o lazer se constitui num campo acessível somente aos jovens, já que tal busca obviamente também é pertinente à toda população, com características que lhe são próprias.

Outra problemática que precisa ser apontada é a de que, frequentemente, apresenta-se como perspectiva o lazer, no que se refere ao jovem, ligado a uma visão “funcionalista” de sociedade. Acredito que a vertente funcionalista de cunho **moralista** é a que mais se apresenta quando se tem por discussão tal tema. Esta vertente prega o lazer enquanto uma espécie de “faca de dois gumes”, onde este campo pode configurar-se em um espaço para a realização de valores conturbadores da tranquilidade, ordem e segurança social³⁶.

Sobre o aspecto moralista, mostra-se também interessante a reflexão de Bruhns³⁷, onde a autora assinala que “*uma faceta moralista ataca a tendência atual dos jovens de não privilegiarem o trabalho e os estudos*”.

Resgatando elementos explicativos na história brasileira, Costa³⁸ destacou em seu trabalho, ao explicitar a influência médica nos hábitos e comportamentos dos brasileiros em meados do século XIX, como transparecia

³⁶ Sobre as abordagens funcionalistas do lazer ver em Marcellino, N.C. *Estudos do lazer: uma introdução*, 1996, p. 47.

³⁷ Bruhns, H. T. O corpo joga, trabalha, dança e festeja. *Tese de doutorado*, 1992, p.71.

³⁸ Costa, J. F. *Ordem médica e norma familiar*, 1983, p.184.

um caráter tipicamente moralista no controle do tempo extra-escolar dos jovens daquela época, apontando que

“a finalidade explícita deste controle do tempo era de não deixar margem à ociosidade, já que o ócio induzia à vagabundagem, à capoeiragem e aos vícios prejudiciais ao desenvolvimento físico e moral”.

Ainda me respaldando na história do nosso país relativa ao controle moralista do tempo específico à juventude, destaco aqui o estudo de Azevedo³⁹ na década de 30 no Brasil. O autor, ao se referir à prática de atividades físicas direcionadas aos jovens num tempo fora das obrigações escolares, afirma que

“somos mesmo da opinião que alguns jogos devem ser contemplados num programa científico como uma parte complementar à ginástica racional, também para adaptar os adolescentes à aplicação de um meio fácil e cheio de atrativos com que possam, na vida extra-escolar, ocorrer à necessidade de produzir sempre, semanalmente, uma quantidade de trabalho suficiente para a conservação do seu equilíbrio fisiológico”.

De Grazia⁴⁰, ao abordar a questão do moralismo no tempo livre dos jovens americanos na década de 60, critica a juventude da sua época por não ser livre nem na prática, nem segundo a lei, nem segundo os costumes, isto

³⁹ Azevedo, F. *Da Educação Física*, 1937, p.117.

⁴⁰ De Grazia, S. *op.cit.*, 1966, p.331.

porque pais, professores e demais vinham assumindo a função de tutelar e vigiar os menores. Assim sendo, o autor explicou:

“tem-se que o jovem nem pode estar livre de necessidade nem seja capaz de lazer; o termo menor expressa seu estado de inferioridade; não podem formar suas próprias normas, a boa educação pretende dar-lhes a base adequada”.

Segundo ainda De Grazia, na tentativa de educar este tempo, a sociedade se valeria de estratégias como *“os cursos de lazer, treinamento de hobbies, arte e artesanato para jovens”*, isto porque

“sobretudo para o jovem e o rebelde as atividades de tempo livre podem estar à bordo da imoralidade; (...) caem às vezes nesta estranha divisão que se encontra entre a diversão e a moral, a lei e os costumes amplamente concebidos em sua letra, espírito, aplicação, história ou antropologia”.

Esta característica de moralismo, presente na análise do tempo livre dos jovens, deixa no lazer a marca da ambiguidade, pois ora a sociedade o vê como um tempo possível para a realização de valores tidos como aceitáveis e fundamental para o desenvolvimento e adequação ao “status quo”, ora é visto como desagregador e destrutivo, conturbador da ordem, como bem coloca Requixa⁴¹

“o tempo livre não é apenas o espaço para o desenvolvimento pessoal e social do indivíduo: é também o espaço de produção de fenômenos

⁴¹ Requixa, R. *op.cit.*, 1980, p. 15.

suspeitos diante dos valores das sociedades modernas”.

O aspecto moralista poderá ser ainda facilmente encontrado nos ditos “esportes radicais” (fato que abordarei posteriormente), esportes estes que têm arregimentado muitos adeptos atualmente no mundo e, em especial, no nosso país, e que se fundamentam na simpatia pela aventura, pelo gosto do risco, o que parece em primeira análise mais traduzir uma busca pela experimentação do que a configuração de uma atividade destrutiva, como muitos ainda pensam em senso comum.

Considerações relativas a tais esportes, sobretudo no que diz respeito à prática do skate, e a importância destes na configuração da esfera do lazer dos jovens do ABC paulista serão alguns dos assuntos que me dedicarei no próximo item.

II- Estilo jovem e esportes radicais

Neste item, investigarei quais elementos influenciam a consideração de um esporte enquanto “radical”, procurando evidenciar como se dá a manifestação deste elemento em atividades praticadas costumeiramente no universo juvenil.

II. 1 O elemento “radical” no âmbito esportivo

A palavra “radical” geralmente sugere dois entendimentos: relativo a **extremista**, quando aplicado ao campo da *política*⁴², ou ainda relativo à **raiz**,

⁴² Como por exemplo na manchete: “Eleição Libanesa: radicais vencem no sul”, *Folha de São Paulo*, 11/09/96 (grifo meu).

onde se conhecerá algo indo buscar informações na origem, frequentemente utilizado por exemplo no campo da *filosofia*.

Entretanto, no âmbito dos esportes, veremos que a palavra **radical** irá ganhar um outro significado. Antes, porém, vale frisar que os esportes radicais parecem ter começado a ganhar expressão no Brasil na década de 80, onde desde então vem sendo notado um considerável incremento no número de adeptos.

Tais esportes têm em comum o gosto pelo risco e pela aventura, muitos com a proposta de se engajar também em causas de preservação ecológica. A cada mês parece ser inventado um novo tipo de esporte radical (a maioria deles nos Estados Unidos e Europa), tal a velocidade com que eles chegam no nosso país.

Exceto pela já tradicional presença no Brasil de modalidades como o *alpinismo* e o *pára-quedismo*, a entrada recente dos esportes radicais no país fez com que não tenhamos ainda uma bibliografia nacional considerável que verse sobre o tema.

As modalidades de esportes radicais costumam ser classificadas conforme o ambiente em que são praticadas, tanto aqui no Brasil como fora do nosso país, em **aéreos**, **aquáticos** e **terrestres**⁴³.

Tais esportes variam também no custo de seus equipamentos, atingindo um público diferenciado conforme o seu potencial econômico. Entre todos estes esportes radicais citados, o *skate* receberá um tratamento especial, em virtude dos objetivos traçados neste trabalho.

⁴³ No *anexo 1* procurei listar vários tipos de **esportes radicais**, explicitando características básicas inerentes a algumas destas modalidades esportivas.

Procurando investigar como se daria este elemento radical na modalidade terrestre skate, obtive respostas de alguns skatistas do ABC paulista que poderiam aguçar o entendimento destas práticas.

Entre as respostas estão a do skatista *Lima*, e de Maurício Hube, o *Chileno*, de 28 anos, skatista e fabricante de *shapes*⁴⁴ na região do ABC paulista:

Radical é aquela manobra mais difícil, mais complicada.

(*Lima*)

O cara sai voando muito alto, bate o skate na borda da pista, pá, a pista já tem três metros e trinta (referindo-se ao *half-pipe*⁴⁵) e o cara sai mais três metros e trinta, quer dizer, o cara tá então seis e sessenta do chão, entendeu, é radical, transmite emoção, o coração bate mais forte.

(*Chileno*)

Como no relato destes skatistas, percebe-se que os praticantes de esportes radicais, de uma forma geral, jogam a todo momento com o risco de uma queda, de um afogamento, ou qualquer outra ocorrência que possa até custar a sua vida. Sobre o assunto, *Renatinha* também deu sua opinião:

Radical é aquele que dá perigo, que oferece perigo, né. Acho que no skate você pode cair e se machucar.

(*Renatinha*)

⁴⁴ O shape é a tábua de madeira do skate, onde o skatista apoia seus pés.

⁴⁵ O *half-pipe* é uma pista em formato de “u”, onde o skatista pega muita velocidade possibilitando uma fase aérea, perdendo momentaneamente o contato com o chão e podendo realizar no ar várias manobras. Tanto o *half-pipe*, como outras pistas características do skate, receberão menção especial no capítulo seguinte.

Pude verificar que a queda na modalidade skate ocorre com muita frequência, fato que presenciei várias vezes, mas uma em especial me chamou a atenção: foi durante o oitavo torneio de São Caetano em 1996 quando um skatista, ao tentar executar uma manobra, teve aparentemente uma queda muito violenta, batendo a cabeça no chão. Por se tratar de um dia de torneio, havia uma equipe médica presente na pista que rapidamente foi mobilizada, mostrando a eficiente organização do evento.

Infelizmente, não consegui conversar com o skatista pois este ficou sob cuidados médicos num espaço reservado da pista. O que chamava atenção era que ele e a expressiva maioria dos skatistas ali presentes não usavam os equipamentos básicos de segurança⁴⁶.

Tive posteriormente a oportunidade de conversar com um dos médicos que atendeu o skatista. Gentilmente, o médico (Dr. Jorge Tadeu, responsável pela equipe médica do torneio) atestou que o paciente estava bem, apenas com umas escoriações sobre o corpo. Quando questionado sobre quais as ocorrências mais comuns que acontecem na modalidade, o Dr. Jorge colocou que:

Perto da radicalidade do esporte, eu acho que as ocorrências têm sido simples e, como em qualquer outro esporte, quanto mais profissional ele for, o nível de noção pelos atletas é muito maior e eles se machucam muito menos; as principais lesões que tivemos aqui foram simples escoriações.

Sobre a possibilidade do uso dos equipamentos de segurança reduzirem os riscos de lesões mais graves, o Dr. Jorge apontou:

⁴⁶ Como equipamentos básicos de segurança para o skatista poderiam ser usados joelheiras, cotoveleiras, capacetes e *wrist guards* (protetores de punho).

Na parte de **half** (referindo-se ao **half pipe**, onde ocorreria logo mais um *desafio* envolvendo skatistas, *bikers* e *rollers*) o uso de equipamentos é muito importante. Acredito que os skatistas não usem os equipamentos porque dificulta muito as manobras deles, né, os malabarismos.

O fato do não uso dos equipamentos no skate parece ser um “ingrediente a mais” para tornar a modalidade “excitante”, “não convencional”, “radical”, evocando os sentimentos de aventura, emoção.

Os esportes radicais poderiam estar inseridos no que Parlebás⁴⁷, ao citar as relações do praticante com o meio físico, classifica como sendo práticas em ambiente “*selvagem e não condicionado*”, já que nesta categoria as ações sofrem um ajustamento à novidade e procuram se superar frente à costumeiros imprevistos. Em obra anterior⁴⁸, Parlebás já havia ressaltado que o praticante se mantém, quando num meio recheado de incógnitas e imprevistos, em “(...) *constante diálogo com as propriedades do espaço motor, determinantes de suas condutas motrizes*”.

Sobre este encontro com o “imprevisto”, Pociello⁴⁹ defende que

“poder-se-á brincar de sentir medo no ar e no mar, sobre a onda ou sobre o rochedo, nas subidas ou nas descidas, no vazio que beira a catástrofe, de forma a experimentar realmente as sensações excitantes dos sonhos de vôo, ou

⁴⁷ Parlebás, P. *Perspectivas para una educación física moderna*, 1987, p.13.

⁴⁸ Parlebás, P. *Elementos de sociología del deporte*, 1986, p.119.

⁴⁹ Pociello, C. Os desafios da leveza: as práticas corporais em mutação. *Políticas do corpo*, 1995.

saborear essa dinâmica mais modesta do salto”.

Esta experiência do “risco” poderia estar ligada ao elemento “ilinx”, proposto por Caillois⁵⁰ quando na classificação dos jogos, onde este se caracteriza por “(...) *um estado orgânico de confusão e estupor*”. Os jogos inseridos no “ilinx”, segundo o autor, consistem “(...) *em uma tentativa de destruir por um instante a estabilidade da percepção e infligir à consciência lúcida uma espécie de pânico voluptuoso*”.

Conforme Neto⁵¹, os esportes radicais sugerem “(...) *um novo paradigma de acção, ao explorarem o sentido do limite físico e simbólico do corpo*”. Sendo assim, segundo o autor, definem-se como “(...) *formas de manifestação ordálica (abandono de si ao julgamento dos deuses)*”.

Le Breton (apud Neto⁵²) acredita que a “paixão” pelo risco seria

“(...) uma forma de afrontar a morte segundo um modo metafórico, garantir a existência, abandonar provisoriamente o conforto e a segurança ou a necessidade antropológica de existência em situações ativas no sentido de um sistema simbólico que estrutura mudanças”.

No próximo sub-item, procurarei aproximar tais características evocadas nos esportes radicais às práticas realizadas no universo juvenil, sobretudo no que concerne àquelas realizadas no campo do lazer.

⁵⁰ Caillois, R. *Teoria de los juegos*, 1958, p. 42.

⁵¹ Neto, C.A.F. *Desporto radical ou radicalização do desporto? Anais do Congresso latino americano de esporte para todos*, 1996.

⁵² Neto, C.A.F. *op. cit.*, 1996.

II . 2 - Esportes radicais e cultura jovem

Pode parecer aqui que se queira afirmar que os esportes radicais sejam praticados apenas por adolescentes, como alguma coisa “típica da idade”. Entretanto, verifica-se o fato de não serem apenas estes os praticantes de tais esportes e sim pessoas de todas as idades, possivelmente movidas por um certo “espírito ou sentimento de jovialidade” que estas modalidades podem vir a proporcionar.

Ao falar de uma “cultura jovem”, penso que adolescentes de distintas épocas, lugares e ambientes sociais procuram constantemente dar às suas ações um estilo de vida que lhe seja peculiar, estilo este muitas vezes caracterizado pela inovação, pela negação dos valores considerados tradicionais, e tais características se aproximam de uma forma bastante expressiva das atitudes deferidas pelos praticantes de esportes radicais. Conforme aponta Pais⁵³,

“entre as jovens gerações o que encontramos é um gosto crescente e renascido pela aventura, pelo risco, pela descoberta: a descoberta de si próprio por referência aos outros, e nessa descoberta as dimensões sociabilísticas da vida são preferencialmente eleitas”.

Na literatura nacional pode ser encontrada a associação do adolescente com o elemento “radical” sobretudo no plano político, como coloca Ianni⁵⁴ quando se refere ao *jovem radical*

⁵³ Pais, J.M. A vida como aventura: uma nova ética de lazer? *Actas do Congresso Mundial de Lazer*, jun/92.

⁵⁴ Ianni, O. *op.cit.*, 1968, p.242.

“(...) como a estrutura do sistema social é alienadora, produz-se, em consequência, o radicalismo que se funda numa consciência adequada, sintetizadora; daí a atuação política radical como uma relação de negatividade com o presente; no processo de retotalização da personalidade em desenvolvimento na adolescência, o jovem organiza intelectualmente a sociedade global em termos concretos, totalizando a sua personalidade com base numa nova e muito mais ampla visão do mundo”.

Defendo que a questão dos esportes radicais esteja relacionada diretamente com a cultura adolescente basicamente de duas formas: na primeira, atividades costumeiramente vivenciadas pelos adolescentes, sobretudo no campo do lazer, como é o caso do skate, evocam a busca pela inovação, pela quebra com o tradicional, influenciando consideravelmente a criação do elemento “radical” nos esportes que, como vimos, arregimentam adeptos de vários segmentos etários.

Por outro lado, vejo que os esportes radicais podem se constituir para o adolescente em uma ferramenta importante na busca de sua identidade, constituindo-se em um espaço extremamente significativo onde ele pode vivenciar a vida em grupo, a expressão de sentimentos, o gosto pela aventura, elementos estes característicos, porém não exclusivos, desta fase da vida.

Uma pesquisa realizada na cidade de São Paulo em 1995, publicada na revista *Tribo Skate*, n.17, em dezembro do mesmo ano, apontou que o skate se encontrava em sexto lugar na preferência de jovens paulistanos de 14 a 21

anos, ficando empatado ao lado do surf, atrás de esportes convencionais como futebol, vôlei, natação, handebol e basquete. Acredito que tal fato demonstra a atual relevância desta modalidade no contexto esportivo nacional, encontrando geralmente adeptos pertencentes ao segmento jovem da população.

A modalidade skate pode simbolizar, enquanto prática vivenciada pelo adolescente, uma busca da identidade pessoal e uma forma de evidenciar sua cultura perante a sociedade, aproximando-se da colocação de Leif e Brunelle⁵⁵ de que “*a adolescência, sempre de aparência enganadora, talvez não passe de um grande jogo*”. Assim, é possível registrar depoimentos como o de *Chileno*, *Renatinha* e *Giuliana* sobre a importância da prática da modalidade:

O skate para mim é a forma que eu encontrei para viver, é o equilíbrio, uma terapia, eu esqueço os problemas. Você vê o skate e fica fascinado: você quer andar de manhã, de tarde, à noite. É muito legal, cara.

(Chileno)

O skate, pra dizer a verdade, faz parte da minha vida desde os 14 anos; não consegui parar, tá na veia, não tem jeito, não tem como parar, sinto falta, é como um vício pra mim.

(Renatinha)

O skate na minha vida é tudo; a minha vida hoje em dia é o skate.

(Giuliana)

Conversei também, durante a realização do oitavo torneio em São Caetano, com o skatista profissional Rodrigo Menezes, de 19 anos de idade, ou

⁵⁵ Leif, J. e Brunelle, L. *O jogo pelo jogo*, 1978.

simplesmente, *Digo*, campeão mundial de skate na Alemanha em 96. *Digo* falou sobre a ligação do esporte que pratica com a juventude:

O skate é bem ligado à juventude, tipo o *Orelha*, vai, tem uma idade aí e a gente olha pro cara e pensa: se o cara não tivesse andando de *skate*, pô, a gente ia tirar o cara de tiozinho, né, mas o cara vem com o skate na mão e a gente pensa, o que será que tá acontecendo, é bom pra caramba, eu acho legal, é um lance de juventude. Eu me considero jovem também, você olha pro skatista: é molecção, boné pra trás. É muito legal, cara.

Os depoimentos destes skatistas colocam a modalidade além de uma simples prática: parece se constituir para eles a possibilidade de contato com um novo grupo, um novo linguajar, uma típica forma de se comportar e expressar perante o mundo em que vivem.

Todavia, mesmo enquanto expressão da cultura juvenil, o skate não parece estar livre do preconceito de pessoas que o vêem “de fora”, como denunciam os skatistas *Seu Madruga* e César Bragança Gyrão, o *Gyrão*, este último com 34 anos de idade:

Todo mundo acha que skatista é maconheiro, os cara já discrimina. Você vai dar rolê na rua, você tem mais chance da polícia te parar do que qualquer outra coisa.

(*Seu Madruga*)

Quantas vezes você foi tirado de maluco por andar de skate?
Sempre vai haver quem não compreenda sua escolha. É
assim desde que o homem inventou a roda.

(*Gyrão*)

Percebe-se portanto, no relato destes skatistas, que a sociedade em geral tem olhado para a modalidade, e conseqüentemente para seus praticantes, de uma forma discriminatória e preconceituosa. Mas será que este preconceito já viria de dentro da própria casa, por exemplo dos próprios pais? Fui à campo verificar alguns depoimentos, destacando as respostas de *Renatinha*, *Limpa* e *Seu Madruga*:

Proibição dos pais rola bastante, no meu caso ainda até hoje. Faz 10 anos que eu ando de skate e eles ainda não gostam da idéia, porque eles acham que não é um esporte, começa por aí, que é uma coisa à toa, que quem anda não trabalha, é tudo vagabundo.

(*Renatinha*)

Skate muitas vezes é um terror para os pais, é onde o filho vai fumar maconha, onde vai depois buscar o filho na cadeia; eles pensam que é só uma fase, mas muitos continuam.

(*Limpa*)

Meus pais, vixi, meu pai não banca nada. Ele fala que eu não vou ter futuro nenhum andando de skate, mas por diversão, ele não proíbe.

(*Seu Madruga*)

Mas o preconceito por parte dos pais parece não ser regra geral, já que são, muitas vezes, os próprios pais quem compram o primeiro *skate* para os filhos, como salienta a skatista *Giuliana*:

Quando comecei a andar, inclusive foi o meu pai que me deu meu primeiro skate, tinha 12, quase 13 anos.

(*Giuliana*)

Tive também a oportunidade de conversar sobre o assunto, durante o oitavo torneio de São Caetano, com Rodil Rubens de Araújo Júnior, ou *Ferrugem*, como é mais conhecido no mundo do skate. *Ferrugem* tem 18 anos e é o atual campeão mundial de skate nos “X Games”⁵⁶ e, assim como *Digo*, tido como ídolo por muitos skatistas na atualidade. O skatista revelou o papel fundamental que seu pai teve em toda sua carreira, até mesmo no início:

Eu comecei porque meu pai me deu dinheiro pra colocar na poupança e aí eu resolvi comprar um skate. Desde aí eu sempre andei, andei, peguei patrocínio depois, e vou ser agora tri campeão brasileiro; já fui campeão mundial do *Extreme*.

O pai de *Ferrugem*, o Sr. Rodil Rubens de Araújo, estava também no torneio em que o filho disputava quando o entrevistei, acompanhando todos os detalhes de perto. Conversei com ele sobre o que achava do apoio dos pais no skate:

⁵⁶ Extreme Games, ou somente X Games, é um evento realizado anualmente nos Estados Unidos, a partir de 95, e que reúne modalidades de esportes radicais numa espécie de Olimpíadas. Mais considerações sobre este torneio internacional e a respeito da participação de *Ferrugem* no evento, voltarei a abordar no capítulo III.

É isso aí, acho que o bom pai tem que acompanhar o filho em qualquer atividade esportiva, dar apoio no que for preciso.

O apoio dos pais, conforme o depoimento dos skatistas, parece vir ligado também à possibilidade de compra dos equipamentos para a prática deste esporte radical, sendo que, como já havia ressaltado no sub-item anterior, o custo destes influencia na escolha da modalidade que se pratica.

Como exemplo de esporte radical de alto custo está o *pára-quedismo*, onde apenas um salto, com um prévio curso teórico para os iniciantes, dificilmente vai sair por menos de R\$ 250,00 no estado de São Paulo⁵⁷. Já o skate, segundo seus praticantes, é uma modalidade considerada de baixo custo:

Não é caro praticar *skate*, dá pra comprar numa boa.
(*Seu Madruga*)

O skate não é caro porque não precisa repor peça toda hora.
(*Lima*)

Antigamente era muito mais caro que hoje, já que hoje é mais fácil adquirir um skate de nível bom e ainda nacional, antes era tudo importado.
(*Limpa*)

Tendo ou não o apoio dos pais, o skatista vai driblando as dificuldades e na maioria das vezes não deixa de fazer o que mais gosta.

Outro fator a ser analisado é que o skate, além de ser uma modalidade inserida no universo dos esportes radicais (e que, como vimos, os valores

⁵⁷ Preços de dezembro/96. Fonte: *Agência 360 graus* - atividades ambientais / esportes radicais, com sede em Santo André - SP.

ligados a estes esportes nem sempre são bem vistos por setores mais conservadores da sociedade), é uma atividade que lembra “rua”, que é realizado na “rua” e com características tipicamente urbanas.

Conforme apontam Santos e colaboradores⁵⁸, referindo-se aos jovens que têm maioritariamente na rua suas experiências de lazer,

“(...) o fato de estarem nas ruas não significa que estejam fora do sistema de valores que regem as relações entre os homens; não estão excluídos das regras de convivência, de etiqueta, do exercício da autoridade”.

Sobre esta característica da modalidade, Gyrão aponta que

O skate é um passo para a rua; é a conquista da rua.

(Gyrão)

Assim, o elemento rua se aproximaria com as características pertinentes ao skate, como bem explicita Rushkoff⁵⁹: *“o skateboard verdadeiro, de rua, é um exercício de conquista do terreno urbano que resiste à linearidade dos percursos”.*

Conquistar a rua, neste sentido, perspectivaría ressignificar um espaço tido muitas vezes como estranho, hostil, onde a impessoalidade impera. Extrapolar a compreensão de rua enquanto apenas um “lugar de passagem” significaria identificá-la em termos de valores e significados, o que pode ser aproximado da reflexão de Santos e colaboradores⁶⁰, no fato dos autores apontarem que *“a experiência do espaço urbano fundamenta a intuição de*

⁵⁸ Santos, C.N. et al. *Quando a rua vira casa*, 1985, p.99.

⁵⁹ Rushkoff, D. *Playing the future*, obra comentada na *Folha de São Paulo*, c.5, p.5, 06/10/96.

⁶⁰ Santos, C.N. et al. *op.cit.*, 1985, p.24.

que rua é mais que via, trilho ou caminho (...) é um universo de múltiplos eventos e relações”.

Magnani⁶¹ ressalta que, quando abordamos o elemento “rua”, não podemos nos limitar “à materialidade” que a mesma evoca quanto a um “*elemento físico constante da paisagem urbana*”, mas sim nos remetermos “*(...) a um conjunto definido de normas, direitos, deveres, costumes, comportamentos e expectativas (...)*”.

Conforme Da Matta⁶², a rua, na realidade brasileira, costumeiramente se enquadra em uma “categoria sociológica” em oposição à outra categoria, a casa. Contudo, como ressaltam Santos e colaboradores⁶³, é possível relativizar esta oposição, apontando que

“a relatividade do público e do privado, ou da casa e da rua, fica mais evidente ainda se considerarmos sua relação com os respectivos grupos que usam esses espaços, ou que têm pertinência dentro deles” (grifo meu).

Acredito que os skatistas podem ser considerados como um dos grupos que possuem esta “pertinência” no espaço urbano, colaborando para “colorir” o mesmo, revestindo-o de significados.

Enfim, a experiência urbana vivenciada pelos esportes radicais poderia se constituir para o jovem em um importante espaço de expressão, de busca de valores. Seja na própria “rua” ou em espaços no contexto urbano que igualmente revelam significados, como as pistas de skate, o skatista pode vivenciar a oportunidade de se identificar perante o mundo, seja por meio da

⁶¹ Magnani, J.G.C. *Transformações na cultura urbana das grandes metrópoles*, 1996, p.8 (mimeo).

⁶² Da Matta, R. *A casa e a rua*, 1987, p.15.

⁶³ Santos, C.N. et al., *op.cit.*, 1985, p.96.

música, de uma linguagem ou forma de se vestir característica, da formação dos grupos na busca dos “iguais”, assuntos para o próximo capítulo.

CAPÍTULO II

O *SKATE* PODE REVELAR PISTAS...

Neste capítulo procurarei investigar aspectos que permitam analisar o cotidiano dos jovens, enfocando skatistas do ABC paulista.

Para tal, dividirei o capítulo em três itens: no primeiro, de forma geral, discutirei o surgimento das pistas de *skate* no mundo, procurando posteriormente dar tratamento específico à atual realidade das pistas no ABC paulista; no segundo, discutirei elementos que levam o skatista a se identificar no interior dos grupos; e, por último, no terceiro item, enfocarei a relação entre gêneros masculino/feminino nos praticantes da modalidade.

I - Realidade das pistas no ABC paulista

Para ampliar a discussão, procurarei primeiramente explicação na história das pistas de skate ao redor do mundo. Logo após, farei uma análise sobre as pistas municipais de *skate* das cidades paulistas de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul. Concluindo o item, discutirei como tais pistas podem extrapolar seu mero caráter físico, desvelando significados nos usuários desta área de lazer.

I . 1 - Surgimento mundial das pistas de skate

Na intenção de discutir o surgimento das pistas de *skate* em nível mundial, verifiquei não haver registro oficial no país de fontes documentais, apenas relatos de skatistas mais experientes na modalidade.

Um skatista que colaborou com seus conhecimentos a respeito do assunto foi *Flavinho*. O skatista revelou-me alguns momentos históricos que marcaram a criação dos tipos de *pistas de skate* que temos atualmente, sendo que o primeiro deles ocorreu em meados dos anos 60, época em que os skatistas da Califórnia começaram a andar de skate em piscinas arredondadas vazias, sugerindo a criação da pista *vertical*¹.

Porém, no final dos anos 70 até meados dos anos 80, o *skate* sofreu uma certa crise com o fechamento de muitas pistas em todo mundo devido a processos abertos juridicamente por causa de uma série de acidentes ocorridos nas mesmas.

Diante deste fato, *Flavinho* apontou que o skate “*deu uma esfriada*”. A saída nesta época seria voltar à “essência” do *skate*, praticando-o nas ruas. O *skate* de pista somente “renasceu” de forma expressiva com a criação do equipamento *half-pipe* (construído originariamente de madeira, para minimizar a incidência de machucados nas quedas) e da pista para o estilo *street style*, os quais procurarei explicar a seguir.

Antes porém, é válido citar também que o *vertical* será composto de equipamentos como o **half-pipe**, o **bowl** e o **banks** segundo George Rotatori², o *George*, “engenheiro” de pistas e proprietário da Rotatori Montagens, com sede em São Bernardo do Campo, com quem conversei no escritório de sua empresa.

¹ *Flavinho* complementou que tem-se notícias de um determinado verão da Califórnia onde houve um prolongado racionamento de água, devido ao déficit de abastecimento neste estado norte americano. Assim, muitas piscinas ficaram vazias, sugerindo o uso para atividades como o skate. Conhecidas atualmente pelos skatistas apenas por “vert”, as pistas verticais, dos mais diferentes formatos, apresentam paredes de 90 graus geralmente nos últimos 30 centímetros da transição; havia um predomínio pelas pistas feitas de cimento.

² *George* descreveu o **Half-Pipe** como sendo pistas em formato de “U”, feitas de cimento ou de madeira, atingindo a altura geralmente de três metros; a parte localizada entre uma transição e outra das curvaturas (ou seja, a base do “U”) é chamada de “flat”; já o **Bowl** se associa a piscinas vazias, com bordas necessariamente verticais; geralmente estas possuem os “canyons”, que consistiria num buraco na borda da pista onde o skatista pode ter acesso; e, por último, o **Banks** tem como característica principal o formato de um “oito”.

O *skate* praticado nas ruas gerou um estilo que veio para ficar: o *streetstyle*. Foram criadas assim pistas específicas para contemplar os skatistas adeptos deste estilo³.

Com relação à pista de *street*, *George* sugeriu a existência de alguns equipamentos básicos, lembrando que a pista recebe este nome justamente porque simula obstáculos encontrados na rua: o **Funbox**, o **Quarter-Pipe**, o **Corrimão (ou Rails)**, os **Trilhos** e as **Ondas**⁴.

Enquanto construtor de pistas, *George* fez questão de deixar claro que a “criatividade” deve sempre imperar numa pista de *street*, tendo a liberdade também de construir outros obstáculos além dos tradicionalmente encontrados num tipo de pista como esta:

A boa pista de *street* é aquela que te permite ter continuidade de velocidade e isto depende do bom posicionamento dos obstáculos; tem que se extrair coisas do urbano e colocar dentro da pista, sendo assim o mais original possível.

(*George*)

É bom lembrar que, além das competições no *vert* e no *street*, temos atualmente torneios realizados na categoria *longboard*, praticado em skates com *shapes* de 40 polegadas ou mais (chegam a lembrar as pranchas de surf), desenvolvidos para andar tanto nas pistas como nas ruas, geralmente com

³ Considera-se como pistas de *street-style* aquelas que simulam obstáculos naturais encontrados costumeiramente nas ruas, como escadas, corrimãos, latões e outros.

⁴ O **Funbox**, ao pé da letra, “caixa de diversões”, se constitui em um obstáculo que simula um palco, lembrando muitas vezes o formato de uma pirâmide; o **Quarter-Pipe** é o obstáculo que imita um meio “U”, como se fosse um “half-pipe” cortado em seu sentido vertical; já o **Corrimão**, ou **Rails**, é um obstáculo que simula um ou mais corrimãos de uma escada, feito geralmente com canos de ferro; presentes nas pistas de *street*, os **Trilhos** se constituem em um equipamento que serve para o skatista deslizar os eixos do skate; e, finalmente, as **Ondas** simulam o formato de uma onda do mar, com mais ou menos um metro de altura.

competições em *down hill* (geralmente na descida de morros), *slide* (manobras com derrapagens) e *speed* (velocidade).

Temos ainda o *mini ramp*, que consiste num pequeno “U”, pista esta que lembra o “half-pipe”, porém com uma altura consideravelmente menor e com a base no “flat” bem mais espaçosa (seria como um “half-pipe” cortado ao meio, no seu sentido horizontal, com a altura geralmente centrada em até dois metros e não apresentando parede vertical).

A criação destes modelos de construção intensificaram ainda mais a presença dos skatistas nas pistas ao redor do mundo.

I. 2 - Pistas de skate no ABC paulista

Analiso neste sub-item as pistas municipais das cidades de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul. Para colaborar com tal análise, exibirei considerações verificadas junto aos próprios usuários das mesmas e até de seus administradores, como é o caso do coordenador responsável pela pista de São Bernardo do Campo.

Veremos casos distintos: uns, como em São Caetano, onde os usuários atuam direta ou indiretamente na administração da pista, outros, como em São Bernardo, onde quem decide o destino destas áreas é exclusivamente o poder municipal.

Em Santo André, no ano de 1996, a prefeitura da cidade entregava uma das maiores obras já realizadas na cidade, o *Complexo Viário José Amazonas*: avenidas, pontilhões, viadutos. A intenção certamente era colaborar para a melhoria do trânsito, cada vez mais complicado, fato característico nas grandes cidades.

Contudo, o gigantismo desta obra assinalou a destruição de uma das áreas de lazer mais frequentadas da cidade todos os dias: o conjunto de *pistas de skate*. Criada em meados da década de 80, esta área de lazer abrangia pistas de *half pipe* e *street style*, ambas de cimento. O skatista *Seu Madruga* frequentava a pista de Santo André antes da demolição e falou a respeito:

Quando destruíram a pista de Santo André nem pensaram em pôr outra lá.
(*Seu Madruga*)

Vindo ao encontro à reivindicação dos skatistas, a administração municipal, que outrora destruíra a pista de Santo André, prometeu fazer outra, bem mais moderna e dentro do parque mais frequentado da cidade, promessa que motivou um projeto, divulgado até pela imprensa local⁵.

Conversei sobre a criação desta “nova pista” com Osmar Ramos Fossa, 36 anos, skatista campeão brasileiro em 1979, vice presidente da Associação de skatistas de São Bernardo do Campo e proprietário da Krânio Skate Board, loja especializada em artigos da modalidade. *Osmar* defendeu a seguinte opinião:

O que tem acontecido é que muitas prefeituras aprovam projetos de construção de pistas de skate, como é o caso aí de Santo André, e mandam qualquer leigo fazer o negócio: é jogar dinheiro na lata do lixo. Tenho um amigo que é arquiteto, é o maior construtor de pistas da América do Sul, o cara além de ser arquiteto formado, te dá cálculo estrutural, é

⁵ Como exemplo de divulgação, o artigo “Prefeitura amplia Parque Duque de Caxias”, publicado no jornal *Tribuna do ABC*, p.6, 21/09/96.

um profissional que cobra. Um cara desse deveria ser consultado quando vai se construir uma pista.

A promessa da construção da pista em Santo André foi selada por meio da criação de um decreto-lei. Entretanto, constatei que não pôde ser cumprida na própria gestão do prefeito que a aprovara.

Em 1997, surge na cidade a expectativa da construção de uma pista por intermédio de uma nova gestão municipal. O Departamento de Lazer da cidade promove a inauguração, no mês de abril, do *Parque da Juventude*, um espaço que teve como atração em sua estréia a construção de um *mini ramp* móvel, reunindo vários skatistas.

Segundo informações de Marlene Salgado e Carlos da Costa, funcionários do Departamento de Lazer e responsáveis pelo gerenciamento do parque, esta área de lazer estará em breve recebendo uma ampla área de *street style* e, posteriormente, um *mini ramp* e um *half pipe* fixos. A entrada no *Parque da Juventude* é franca.

Criada em 1981, atualmente a pista de skate de São Bernardo do Campo pode ser entendida por meio de duas distintas considerações: por um lado, possui uma localização privilegiada no centro da cidade - estando inclusive inserida no espaço físico destinado ao paço municipal -, sendo que durante muitos anos ficou conhecida mundialmente por revelar talentos na modalidade e ser frequentada assiduamente por muitos skatistas; por outro lado, verifica-se a carência de uma política administrativa efetiva na pista, onde prevalece a falta de segurança e a desatualização de seus equipamentos.

Conversei com alguns usuários sobre o que pensavam a respeito da administração vigente na pista:

A prefeitura não dá uma força, são os skatistas que tampam os buraco porque, se esperar da prefeitura, não sai nada.

(*Lima*)

A minha vontade era tomar uma frente, fazer alguma coisa, juntar o pessoal, a prefeitura daqui faz muito pouco caso, aqui ninguém cuida, tudo estragado, esburacado, o pessoal vem com gato, passarinho aqui dentro, não tem cabimento, criança correndo no meio da pista, eles não tão nem aí.

(*Renatinha*)

Compartilhando da denúncia dos skatistas, o comerciário e skatista *Osmar*, há muitos anos morador na cidade e frequentador da pista, relatou-me suas considerações a respeito desta área de lazer:

A pista tinha os melhores equipamentos, mas agora já estão obsoletos, sabe, o skate evoluiu e a pista ficou, então precisava de uma nova reforma pra adequar ela aos padrões de hoje, fazer corrimãos no *street*, uma série de obstáculos, fazer uma *mini ramp*, um *corner* novo, precisava fechar porque tá entrando muita droga, muito drogado, pô, nego mijá perto do *half*, então precisa fazer uns banheiros, ter horário pra abrir, horário pra fechar, entendeu, sei lá, abre às nove, fecha às nove, tem que ter a associação lá dentro, tem que ter a secretaria, tem que fazer tudo isso, são melhorias necessárias pra realmente você ter uma área de lazer bonita.

Questionei então *Osmar* sobre quais as responsabilidades dele na pista, enquanto vice presidente da Associação de São Bernardo do Campo, já que em tal cargo ele poderia estar atuando também para a melhoria desta área de lazer:

Existe realmente a associação, mas ela tá totalmente abandonada, mas enquanto vice presidente não deu tempo de ficar correndo atrás, tá, poxa, eu não posso parar o meu trabalho, eu tenho obrigação, preciso ganhar dinheiro, tenho filho pra criar; eu preciso correr atrás realmente, eu tô com intenção de fazer, eu fiz um campeonato⁶, a pista tava abandonada, lá nunca teve um campeonato profissional, eu fiz sozinho, a gente deu dois mil e oitocentos reais em prêmios, em dinheiro, meu, oitocentos e tantas pessoas, então, porra, sabe, teve uma repercussão e agora vai sair em revista, é, todas revistas especializadas vai sair, quer dizer, a pista tem tudo pra arrebentar, agora precisa força política na “parada”. Tenho vontade, tenho iniciativa, mas tem que ter iniciativa de ambas as partes, eu tô no meio do skate, moro na minha cidade, minha marca vende no Brasil todo, sou vice-presidente, é preciso a prefeitura entrar e colocar vontade política, você entendeu, porque a nível financeiro isso pra prefeitura não é nada, fazer reforma numa pista, numa área pequena, onde só vai cimento e colocar um pedreiro, eu pessoalmente vou até lá e falo: tem que ser assim, tem que ser assado. Eu tô contando que o *Ednei* entre.

O *Ednei* que *Osmar* se refere é o candidato a vereador pelo PMDB, skatista, de 23 anos, que vi pela primeira vez no torneio de skate que estive presente em São Bernardo do Campo, o *Campeonato Brasileiro de Banks 96*.

Ednei afixou uma enorme faixa com o seu nome e número eleitoral bem perto do local onde, na pista, ocorria a competição. Através do panfleto com o

⁶ *Campeonato Brasileiro de Banks*, realizado na pista de São Bernardo do Campo, em 1996.

lema “Juventude pé no chão”, que espalhava para as pessoas que assistiam o campeonato, o candidato propunha, entre outras coisas, melhorar o skate na região:

Possuo projeto que visa implantar uma pista de motocross, com áreas para skate, bike e anfiteatro para artistas amadores, com a finalidade de promover talentos na cidade (grifo meu).

Fiz contato com *Ednei* ali mesmo e resolvemos então marcar uma entrevista posteriormente. A minha intenção era a de que *Ednei* me falasse o que politicamente poderia ser feito pelo restabelecimento da pista de São Bernardo.

Em meio à agitação nos últimos dias de sua propaganda eleitoral pela cidade, *Ednei* me recebeu em sua residência para a entrevista. Questionado sobre sua proposta para a pista de São Bernardo, *Ednei* colocou:

Aqui em São Bernardo, como você pode ver, a pista é grande mas há mais de quatro anos que está abandonada pela prefeitura, cheia de buraco, ficou bonita lá no campeonato porque nós que fomos lá, pintamos, tapamos os buracos com cimentinho, mas tá faltando uma manutenção geral que, se tivesse, aquilo ia ser a pista mais bonita do país. Quem deveria cuidar da pista é a prefeitura, pelo Departamento de Esportes, Coordenadoria de Esportes e Turismo da cidade e atualmente não estão cuidando. Inclusive pelo abandono que tá tendo nessa pista tá acontecendo muito ponto de droga, ali, entendeu, mas não muito pelos skatistas que tão ali pra praticar o esporte e sim por gente que chega com skate

também e fica ali infiltrado no meio dos cara pra isso. É pelo abandono da prefeitura, porque se tivesse um guardinha ali só pra manter a pista limpa aquilo já ia intimidar, a delegacia é muito próxima, o guardinha não deixaria também entrar com *barraforte*⁷ que danifica a pista.

Questionei então a *Ednei* o que ele poderia mudar nessa realidade se fosse eleito como vereador da cidade nas eleições que ocorreriam em novembro:

Eu tenho como reverter esta situação e o custo do meu projeto é um valor que não dá nem pra discutir, é muito pouco dinheiro. A cidade tem um complexo esportivo bom que não está sendo valorizado e tem profissionais competentes que estão desviados de função, isto é uma pouca vergonha. Eu já tenho um projeto pronto de como iria funcionar o esporte na cidade, coisa que nenhum vereador aqui na cidade discute. Um dos motivos de eu ter me lançado como candidato é por causa dos esportes. Essa área eu vou chamar pra mim.

Ednei sugeriu então que eu conversasse com o diretor de Esportes, encarregando-se de pessoalmente ir comigo até a Coordenadoria de Esportes da cidade de São Bernardo do Campo e me apresentá-lo.

Sendo assim, conheci o Sr. José Giolo Neto, coordenador do departamento encarregado dos esportes na cidade. *Giolo* me afirmou que o projeto de melhorias para a pista de skate de São Bernardo do Campo já havia

⁷ Barraforte é um modelo de bicicleta, com quadro largo e de ferro, mais pesada.

sido aprovado e, até o final de sua gestão⁸, certamente estaria em prática. O projeto elaborado por *Giolo* previa melhorias no piso da pista, a construção de banheiros e a instalação de uma guarita policial permanente.

Quando conversei com os skatistas na pista de São Bernardo, *Orelha* havia colocado que “corria um boato” sobre a pista ser destruída pela Prefeitura:

Os caras querem acabar com a pista aqui, aqui alaga muito e querem fazer daqui uma rodoviária, derrubar aqui.

(*Orelha*)

Quando questionado sobre o boato relatado pelo skatista *Orelha*, *Giolo* disse desconhecer qualquer intenção, por parte da prefeitura, em destruir a pista.

O partido de *Giolo* perdeu as eleições em São Bernardo do Campo. Voltei à pista em janeiro de 1997 e o projeto não foi colocado em prática, nem o fato apontado pelo veterano skatista *Orelha* vingou: a pista continuava “na mesma”. *Ednei* também não venceu as eleições para vereador na cidade.

Aqui tem que alguém começar a arrecadar dinheiro pra arrumar a pista.

(*Fê*)

Como sugere o skatista *Fê*, talvez o caminho para recuperar a pista de São Bernardo do Campo seria a cobrança de taxas de seus usuários. Um dos caminhos poderia ser também uma parceria entre a administração municipal, as associações de skate e o setor privado, caminhos estes encontrados, por

⁸ Que teoricamente seria em dezembro de 1996, a não ser que seu partido ganhasse as eleições novamente e ele fosse reconduzido ao cargo.

exemplo, para a manutenção da pista de São Caetano do Sul, considerada hoje pelos skatistas do ABC como a melhor da região.

Durante a entrevista concedida no escritório de sua loja especializada em skate, *Osmar* citou diversas vezes a pista de São Caetano como sendo algo espetacular, uma pista em que se poderia confiar, em termos de segurança para os praticantes e também em condições excelentes para o skatista, uma pista que é paga, mas que valia a pena o investimento, já que a taxa mostrava-se praticamente irrisória (avulso: R\$ 2,00; mensalista: R\$ 5,00) por tanta qualidade:

São Caetano tomou como exemplo São Bernardo quando fez sua pista e hoje sou capaz de te falar que ela é a melhor pista do mundo, cara. Eles tão cobrando entrada e no começo todo mundo chiou, mas hoje o moleque paga. ‘Ce vê, o meu filho é sócio, eu sou sócio benemérito da pista, a gente ajudou muito no início com palpite, e um monte de coisa, e o meu filho paga lá uns cinco reais por mês com orgulho porque o moleque vai numa área que é boa e, veja bem, é difícil pra mim que sou vice-presidente da Associação de São Bernardo não levar meu filho aqui na minha cidade e ter que levar meu filho em outra cidade, entendeu, porque lá eu tenho segurança, eu deixo meu filho na portaria à uma hora da tarde, vou buscar às oito, nove da noite, com total segurança, pista fechada, com banheiro limpo, com papel higiênico, com porteiro, com tudo direitinho. Se ele se machucar, eu sei que vai ter gente especializada, pronta pra dar os primeiros atendimentos e levar ele para um hospital, é coisa que precisa ser feita em São Bernardo.

Outros skatistas citaram a pista de São Caetano como um modelo de construção exemplar e a sinalização de um avanço na melhoria das condições da modalidade no Brasil:

A pista de São Caetano cobra uma pequena taxa e é pista de primeiro mundo.

(*Renatinha*)

Eu gosto de andar de skate em São Caetano, já que na pista atua uma associação, a gente paga baratinho, cinco reais por mês e a pista melhorou 100%, o pessoal tá fazendo um trabalho legal.

(*Giuliana*)

Na conversa que tive com *Osmar*, o skatista citou uma referência que, segundo ele, foi importante em todo este trabalho junto à pista de São Caetano: o skatista e sócio-proprietário da Rude Boy, especializada em artigos para a prática do skate, o *Paulinho*. Isto porque *Paulinho* também exercia o cargo de coordenador da pista em São Caetano.

Marquei, por intermédio de *Osmar*, uma entrevista com *Paulinho* no único dia em que a pista de São Caetano não estaria em funcionamento durante o agitado expediente da semana: numa manhã de segunda, no local da pista. Seria uma oportunidade importante para que eu conhecesse de perto essa área de lazer.

Chegando ao local, no dia e hora marcados, a vista parcial mostrava um espaço físico destacado pela limpeza, formado por um conjunto de pistas totalmente cercado, inserido num espaço maior que reunia ainda os prédios da Casa de Saúde e da Guarda Municipal.

Na porta veio me receber um guarda e este, após olhar ligeiramente por toda a pista, verificou que *Paulinho* não havia chegado ainda, mas permitiu minha entrada, depois de eu me identificar e esclarecer meus propósitos. Pude sentir de forma muito semelhante a sensação relatada pelos meus entrevistados: a pista foi construída com uma infra-estrutura moderna e provavelmente passava por manutenção constante, com banheiros, torneiras, ampla arquibancada e espaço verde.

Enquanto esperava, tive a iniciativa de ir tirando umas fotos, apenas documentando os detalhes do espaço físico, já que não havia nenhum praticante ou qualquer outra pessoa no momento. Após um tempo, um senhor, levando na cabeça um boné da loja de *Paulinho*, munido de pá e vassoura e com um saco de lixo nas mãos, se aproximou e começamos a conversar.

Alguém que aparentemente pouco teria a contribuir para a entrevista do dia acabou sendo uma fonte importante de informação: era Alípio Valverde Peres, ou simplesmente *Tiozinho do gelinho*, como, segundo ele, é conhecido por todos e como também gosta de ser chamado. *Tiozinho do gelinho* tem 68 anos de idade. É responsável pela manutenção do espaço e seu apelido vem de uma atividade que faz já há muitos anos como “bico”: vender sorvetes aos frequentadores da pista em seu carrinho, o famoso “gelinho”, que ele mesmo faz.

Tiozinho do gelinho me contou que a pista de São Caetano foi construída em meados da década de 80, mas não nos moldes que se encontra hoje. Momentos marcaram a sua história, como no início da década de 90, em que havia um projeto tramitando na Câmara da Cidade para destruí-la, onde no local seriam construídos uma escola municipal e um hospital. O projeto, segundo *Tiozinho do gelinho*, foi feito por pessoas que classificavam a pista como uma coisa “inútil”.

Assim, a pista ficou fechada dois anos e meio, com seu espaço interditado enquanto não saía a decisão da prefeitura. *Tiozinho do gelinho* contou que ele e *Paulinho* brigaram muito pela pista durante todo este tempo, tentando provar sua utilidade para a população, sobretudo para a mais jovem. Depois de algum tempo, prevaleceu o espaço destinado à prática do skate, com propostas de melhorias para a infra-estrutura. Em pouco tempo seria inaugurada a pista de skate “José Carlos Tortorello Júnior”.

Ao realizar diariamente suas funções, *Tiozinho do gelinho* relatou adorar seu trabalho, já que ainda tem o skate “nas veias”. Ele começou a andar de skate na década de 70 apenas por “hobby”, nunca visando a competição. Comprou seu skate em Assunção, numa viagem ao Paraguai. Havia visto o esporte na televisão, praticado por americanos, e ficou bastante empolgado com a modalidade.

Porém, alertou que em sua época não existiam obstáculos ou pistas específicas para a prática da modalidade, considerando que andava-se na rua mesmo, num esporte praticado por poucos como ele. Questionado se em algum momento sofrera discriminação por ter mais de trinta anos e andar de skate relatou que não, já que naquela época não associavam tal esporte ao praticante jovem, como é hoje.

Tiozinho do gelinho deixou claro também ter se empenhado atualmente para manter a pista sempre limpa e imune aos “desordeiros” que, segundo ele, vêm à pista para roubar e consumir ou traficar drogas. Relatou ter banido por várias vezes tais invasores após confirmar o delito e, quando havia resistência, fazia ameaças de chamar a polícia. Afirmou ainda que tais tipos de ocorrências são menores hoje, mesmo porque a Guarda Municipal foi recentemente transferida para o lado da pista.

Fez questão de mostrar o escritório do conjunto de pistas onde num mural são reveladas as datas dos campeonatos na pista, o “ranking” dos skatistas locais, bem como datas de festas alusivas ao skate e, em destaque, um comunicado com o detalhamento de tudo o que foi arrecadado com a entrada dos praticantes no mês vigente (lembrando que é somente o praticante quem paga, ficando o espectador isento da taxa) e todos os gastos referentes à manutenção da pista.

Concluindo sua fala, *Tiozinho do gelinho* disse que em breve a pista ganharia uma lanchonete⁹, ampliando sua infra-estrutura. *Paulinho* não veio para o encontro marcado, mas o dia realmente foi bastante produtivo pelo “bate-papo” com *Tiozinho do gelinho*.

Em posteriores visitas à pista de São Caetano, pude verificar que um dos maiores desafios para a manutenção do local é a impossibilidade de expansão na construção de novos obstáculos, devido às limitações do espaço físico.

Acrescenta-se também o fato de que, em julho de 1997, foram desapropriados seis metros da pista devido ao início das obras de demolição da *Guarda Municipal* (vizinha da pista), para a construção do Parque Aquático *Carlos Antônio Biazoto*.

I. 3 - As pistas de skate podem revelar “pistas”

Observamos, nos tópicos anteriores deste item, que no âmbito do skate se observa atualmente a prática cada vez mais crescente do esporte em pistas próprias. Originariamente um esporte de “rua”, como elucidei no capítulo anterior e como se observa na história do surgimento das pistas que acabei de

⁹ A lanchonete realmente foi construída, como pude verificar quando voltei à pista para documentar um evento que será abordado mais a frente: o Campeonato Brasileiro de skate *street style*, realizado em dezembro de 1996.

explicitar, o skate tem sido deslocado para espaços físicos que denotam, além de um conteúdo espacial, um conteúdo de ordem simbólica que é regido por valores em grupo e regras que lhe são próprias. Como bem observa Pais¹⁰, “*os lugares físicos são pelos jovens transformados em espaços sociais através da produção de estruturas particulares de significados*”.

Extrapolar o mero caráter físico e espacial destas pistas seria portanto considerar as relações que são tecidas na vivência das mesmas, procurando desvelar as práticas vivenciadas no dia-a-dia que denotam significados. Neste sentido, considero que as pistas se aproximam consideravelmente da idéia de “pedaço” proposta por Magnani¹¹, onde o autor sugere que este é

“(…) o espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade”.

Considerando o fato de que as pistas estão inseridas geralmente nos centros das grandes metrópoles e muitas vezes estas são utilizadas por skatistas que lá se encontram, vindos de bairros diferentes da cidade, como é o caso de São Bernardo, seria possível continuar usando a categoria “pedaço”, já que esta foi a princípio empregada por Magnani quanto às relações que se davam nas periferias da cidade?

Em estudo mais recente¹², Magnani identifica a existência do “pedaço” também nos grandes centros, onde o autor assinala que

¹⁰ Pais, J. M. *Culturas Juvenis*, 1993, p. 96.

¹¹ Magnani, J. G. C. *Festa no pedaço*, 1984, p.138.

¹² Magnani, J. G. C. Da periferia ao centro: pedaços e trajetos. *Revista de Antropologia*, v.35, 1992, p.195.

“a diferença com a idéia do pedaço tradicional é que aqui os frequentadores não necessariamente se conhecem - ao menos não por intermédio de vínculos construídos no dia-a-dia do bairro - mas sim se reconhecem enquanto portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo, modos de vida semelhantes”.

O crescimento da assiduidade dos skatistas nas pistas de todo mundo, em seu “pedaço”, não significou a extinção da prática da modalidade nas ruas, mesmo porque mostra-se bastante simples verificar que os praticantes estão presentes a todo momento nas mesmas, montados em seus equipamentos, seja durante o dia ou até à noite, como pude verificar algumas vezes em São Bernardo, mesmo com uma fraca iluminação.

Revela-se importante considerar também o fato de que, mesmo objetivando andar de skate nas pistas e encontrar seus pares no “pedaço”, o skatista vale-se muitas vezes da rua se deslocando com seus skates pela mesma até tais áreas.

No caso de São Caetano, por exemplo, verifiquei que este trajeto tem pontos geralmente marcados, em locais que os skatistas costumam passar, como a Estação Ferroviária de São Caetano (ponto de desembarque), a região da avenida Goiás (onde se localiza grande parte do comércio e do complexo viário da cidade) e ruas, como a Dr. Roberto Simonsem, que ligam até a pista.

Acredito que o percurso frequentemente “comum” efetuado pelos skatistas em São Caetano e em muitas outras grandes cidades, pode ser aproximado do conceito de “trajeto” também apresentado por Magnani¹³, onde

¹³ Idem, p.197.

o autor identifica este como sendo “(...) *fluxos no espaço mais abrangente da cidade(...)*”, onde o nascimento destes se daria devido à “(...) *extensão e principalmente a diversidade do espaço urbano para além do bairro, que colocaram a necessidade de deslocamentos por regiões distantes e não contíguas (...)*”.

Ao se utilizarem dos “trajetos” para chegar até as pistas, os skatistas costumam passar por pontos. Uma avenida que parece corresponder ao papel de “trajeto” rumo à pista de São Caetano é a Eng. Armando de Arruda Pereira, no Bairro Cerâmica, constituindo-se em um lugar apenas de passagem, reunindo pontos como fábricas e residências, sendo locais que para os praticantes não significam um ponto de parada necessariamente. Usando ainda as categorias propostas por Magnani¹⁴, estes locais de passagem podem ser ligados à idéia dos “pórticos”, configurando-se basicamente em “(...) *espaços, marcos e vazios na paisagem urbana que configuram passagens*”.

Sendo assim, as experiências vivenciadas pelos skatistas são um desafio à impessoalidade verificada no contexto urbano, podendo estar associadas ao que ressalta Magnani¹⁵ sobre as práticas urbanas:

“tanto as formas convencionais como aquelas mais inusitadas atestam a vitalidade das práticas urbanas, nesta dimensão particular, a do lazer e sociabilidade; pode-se concluir que a experiência da rua, não obstante os conhecidos problemas dos grandes centros urbanos, não morreu: diversificou-se, assumiu novas

¹⁴ Ibidem, p.199.

¹⁵ Magnani, J. G. C. *Transformações na cultura urbana das grandes metrópoles*, 1996, p. 13 (mimeo).

modalidades, adaptou-se a novas circunstâncias, estabeleceu outros diálogos”.

Enfim, tanto as pistas, como as próprias ruas, podem se constituir em espaço privilegiado para o exercício de valores, significados e regras. As regras podem ser ditadas (ou não) pela administração do local, já que os skatistas partilham também de leis criadas por eles mesmos no interior dos seus grupos, como veremos no próximo item.

II - Identificação do grupo

Neste item procurarei elucidar elementos que identificam o skatista perante a sociedade, como por exemplo a linguagem, a vestimenta, o gosto musical e outros fatores manifestados geralmente no interior dos grupos.

Antes porém de fazer referência a estes elementos verificados no cotidiano do skatista, é preciso destacar a importância da formação dos “grupos” na sociedade, não somente na prática desta modalidade e sim num contexto maior, formação esta que coincide, segundo autores que usarei aqui, como sendo principalmente durante a adolescência.

Sobre a interferência do grupo no modo de agir das pessoas, Rodrigues¹⁶ aponta que

“o comportamento individual está subordinado a determinados códigos - muitas vezes inconscientes - que programam coletivamente a maneira de agir, de pensar e de sentir, consideradas adequadas ou justas, e que estes comportamentos - quer se conformem às

¹⁶ Rodrigues, J. C. R.. *Tabu do corpo*, 1986, p.44.

normas coletivamente estabelecidas, quer delas se desviem - são inexoravelmente mensagens significantes e expressam a natureza do sistema social”.

Isto implica a necessidade da formação de “grupos” no interior da sociedade, onde Arantes¹⁷ destaca: *“pertencer a um grupo social implica, basicamente, compartilhar um modo específico de comportar-se em relação aos outros homens e a natureza”.*

Esta procura pelos “grupos” tem especial ocorrência na adolescência, fato este ressaltado por Levisky¹⁸:

“nos grupos de jovens, o que há de comum é o fato de todos eles estarem à procura de algo, isto é, de estarem à procura de si mesmos (...); no grupo, uns se parecem com os outros e nisso se confortam; um é modelo para o outro; sofrem de angústias semelhantes e na indefinição é que se encontram; dentro do grupo cada um está na busca de si mesmo, e o grupo como unidade existe nesse sentido; o encontro visa, antes de mais nada, a externalizar os próprios pensamentos e confrontá-los com os demais”.

Este encontro com seus pares no grupo poderia portanto possibilitar ao jovem o exercício de sua identidade. Sobre o assunto, Piaget e Inhelder¹⁹

¹⁷ Arantes, A.A. *O que é cultura popular*, 1981, p.26.

¹⁸ Levisky, D. L. *Desenvolvimento psicossocial do adolescente*. In: Settian, N. et alli. *Adolescência*, 1979, p. 82.

¹⁹ Piaget, J e Inhelder, B. *Da lógica da criança à lógica do adolescente*, 1976, p.257.

afirmam: *“é principalmente nas discussões com os colegas que o criador de teorias frequentemente descobre, pela crítica às dos outros, a fragilidade das suas”*.

A característica de reunir-se em grupos de amigos é corroborada em recente pesquisa, realizada no nosso país, encaminhada por Zagury²⁰, que assinala:

“o jovem de hoje conversa com os amigos sobre os mesmos temas, sobre as mesmas coisas que nós conversávamos com os nossos amigos, há algumas décadas; o descompromisso, a alegria de estar entre iguais - é isso que os atrai”.

Contribuindo neste debate, Pais²¹ salienta:

“a importância atribuída pelos jovens aos grupos de amigos pode ser vista em função da socialização que é desenvolvida no domínio da convivialidade animada por esses grupos”.

Acrescenta-se a isto o fato da formação dos grupos poder ter lugar especialmente por negação, pelo adolescente, dos valores paternos, considerados tradicionais. A respeito, Doneda²² evidencia que *“o grupo serve em determinados momentos para firmar a nova identidade, ainda vacilante, mas também para mostrar aos pais que é diferente, que sua geração é outra”*.

De modo geral, a respeito desta importância da união em grupos na juventude, vale aqui a citação de Deutsch²³, onde a autora explicita o pensamento que costuma permear um grupo de jovens: *“sozinho, estou*

²⁰ Zagury, T. *O adolescente por ele mesmo*, 1996, p.83.

²¹ Pais, J. M. *op.cit.*, 1993, p. 90.

²² Doneda, D. Adolescência e corpo. In: MED/BRASIL. *Valores humanos, corpo e prevenção*, 1986, p.45.

²³ Deutsch, H. *Problemas psicológicos do adolescente - com ênfase especial na formação de grupos*, 1974, p.63.

perdido: juntos, somos fortes; é o nós que me dá a sensação de identidade social e, deste modo, me protege contra a ansiedade”.

Neste debate, mostra-se também interessante a argumentação de Carvalho²⁴, destacando o fato de que

“é fundamental que o jovem encontre organizações próprias em que possa integrar-se, assumindo responsabilidades novas que lhe permitirão elaborar um processo crítico que assente sobre o ‘princípio de realidade’; necessita, portanto, de se organizar de tal modo em grupos que possa equacionar com os outros jovens e com os adultos, os seus próprios problemas”.

A idéia de uma cultura propriamente adolescente ou juvenil tem levado à associação frequente em nossa sociedade sobre a existência de “tribos” de jovens, cada uma com seu jeito próprio de falar, de se expressar, enfim, de se comportar perante a sociedade.

No âmbito do skate, *Gyrão* é um dos praticantes que decidiu falar sobre o termo:

Tribo é um nome forte que designa um interesse comum.
(*Gyrão*)

O uso do termo “tribo” para designar uma cultura adolescente vem sendo utilizado com frequência, seja no cotidiano dos jovens skatistas, seja nos

²⁴ Carvalho, M. de. *Cultura física e desenvolvimento*, s/d, p. 151.

estudos que têm por objetivo abordar o comportamento juvenil, seja no constante apelo da mídia²⁵.

Porém, esta utilização do termo em distintos campos na nossa sociedade precisaria, segundo Magnani²⁶, ser vista com bastante cuidado, isto porque

“(...) quando se fala em ‘tribos urbanas’ é preciso não esquecer que na realidade está se usando uma metáfora, não uma categoria: a diferença é que enquanto aquela é formada de outro domínio, e empregada em sua totalidade, ‘categoria’ é construída para recortar, descrever e explicar algum fenômeno a partir de um esquema conceitual previamente escolhido; pode até vir emprestada de outra área, mas neste caso deverá passar por um processo de reconstrução”.

A tendência em se tomar a categoria “tribo”, quando no estudo sobre grupos de jovens, é também demonstrada por Cardoso e Sampaio²⁷. As autoras alertam por exemplo para o fato de que a simples possibilidade de encontrarmos jovens se vestindo de forma semelhante não nos permite colocá-los como exatamente iguais, já que não se deve *“(...) tomar ‘estilo’ por ornamento, excluindo qualquer possibilidade de tensão na constituição da identidade do grupo”*. Isto acabaria fatalmente por implicar, segundo as

²⁵ A utilização do termo tribo, no campo da mídia, ao meu ver pode ser exemplificado em frases do tipo *“Entre para a tribo do surf”*, que não é propriamente uma convocação aos surfistas das praias ao redor do mundo e sim uma ilustração relativa aos usuários da rede mundial Internet, criada pela empresa brasileira Universo On-line; outros exemplos da associação do termo à parcela juvenil da sociedade podem ser vistos em nomes de suplementos especiais para tal público, como o *“Diário da Tribo”*, no jornal andreense *Diário do Grande ABC*, e *“Tribu”*, encarte publicado semanalmente pelo jornal santista *A Tribuna*.

²⁶ Magnani, J. G. C. *Tribos urbanas: metáfora ou categoria?*. *Cadernos de Campo*, 1992, p. 49.

²⁷ Cardoso, R. e Sampaio, H. *Bibliografia sobre a juventude*, 1995, pp. 33-34.

autoras, em “(...) *ficar com a impressão de que existe um grande supermercado de estilos jovens, onde, nas prateleiras, encontramos os ornamentos correspondentes*”.

Assim, volto aqui à proposta de Magnani²⁸ para que se procure não reduzir os distintos grupos de jovens e práticas associadas a estes a um simples “denominador comum”, onde seria mais proveitoso, segundo o autor, se explorássemos “(...) *sua diversidade na paisagem urbana, procurando determinar as relações que estabelecem entre si e com outras instâncias da vida social*”.

Coerente com estas características e a fim de fazer um resgate histórico da associação do termo “tribo” à cultura adolescente, Bollon²⁹ analisa as chamadas “tribos urbanas” desde o século XVIII, analisando seus estilos inconfundíveis, sempre relacionados a períodos distintos da história.

Neste estudo mostra-se interessante saber, por exemplo, que na Europa do século XIX imperava a “tribo” dos *Dândis*, caracterizados pela elegância cínica e indiferente, usando sapatos de bico longo e pontudo, onde sua postura era não se prender e não se ligar em nada, comportando-se como espectadores da vida. Ou ainda, já no presente século, precisamente no final da década de 30 em Nova Iorque, os *Zoot-Suiters*, onde a razão de ser desse grupo estava exatamente na ausência de razão; vestiam-se com casacos compridos, envolvendo o corpo até o joelho, enfeitando-o com muitas pregas; as calças usadas deveriam ser sempre pretas, com gravatas largas e chapéus de cor clara e de abas largas, pregando um universo livre das obrigações onde tudo era prazer.

²⁸ Magnani, J. G. C. *op.cit.*, 1992, p. 51.

²⁹ Bollon, P. *A moral da máscara*, 1993.

Bollon, assim, analisa e dá detalhes bastante peculiares de outras “tribos”, como os *Incroyables* durante a Revolução Francesa e, mais atualmente, os *Zazous*, que na década de 40 desafiavam a ocupação nazista, os *Hippies* da década de 60 nos Estados Unidos e os *Punks* do final da década de 70 em Londres, entre outras “tribos” ao redor do mundo.

Dando prosseguimento, serão abordados elementos peculiares encontrados no dia-a-dia dos skatistas do ABC paulista, grupo este que pode até se caracterizar enquanto uma “tribo”, porém não se encontrando fechado em si mesmo, já que está em constante dialética com a sociedade mais ampla.

II . 1 - linguagem

Não se revela uma novidade apontar aqui a existência de uma linguagem “própria” da juventude. Isto porque, nos dias atuais, principalmente a mídia, seja radiofônica, impressa ou televisiva, tem se encarregado do papel de divulgar à sociedade o que vem sendo inventado no interior destes grupos, sobretudo em propagandas que exploram a “imagem jovem”³⁰.

As “gírias” parecem ser utilizadas pelos jovens no mundo todo, porém, evidentemente, não sendo de uso exclusivo dessa faixa etária. Entretanto, possivelmente no grupo de jovens encontraremos palavras expressadas de uma forma bem mais coloquial, estas por sua vez originando expressões capazes de identificar até a procedência do grupo que as utiliza³¹.

³⁰ Poderia citar aqui vários exemplos do uso de uma linguagem “jovem” em propagandas. Como exemplo, entre elas, a promovida pela empresa de informática Compaq que, ao convidar os internautas a surfarem no programa “Universo On-line” (acesso à rede de comunicações “internet”), usa uma linguagem tipicamente utilizada no *surf*, como “o que você está esperando, meu irmão” ou “só assim você vai conseguir se comunicar com a galera, meu” ou ainda “maior legal, meu: você ainda não está ligado no Universo On-line, brother?”. Tais expressões foram publicadas em propagandas veiculadas em 1996 na mídia impressa.

³¹ Sobre o assunto, vale citar aqui a pesquisa de Augusto Pinheiro, publicada na *Folha de São Paulo*, c.5, p.6, 03/02/97 e intitulada “Verão amplia o dicionário das gírias”. Realizada nas principais capitais do país, o autor destaca a criação de novas gírias pela juventude brasileira no verão de 97, estas sempre relacionadas com uma

Durante a minha pesquisa com os skatistas pude verificar um estilo próprio de se comunicar, apesar de muitos não admitirem usar gírias:

Eu não sei se é porque eu tô dentro, mas eu me comunico normal, né; até tem, lógico né, talvez o leigo não pegue.

(*Osmar*)

Ao me relacionar com os skatistas, percebia cada vez mais uma linguagem recheada de expressões particulares no grupo, fato que inclusive já havia percebido na fala de outros praticantes, além do próprio *Osmar*, como por exemplo as expressões **prego, gralha, pico, na parada e session**³². Sobre a última, o skatista *Osmar* fez algumas considerações:

Normalmente o cara vai até onde dá, até cansar, até parar, o que você não pode, por exemplo é tá numa *session*, um desce, pá, joga uma manobra, pum, se o cara errou e tá no início ainda nem sai da pista, agora se ele já fez duas ou três manobras, errou, sai fora, ainda vai ter uma *pá* de gente pra andar, é mais ou menos por aí.

(*Osmar*)

localidade específica. O artigo revela, por exemplo, que em Fortaleza **bilar** significa paquerar, diferente do Rio de Janeiro que considera paquerar como **armar o tripé**. Uma pessoa considerada tola ou idiota ganharia a expressão de **Jorge** em São Paulo ou **curió** em Belo Horizonte. Algumas palavras antigas ganharam novo significado, como **broto**, que antes se referia a um menino ou menina bonita, e que agora é utilizada, principalmente no Rio de Janeiro, para designar uma menina virgem ou sem namorado. Ainda sobre a possibilidade da gíria intensificar a comunicação no interior do grupo, José Luís Fiorin, professor do departamento de Linguística da USP, acredita que esta seja "*uma variedade da língua, que tem a função de identificar os diferentes grupos existentes dentro da sociedade, sejam eles sócio-econômicos ou de faixa etária; serve para determinadas situações, nas quais acaba sendo mais adequada do que uma linguagem mais formal; ela só se torna um problema se a pessoa que a usa não for capaz de se expressar de outra forma, mas mesmo assim ela é um fator de enriquecimento do idioma*". Seu depoimento foi extraído do artigo de Sérgio Siscaro, "Identificação de grupos", *Diário do Grande ABC*, caderno Diário da Tribo, p.4, 10/01/97.

³² No *anexo 2* procurei listar algumas particularidades quanto à linguagem captada no interior do discurso dos skatistas, utilizadas em distintos momentos e circunstâncias, expressões estas que podem não ser atualmente faladas somente por esta "tribo", mas que em grande parte são originárias deste grupo e as caracteriza.

Certas expressões estavam presentes na fala dos skatistas somente em determinada localidade, ilustradas por *Limpa* em São Bernardo do Campo:

Tudon é uma linguagem de São Bernardon; usar ‘on’ no final da última palavra de cada frase é uma coisa nossa, aqui de São Bernardo, usada pra se comunicar; as pessoas que não são daqui não costumam entender o que falamos.

(*Limpa*)

Assim, o vocabulário comumente utilizado no grupo de skatistas vai sofrendo variações, estas diretamente relacionadas ao local onde a modalidade é praticada. Tal fato também é apontado por *Gyrão*:

São vários dialetos locais, cada lugar tem seu dialeto, temos que considerar os termos regionais: se, em São Paulo, você vai falar que uma coisa é legal, você dirá “oh, isto é esquema!”. Será que este ‘esquema’ se aplicará nos skatistas de Fortaleza? Pode até que ser que sim, se eles leram na revista de São Paulo e absorveram tal expressão, mas com certeza expressam-se os dialetos locais.

(*Gyrão*)

A “linguagem” costumeiramente utilizada pelos skatistas, conservadas as suas variações locais, mostra-se portanto um relevante fator quando se tem por objetivo analisar tal grupo na nossa sociedade.

II . 2 - vestimenta

As roupas costumeiramente utilizadas pelos jovens de modo geral tem sido alvo ultimamente de críticas que argumentam ser o adolescente de hoje uma pessoa sem personalidade para se vestir e facilmente suscetível ao que a moda em geral impõe³³.

Entretanto, a forma que o jovem tem se vestido recebe atualmente especial atenção da sociedade, principalmente quando se trata de servir como “inspiração” para o trabalho de estilistas em todo o mundo. Tais trabalhos procuram primeiramente identificar “um jeito próprio de se vestir” da juventude e a partir daí criar um estilo, uma moda que vise outros segmentos da população³⁴.

Vale ressaltar que esta “cultura adolescente”, ou “teen”, muda consideravelmente a cada década e sofre intensas variações, coerentes com o meio social em que são concebidas³⁵.

³³ Como por exemplo o artigo de Gilberto Marques, “Jovem-padrão”, mostrando dois lados: de um, quem acha que o adolescente realmente perdeu sua identidade, como a consideração do psicólogo Jacob Pinheiro Goldberg que defende que “os jovens perderam a identidade individual e passaram a pensar em grupos; se começar a pensar de modo individual, tendo as suas próprias idéias, ele acaba saindo do padrão dos outros que, em troca, iniciam um processo de repressão, taxando-o de chato, criador de caso, etc”, do outro lado, os adolescentes se defendem, como é o caso de Ana Moreira, de 16 anos, que ressalta: “não é porque eu me visto igual a todo mundo que não tenho personalidade; não vou ficar encanada por causa disso; meu comportamento é o que conta”. O artigo foi publicado no *Diário do Grande ABC*. Caderno Diário da Tribo. pp. 4-5, 12/05/95.

³⁴ Pode-se citar aqui, como exemplo da identificação do trabalho dos estilistas com o modo de se vestir do adolescente, a valorização da chamada “sensibilidade adolescente de se vestir” nos grandes desfiles de Calvin Klein em 1995 ao redor do mundo, onde sua proposta foi relativamente bem aceita pela crítica especializada, mas por outro lado foi alvo de acusações e virou até caso de polícia, acusado de pornografia infantil, já que o estilista utilizou modelos jovens para propor fotos sensuais. Tal passagem foi registrada no artigo de Carlos Eduardo Lins da Silva, “Moralismo persegue Calvin Klein e seus adolescentes”, na *Folha de São Paulo*, caderno Mais, 01/10/95, p.3. No Brasil, pode ser citado o maior evento da moda no país, o *Phytoervas Fashion*, que, na coleção de primavera-verão 1997, procurou deixar em evidência sua inspiração numa “cultura teen”, explorando modelos de roupas ligadas à escola e à rua, documentado no artigo de Erika Palomino, “Cultura adolescente influencia a moda”, *Folha de São Paulo*, c.6, p.6, 22/07/96.

³⁵ Para ilustrar tal fato, Chantal Brissac, por exemplo, em seu artigo intitulado “Moda podrão”, aponta como atualmente muitas “tribos” de jovens, principalmente nos grandes centros, se opõem aos valores dos chamados “mauricinhos” e “patricinhas”, garimpando suas roupas em lojas de galerias do centro da cidade, em brechós ou até em mercados alternativos de roupas, como o “Mundo Mix” (a feira “Mundo Mix” ocorre principalmente no eixo Rio - São Paulo, geralmente usando como espaço físico um galpão ou armazém, -

No que diz respeito à ligação da moda com a rua, presente em grande parte no trabalho de estilistas em 1996 no Brasil, destaca-se a parcela significativa que a modalidade skate tem assumido enquanto fonte inspiradora³⁶.

O dito “look skatista” é geralmente atribuído ao uso de um vestuário um tanto modificado do que se costuma comprar em lojas, como pares de tênis, coloridos pelos próprios usuários, e roupas excessivamente largas. Questionei a alguns skatistas se eles consideravam a existência de uma roupa “própria” da modalidade:

Vixi, se você for ver o visual é calça larga, big, camiseta.

(*Seu Madruga*)

O skatista usa sempre roupa larga.

(*Lima*)

É, o visual do skatista é calça larga, bermuda e tênis.

(*Fê*)

Porque a roupa larga seria ligada à modalidade? Haveria aí alguma explicação para tal uso? A resposta vem dos próprios skatistas, que encontram

como costuma ser a feira em São Paulo, num galpão no bairro da Móoca - e se caracteriza por agremiar “coisas alternativas”, como por exemplo roupas e acessórios comumente utilizados por *drag queens*). Brissac destaca ainda que, nos anos 70, o que parecia estar na moda era o movimento “bicho-grilo”, com o intenso uso de sandalhinha de couro, vestido de chita, cabelão, barba e bolsa; já no início dos anos 90, foi a vez do “grunge”, fundamentado no movimento criado pelas bandas de Seattle, onde a moda era usar camiseta rota, tênis furado e cabelo ensebado; nos dias atuais, o que imperaria “...é uma mistura desses visuais, dominando alguns redutos de jovens de classe média e de elite, colocando em alta o estilo sujo e pobre de ser”. O artigo foi publicado na *Revista Isto É*, n.1416, 20/11/96.

³⁶ Vale aqui citar o desfile da coleção verão 97 da Grendene, onde Cláudia Schiffer, atualmente uma das modelos mais bem pagas no mundo da moda, exibiu “um ousado look skatista”, documentado no artigo de Eva Joory, “Cláudia Schiffer não dá brilho ao look Melissa”, *Folha de São Paulo*, c.4, 13/07/96.

originariamente na roupa larga uma forma desta não atrapalhar os movimentos quando na realização das manobras:

A roupa no skate é larga, pra dar flexibilidade.

(Orelha)

A calça larga foi criada para facilitar as manobras.

(Limpa)

A utilização destas roupas maiores, como a bermuda bem longa, próxima aos tornozelos, pode ter ainda como explicação a tentativa de evitar escoriações quando no caso de uma queda. Percebi tal fato enquanto documentava a oitava etapa do campeonato brasileiro de skate **street style** 1996 na pista de São Caetano do Sul, onde o Dr. Jorge Tadeu, responsável pelos serviços médicos e entrevistado por mim na ocasião, afirmou que:

(...) eles (referindo-se aos skatistas) usam esta calça que parece mais um estilo, mas ajuda muito a proteger, pois a maioria dos machucados são lesões de ralado, de escoriações.

Assim, ao usar preferencialmente as roupas mais largas na pista, o skatista começou a utilizá-la também fora das pistas, nas saídas com os amigos, nas festas à noite. A partir daí, seus praticantes defendem ter “criado moda”, já que se mostrava “in”³⁷ identificar-se com os valores agressivos, de rua, usados pelos skatistas.

Eu antigamente comprava aqueles tênis Rainha, da Vulcabras, modelo Iate duas cores que não tinha saída,

³⁷ “In” aqui no sentido de estar por dentro, na moda.

vendia muito pouco, aí eu pegava caneta esferográfica e enchia ele de quadradinho, e não é que a porra pega, todo mundo de tenzinho quadriculado depois.

(*Limpa*)

Porém, pelo que pude perceber em minha pesquisa, seria arriscado demais supor que os skatistas se vestem sempre da mesma forma, já que em muitos deles impera um gosto que é pessoal, fugindo do padrão:

Eu ando de qualquer jeito, eu não tô nem aí, tem gente que gosta de usar roupa larga também.

(*Renatinha*)

Pude também conversar sobre o assunto, na pista de São Bernardo, com Mie Takatani, a *Cherry*, de 22 anos. Ajeitando suas mechas verdes que se destacavam nos cabelos pretos, *Cherry* relatou:

Acho que cada um gosta de uma coisa e na verdade vai usar pra andar o que sentir à vontade: por exemplo, pra mim é foda porque não gosto de camisa comprida senão atrapalha e muito curta também não porque senão levanta e aparece os peito, então sei lá, ‘cê vai vendo o que é melhor e não é.

(*Cherry*)

De qualquer modo, acredito que mesmo não sendo uma regra geral, é possível a identificação com um vestuário um tanto peculiar do skatista, fato este comprovado quando analisamos também outros grupos. Pude verificar o uso da roupa larga ou “big” em quase todos os skatistas e a atitude dos

mesmos em usar geralmente cores diferenciadas, com peças coloridas por eles mesmos.

Seja enquanto um propulsor que hoje movimentava intensamente o mercado da moda, seja pela curiosidade que seu uso evoca, defendo que o fator “vestimenta”, aliado a outros fatores como o gosto musical - que abordarei a seguir - se revelam enquanto férteis aspectos para se estudar o grupo de skatistas e sua interação com a sociedade mais ampla.

II . 3 - música

O item “ouvir música” tem sido o campeão de citações nas principais pesquisas brasileiras sobre jovens, quando estes são questionados sobre qual a principal atividade realizada no tempo livre.

Entre estas pesquisas, retomo aqui a realizada por Zagury³⁸ com jovens em diferentes capitais do nosso país, revelando que ouvir música é indiscutivelmente a primeira opção de lazer para os jovens, com 72,9% de citações.

Se ouvir música parece se constituir enquanto preferência dos jovens brasileiros, que tipo ou ritmo de música estaria na preferência deste segmento? Teria a juventude em geral a preferência pelo mesmo ritmo ou cada “tribo” adotaria um dos muitos estilos musicais hoje correntes, próximo à sua identidade enquanto grupo?

Para tratar tal questão mostra-se primeiramente de suma importância apontar que a preferência por um certo ritmo de música varia de época para época e de lugar para lugar. De Grazia³⁹ demonstrou tal fato verificando que o

³⁸ Zagury, T. *op. cit.*, 1996, p. 79.

³⁹ De Grazia, S. *Tiempo, trabajo y ocio*, 1966, p. 133.

jazz se revelava enquanto o ritmo musical preferido pela juventude americana na década de 50, onde este se mostrava próximo à tal público em qualquer lugar em que se podia levar o rádio ou o toca-discos, considerando o ritmo como sendo um “*símbolo da liberdade americana*”.

O autor evidenciou ainda que tal preferência tinha sua razão de ser, já que o *jazz*, em seus diferentes períodos e em todas as suas variantes, oferecia

“(...) um violento contraste com os rasgos que a sociedade industrial aprecia; o cálculo, a racionalidade, o controle, a disciplina e a moderação opõe-se ao físico, a liberdade, ao abandono, à êxtase”.

Nos dias atuais, a preferência pelos jovens parece se constituir numa verdadeira “miscelânea” de ritmos, conquistando diferentes grupos. Pais⁴⁰, por exemplo, aponta que, no que se refere à juventude portuguesa, o *rock'n'roll* - ou simplesmente *rock* - tem se tornado o ritmo mais bem aceito por diferentes grupos de jovens. O autor defende tal colocação argumentando que

“é muito provável que a atracção dos jovens pelo rock tenha a ver com o fato de o rock, ao contrário de outros estilos musicais, não implicar propriamente uma ruptura entre o compositor (ou executante) e o receptor; quer dizer, há no rock um chamamento à participação conjunta dos jovens; a estrutura dos textos musicais, geralmente subordinados a formas de quadras e de refrão, bem como a utilização de diferentes onomatopéias, incitam o

⁴⁰ Pais, J. M. *Actas do Congresso Mundial de Lazer*, 1992, p. 104.

auditório à participação, levam-no ao esquecimento momentâneo das normas e obrigações mais constrangedoras, gerando um espaço de ambivalência onde se joga um certo tipo de ascendência sobre a realidade e onde se vive a simbologia de um ritual que, de certa forma, corresponde ao apaziguamento ou à evasão do cotidiano”.

Com relação à juventude brasileira, o *rock* é também muito bem aceito, pelo menos no que diz respeito ao eixo Rio-São Paulo, fato este que parece ser comprovado pela audiência de emissoras como a paulista 89 *rock*, especializada no ritmo.

Com relação aos skatistas entrevistados, verifiquei em minha pesquisa que, além do próprio *rock*, estes costumam ter o hábito de ouvir vários ritmos, entre eles, o *hard core*, o *hip hop*, e até *funks* mais clássicos (como o do grupo Funkadelic). Entretanto, o campeão de citações enquanto ritmo preferido dos skatistas, seja da capital, do ABC, ou até de outros estados, é o *rap*.

A rede americana MTV, especializada em música e direcionada ao segmento jovem, mantém um programa específico para tal ritmo musical: o “Yo! MTV Raps”, com uma versão americana e, recentemente, na MTV Brasil, uma versão nacional também.

No skate, o ritmo parece encontrar uma considerável legião de adeptos:

O skate se funde com o rap, feito por um pessoal que faz música que começou andando de skate e faz um tipo de som que se identifica com o estilo de vida do skatista.

(Gyrão)

Tem banda sim pra skatista, como por exemplo o Planet Hemp, no Brasil, que é música de skatista, apesar de os músicos não serem skatistas, e lá fora é o Beastie Boys, que é som de skatistas para skatistas.

(Limpa)

Beastie Boys é do skate.

(Lima)

O Beastie Boys, citado no depoimento destes skatistas e de outros com quem conversei, se declara uma banda de skatistas para skatistas. Em entrevista realizada em Londres, durante a festa de promoção dos artistas da EMI de todo o mundo (fato registrado na *Revista Tribo Skate*, n.17, 1995), os rapazes do grupo fizeram as seguintes declarações que aproximariam seu estilo da modalidade em questão:

“os skatistas têm um gosto musical bem diferente e variado, com a cabeça mais aberta, e nós gostamos disso, e curtimos também toda energia envolvida em todo o lance do skate ... pra falar a verdade, estamos pensando em levar uma rampa de skate desmontável pro festival!”.

Tais considerações vêm ao encontro do que provavelmente almejam seus fãs, um reconhecimento público da identidade com a modalidade skate. Obviamente que o Beastie Boys não é a única banda que cativa os skatistas, já que outras poderiam ser citadas, como as internacionais Green Day, Suicidal Tendencies, Agent Orange e as nacionais Planet Hemp, Anjos dos Becos,

Ratos do Porão e Charlie Brown Jr⁴¹. Entretanto, percebe-se um certo consenso entre os skatistas quando o nome Beastie Boys é ligado à modalidade.

Mostrou-se também um fato comum nas pistas em que visitei um aparelho de som tocando bem alto músicas preferidas pelos skatistas, dando uma cor especial a cada *session*, fato este que se repete na maioria dos campeonatos.

Concebida neste sentido, a música parece se transformar numa energia a mais para o skatista buscar a radicalidade em suas manobras. Pude verificar também tal ligação na pista de São Caetano, durante o Oitavo Torneio realizado em dezembro de 1996. Na oportunidade conversei com Wellington Melo Soares, de 24 anos, que, além de skatista, é integrante de uma banda nacional de rap chamada De Menos Crime.

Questionado sobre o porquê do rap ser costumeiramente ligado ao skate, *Wellington* respondeu:

Acho que é porque o ritmo e a letra das músicas de rap são agressivas, combinando com o radical que existe no skate.

Seja embalado pelo *rap* ou por qualquer outro ritmo que se aproxime do elemento “radical” na modalidade, o skate se relaciona de forma expressiva com a música, fato este que tem se mostrado bastante fértil quando se tem por análise elementos que identificam o grupo.

⁴¹ A respeito da banda Charlie Brown Jr., seus integrantes dizem ter adotado um “estilo skate” em suas músicas, como relatou *Chorão*, vocalista da banda: “*Queremos levar a cultura do skate para os que não têm informação sobre ela*”. A relação da banda com o skate foi publicada no artigo de Célia Almudena, “Grupo adota skate rock”, na *Folha de São Paulo*, caderno Folhateen, p.4, 14/07/97.

II . 4 - outros elementos

Neste item destaco a importância de outros elementos presentes no dia-a-dia do skatista e que se mostram igualmente ricos para análise.

O primeiro deles é a possível existência de um **líder** no grupo de skatistas, na pista praticando a modalidade ou nas saídas à noite, por exemplo. Os skatistas com quem conversei foram unânimes em afirmar que não existe líder na modalidade, já que, se este realmente fosse eleito, o skate perderia sua “essência” que é justamente a liberdade sem ordens. A seguir, o relato de alguns skatistas:

Todo mundo vai andando; ninguém dá ordem não.

(Fê)

Não acho que exista líder; geralmente as pessoas que têm o espírito skate não aceitam ser mandadas; tem que estar na igualdade.

(Giuliana)

Nos esportes radicais, de modo geral, todo mundo é esperto; então, não tem essa não de ser chefe, existe galera e na galera o que é mais bonitinho se destaca ou que anda bem talvez, mas nunca chefe.

(Limpa)

Mesmo considerando o fato que os skatistas aí apontados acreditam não existir propriamente um líder, parece consenso geral dos skatistas que o mais velho ou o mais habilidoso (como é o caso dos “prós”) exerça uma certa

autoridade na pista, talvez não como um “chefe” mas sim como uma espécie de “conselheiro”, onde suas dicas devem ser respeitadas:

O skate funciona também em cima de “ídolos”; o garoto se espelha nos profissionais, desde o mirim, iniciante, amador até se envolver no circuito; mesmo não competindo, sempre vai ter aquele da região que anda legal, melhor, ou às vezes é o cara que tem idéias próprias ou mais afirmações; o líder é uma característica muito forte no grupo; não é sempre o que tem mais idade.

(Gyrão)

Na pista de São Bernardo percebi uma certa influência de skatistas mais velhos como Orelha nos “conselhos” para os mais jovens:

É o seguinte, ó, eu não deixo o cara andar aqui sem equipamento, porque dá a maior *zica* depois; sabe como é, moleque de 15, 16 anos, meu, o cara acha que isso aqui é baixinho (referindo-se ao *bowl*). Vai vê a altura do bagulho!

(Orelha)

Há aqueles ainda que apontam uma certa “falta de respeito” com quem é mais velho no esporte:

Primeiro não existe líder no grupo, mesmo o pessoal “da antiga”, que poderia assumir este papel, muita gente não respeita como líder, mas sempre tem respeito por quem tem mais tempo no esporte, acho que isto é com qualquer esporte, o novato tem um certo respeito, né, mas infelizmente até muitos atletas profissionais não tão nem aí com a história do

skate, eles esquecem que no dia de amanhã eles vão tá velho também, tá, os cara não vê o passado e não vê o futuro, o cara mais consciente olha pra quem tá andando já com mais idade e pensa: será que com a idade dele eu vou tá andando ainda?

(Osmar)

Outro aspecto que se mostra revelador nas pistas é a quase total ausência de **crenças ou mandingas** no skate, pelo menos que envolva o grupo como um todo. Bem diferente de outras modalidades como a capoeira, por exemplo, onde os integrantes se benzem ao entrar na roda⁴², ou no futebol, onde é bem comum o jogador entrar com o pé direito no campo e também se benzer⁴³, no skate, segundo os praticantes entrevistados, não se costuma privilegiar a execução de qualquer benzimento ou ritual quando na entrada de uma *session*.

A mandinga, a capiaça, não rola comigo não, eu sou meio preto no branco, ou é ou não é, nunca dei muita importância: aqui a gente tira o exu de *lóqui*.

(Limpa)

Sobre a influência ou não das **drogas** no dia-a-dia do skatista, os praticantes entrevistados não negaram a existência do consumo na modalidade, porém deixaram bem claro que tal fato não se constitui em regra geral:

Tem um ou outro que curte droga, mas a maioria é careta.

(Lima)

⁴² Fato apontado no estudo de Reis, L. V. de S. Negros e brancos no jogo da capoeira: a reinvenção da tradição. *Dissertação de Mestrado*, FFLCH/USP, 1993.

⁴³ Sobre o assunto ver em Sarno, F. J. *Futebol: a dança do diabo*, 1980.

Falam que aqui a droga rola, mas não tem nada a ver, droga rola em tudo quanto é tipo de meio, eu faço faculdade e fiquei abismada o que rola lá dentro, eu não esperava, tudo um bando de maluco.

(Renatinha)

Uso de droga é cara de fora que vem aí.

(Orelha)

É, depende do cara: se ele gostar, ele usa, se não gostar, fica só andando de skate e acabou; uns falam que a droga ajuda a andar de skate, eu já acho que não.

(Fê)

Um fato que chama atenção no grupo de skatistas é a ligação dos mesmos com a **grafitagem**. Tanto em São Bernardo como em São Caetano percebe-se a presença de diferentes desenhos, símbolos e referências a nomes e apelidos no piso da pista:

A pista é um espaço alternativo, certo, e o pessoal grafita mesmo, e é bem ligado ao skate, isso já vem lá de fora, porque lá fora é bem grafitado. Então, eu acho que automaticamente ficou já meio enraizado no skate e este visual é pra quebrar um pouco o cinza do concreto, pois o concreto pintado é mais bonito, colorido fica mais visual *na parada*.

(Osmar)

Mostrou-se um fato curioso que, tanto em São Bernardo como em São Caetano, as imagens grafitadas são totalmente apagadas quando na realização

de algum torneio ou evento, voltando a surgir posteriormente na prática cotidiana dos skatistas.

No meio destas imagens, quase sempre presentes, destaca-se uma em São Bernardo que faz referência ao desenho de um patins coberto por um “x” em vermelho, com os dizeres “frangos”. Tal desenho é alusivo à proibição, pelos skatistas, de patins no local e propositadamente colocado para intimidar os *rollers*. Este desenho grafitado expressa uma grande rixa que existe atualmente entre as “tribos” dos skatistas, *rollers* e *bikers*, potencialmente os três grupos que poderiam estar utilizando o espaço da pista.

O aspecto **rixas** mostra-se um rico fator de análise, na medida em que ele supõe uma relação de poder inter-grupos, aguçando assim a identificação intra-grupo, já que a união no interior do grupo de *rollers*, por exemplo, se mostra um fator indispensável para combater o preconceito nascido no interior do grupo de skatistas. A partir destas rixas é muito comum ocorrerem brigas, quase sempre extrapolando a mera agressão verbal para o combate físico.

Procurei então ouvir considerações das “tribos” envolvidas. Primeiramente, na opinião dos *skatistas* :

Tem uns carinha que usam patins aqui perto de casa que eu não gosto deles, aí eu fico *tirando* eles.

(Lima)

A gente procura não arrumar briga, mas se mexe, aí...; um dia, andando na rua de skate, uns moleques começaram a me xingar, né, aí a gente deixou quieto e foi embora.

(Fê)

Segundo ainda alguns skatistas, a rixa acontece pelo desrespeito dos *rollers* e dos *bikers* por um espaço que é originariamente do skatista:

Eu acho que é o seguinte: a bronca maior do pessoal é que as pistas que têm foram desenvolvidas pra skate, foram skatistas que batalharam, e aí vem os *rollers*; pô, em pista de *roller* não vai skatista, se você vai num ringue de patinação, onde ficam os *rollers*, não vai skatista lá *gralhar*.

(*Osmar*)

Se você for ver, patins virou moda; aqui é uma pista de skate, patins invadiu e eles atrapalham bastante, sabe; tem também o pessoal que anda de bicicleta, eles não atrapalham, mas às vezes eles deixam a bicicleta cair e quebra a pista; aqui é uma pista de skate, não pista de bicicleta e muito menos de patins.

(*Renatinha*)

É ruim, hem, os *roller* fica andando, não fazem nada; isso aqui não é pista pra aprendizagem, é pra quem anda, cara.

(*Orelha*)

Geralmente o patinador atrapalha o skatista, numa pista feita para skate.

(*Gyrão*)

Acredito que exista espaço pra todo mundo andar em todos os lugares, mas, por outro lado, nas pistas de skate é aberto pra quem anda de patins, mas nas pistas de patins não se pode andar de skate.

(*Giuliana*)

Tem atritos sim, aqui na pista nós sabemos as regras, numa *session*, quando entrar ou não, agora os *rollers* e os *bikers* não sabem disto, a rixa se dá por aí, é só você olhar pra respeitar, ver quando acaba a *session* de um e começa a sua; a maioria não respeita, agora há pouco um skatista *colou* um *biker*.

(Limpa)

Vale lembrar aqui que já existem várias pistas especiais para a prática de *roller*, seja o “artístico”, seja o “radical”. O primeiro, para ser praticado, precisa basicamente de um bom piso plano, reto; já o segundo, seria interessante também a presença de *miniramps* e *halfpipes*, semelhantes ao do skate. O número de pistas em São Paulo para a prática do *roller* tem crescido consideravelmente⁴⁴.

Além dos possíveis fatores estimuladores de rixas e brigas apontados nestes depoimentos, surge ainda a consideração de serem outras “tribos” ligadas a um maior poderio econômico, principalmente a dos *rollers*, e seus hábitos seriam, de modo geral, abominados pelos skatistas:

Eu acho que o *roller* é pra quem é mais boy, o patins é uma nota; eu já ouvi dizer que tem cara que sai pra espancar os outros caras que praticam outro esporte, tipo *biker*, *roller*, sai mesmo pra arranjar *treta*; ó, uma vez aí tava um moleque, boyzão mesmo, tava andando ali no *mini ramp*, aí chegou um cara aqui que conhece todo mundo né, aí o cara falou assim: “o boy, chega aí, se você andar de novo aqui, mano, eu não

⁴⁴ Tal fato é retratado no artigo de Antonina Lemos e Larissa Purvinni, “Roubo de patins cria ‘mercado negro’”, *Folha de São Paulo*, c.6, p.1, 26/06/95, mostrando que vários shoppings de São Paulo aderiram à idéia da construção de pistas de *roller* em seu estabelecimento.

vou falar nada, só vou quebrar suas pernas, falô?"; o cara saiu fora, nunca mais vi aqui o cara, tava com roupinha tudo burguês.

(*Seu Madruga*)

A isto se acrescenta, segundo os skatistas, o fato do *roller* ter surgido posteriormente ao skate, e por causa disto também os *rollers* deveriam respeitar mais os skatistas talvez numa espécie de hierarquia por tempo de existência ou por espaço já conquistado.

No que diz respeito aos *bikers*, durante a realização do oitavo campeonato de **street style** de São Caetano, no momento dedicado aos treinos, um praticante da modalidade chamava atenção pela altura que atingia nas saídas do *half-pipe*.

Logo após a *session*, acenei se ele poderia vir conversar comigo. Ele se identificou como *Zel*, precisamente Helder Anderson Teles, profissional há quatro anos como *biker* e no momento sem patrocínio. Estava ali na pista porque iria participar, no último dia do evento, de um **desafio**⁴⁵ onde estariam *bikers*, patinadores e skatistas, juntos.

Quanto a possível rixa entre *rollers*, *bikers* e skatistas, *Zel* colocou na ocasião:

Isto acontece em qualquer lugar do mundo, e pra diminuir isto, é só aprender a respeitar e aí certamente será respeitado.

E, finalmente, quanto aos *rollers*, alguns apontam a questão econômica, comentada aqui há pouco, enquanto fator decisivo, onde o poder aquisitivo

⁴⁵ A atividade em questão foi o **desafio de aéreo**, este que terá suas características apontadas posteriormente, quando no relato do Campeonato Brasileiro em São Caetano do Sul, 1996.

funcionaria como uma espécie de “seleção” do público que irá usufruir dos patins ou do skate⁴⁶.

Conheci na pista de São Caetano o *roller* Erlânderson de Oliveira Teixeira, ou simplesmente *Lânder*, como é mais conhecido. *Lânder* tem 17 anos, sendo os últimos três dedicados à prática do *agressive in line*⁴⁷.

Assim como *Zel*, estava treinando para enfrentar a competição de **aéreo** no último dia do torneio, esta que seria sua primeira participação em eventos desta natureza. É amador e vem se dedicando todos os dias para ganhar mais experiência em cima das rodinhas do *in line*.

Ao ser questionado sobre a existência (ou não) de rixas com os skatistas, *Lânder* colocou:

Tem as idéias aí dos skatistas acharem que nós *rollers* somos os boy e eles os favelados; aí, lá na pista principal (apontando para a pista do **street**), eles discriminam a gente jogando o skate em cima, cada um tem que arrumar seu espaço aqui.

Fiquei curioso então para saber como seria o **desafio** a ser realizado neste torneio, já que se teria a presença de *rollers*, *bikers* e skatistas numa mesma atividade, competindo lado a lado.

Chegado então o momento do **desafio**, muitos skatistas, estando em maior número, gritavam a frase “*agora é o grudado no pé*”, quando na *session*

⁴⁶ Apenas como ilustração, sobre este assunto mostra-se interessante a opinião do *roller* Fernando Espigado, de 21 anos, registrada no artigo de Larissa Purvinni, “Patins X Skates”, *Folha de São Paulo*, c.6, p.4, 12/12/94: “os skatistas não gostam da gente; eles têm inveja; para comprar um par de patins e equipamento você gasta R\$ 500,00, já um skate custa R\$ 100,00”. A autora destaca ainda em seu artigo que tem crescido na Europa o uso, pelos skatistas, do botom com os dizeres: “*Rollerbladers Fuck*”, ou traduzindo, “*Danem-se os rollers*”.

⁴⁷ O *agressive in line* é um dos estilos possíveis na modalidade *roller*, geralmente praticado em pistas consideradas “radicais”, como no *half-pipe*. Tal estilo tem, como principal característica, prezar pela radicalidade nas manobras.

entrava um *roller*. Não senti revide algum por parte dos *rollers*. Os *bikers* não foram provocados na ocasião.

Os fatores citados neste item têm relação direta com o cotidiano dos skatistas pesquisados e são decisivos para aguçar a formação da identidade enquanto grupo. Como bem destaca *Gyrão*:

O skate faz você encontrar os amigos, estar no grupo; andar de skate é um ato isolado mas ao mesmo tempo coletivo, pois é muito melhor andar com o amigo, dividir isto; se você vai na pista de São Bernardo encontrará os habituais lá; se tem, por exemplo, um evento em São Caetano no final de semana você encontrará lá o pessoal de São Bernardo.

(*Gyrão*)

Um fato praticamente impossível de não notar é o “quase” absoluto domínio masculino nas pistas pesquisadas. Quais seriam os motivos da baixa militância feminina no skate? Este é um assunto para o próximo item.

III - A relação entre os gêneros

Neste terceiro e último item do capítulo abordarei a relação entre **gêneros masculino/ feminino** nos praticantes de skate. Tal aspecto mostra-se extremamente revelador, visto que é notadamente baixa a participação das mulheres com relação aos homens quando o assunto é o skate.

Primeiramente, ampliarei a discussão a fim de elucidar a participação relativamente recente das mulheres nos esportes, principalmente no nosso país.

A discriminação e o preconceito, enraizados em nossa sociedade, procuraram privar por muito tempo a participação das mulheres em muitas das

discussões de ordem político-econômico-social, de tal sorte influenciando também um certo impedimento quanto ao seu real engajamento em diversas manifestações culturais. Entre estas manifestações, situa-se o esporte, sem dúvida um dos fenômenos culturais mais significativos no mundo contemporâneo.

Procurando traçar um resgate histórico sobre a incansável busca da mulher pela quebra de tabus presentes no esporte, Castellani Filho⁴⁸ analisa tópicos ligados à legislação brasileira, destacando que no Brasil, através do decreto-lei n. 3199, de 1941, responsável pelas bases de organização dos desportos em todo o país, se estabeleceria o artigo 54:

“(...) às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este efeito o CND (Conselho Nacional de Desportos) baixar as necessárias instruções às entidades esportivas do país”.

O autor destaca ainda que alguns anos depois, o CND finalmente baixou, em 1965, por meio da deliberação n. 7, instruções sobre a permissiva prática do desporto pelas mulheres: *“não é permitida (à mulher) a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo, halterofilismo e baseball”.*

Constata-se, a partir da leitura destes documentos, uma evidente distinção quanto à permissividade configurada entre a prática de modalidades esportivas à disposição dos homens (com um amplo leque de opções), das executadas pelas mulheres.

⁴⁸ Castellani Filho, L. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*, 4ª ed, 1994, pp. 61- 66.

Tal legislação do desporto vem ratificar o desejável papel social da mulher vigente na época, onde Castellani Filho⁴⁹ realça que

“(...) se reforça o pensamento dominante do papel da mulher na sociedade brasileira, preparando-a fisicamente para a maternidade, concebendo a idéia de ‘mulher’ quase que somente associada à idéia de ‘mãe’, servindo desta forma de suporte para o controle do comportamento feminino”.

O autor reforça ainda que a luta da mulher pela sua emancipação, através dos tempos, no sentido de vir a ser considerada como um ser social com igualdade de direitos, teve uma das suas facetas manifestadas no esporte, de forma efetiva, somente na década de 80. Com a deliberação n. 7/65 revogada em 1979, o CND baixou em 1986 a recomendação n. 2, na qual admitia reconhecer *“(...) a necessidade do estímulo à participação da mulher nas diversas modalidades desportivas no país (...)”*⁵⁰.

Os anos 90 definitivamente consolidam a efetiva participação das mulheres nos mais variados temas sociais e, por consequência, a procura por transposição de barreiras quanto à concepção de existirem modalidades esportivas exclusivas quanto ao sexo do praticante.

O *futebol*, por exemplo, antigamente típico exemplo de modalidade praticada por homens, hoje assiste também à participação das mulheres, fato este amplamente enfatizado nos dias atuais pela imprensa especializada no esporte e respaldado por federações atuantes na modalidade⁵¹.

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ Ibidem.

⁵¹ Tal fato tem recebido atualmente especial enfoque no jornalismo esportivo, apontado em artigos como o de Ichiara, A., Araújo, C. e Larossa, T., “Elas trocaram as bonecas pelas pelotas”, *O Estado de São Paulo*, caderno Zap, p.13, nov/ 95, artigo este que destaca uma verdadeira “invasão” das mulheres *“(...) num esporte*

Todavia, mesmo com todo este “frenesi” atual sobre a mulher no futebol, o preconceito não deixou de existir ainda na nossa sociedade, como bem demonstra Bruhns⁵² quando, ao se referir às jogadoras provindas de classes desfavorecidas economicamente, aponta que

“em virtude dos modos ditos ‘grosseiros’ apresentados em campo, como brigas, pontapés e cuspir no chão (talvez formas de comportamento desenvolvidas para se sentirem aceitas, uma vez que o esporte se caracteriza como domínio masculino), as jogadoras logo foram adjetivadas de ‘machonas’, ‘paraibas’, etc.”.

Assim como no *futebol*, a mulher atualmente vem se destacando também em outros esportes que antigamente eram dominados por homens, entre eles o *tae kwon-do*, a *esgrima*, a *capoeira*, o *caratê* e o *tiro prático*⁵³.

Com relação à participação das mulheres no evento máximo dos esportes, os Jogos Olímpicos, em cem anos⁵⁴ o Brasil nunca havia obtido medalhas em competições femininas, sendo que estas vieram a acontecer por intermédio das jogadoras de vôlei de praia Adriana Samuel/ Mônica Rodrigues (contempladas com a prata) e Jacqueline “Jackie” Silva/ Sandra Pires (medalha

que o homem conhece desde o berço”. A respeito do empenho atual de federações desportivas com relação ao *futebol* feminino, Thales de Menezes, no artigo “Boas de bola vão para o ataque”, *Folha de São Paulo*, c.5, p.3, 30/09/96, verifica que, logo depois da conquista da quarta colocação pela seleção brasileira feminina de futebol na Olimpíada de Atlanta, já estão sendo preparadas equipes mirins, infante e juvenis que têm por objetivo disputar o Mundial de 1999 e as Olimpíadas de Sidney, em 2000.

⁵² Bruhns, H. T.. *Corpos femininos na relação com a cultura*. In: Romero, E. (Org.). *Corpo, mulher e sociedade*, 1995, p. 94.

⁵³ Fato este abordado no artigo de Maria Luísa Cavalcanti, “Damas de Ferro”, *Folha de São Paulo*, c.6, pp.4-5, 18/04/94, destacando que os esportes de combate estão sendo, cada vez mais, praticados pelas mulheres em todo o território brasileiro.

⁵⁴ É bom lembrar que as primeiras disputas femininas nos Jogos Olímpicos da Era Moderna se deram em 1900, no tênis e no golfe, como aponta o artigo “Mulheres nas Olimpíadas” na *Folha de São Paulo*, suplemento especial Olimpíadas, de 27/07/96.

de ouro), se tornando as primeiras mulheres brasileiras a conquistar as cobiçadas medalhas dos Jogos Olímpicos. Após a conquista das voleibolistas, o *volêi de praia*, já consagrado em “points” como o de Copacabana e Ipanema-RJ, teve sua prática incrementada em boa parte da costa marítima brasileira⁵⁵.

Com relação ao skate, modalidade praticada atualmente em vários países, a participação feminina não é ainda um fator de expressão, como as modalidades há pouco citadas. Isto porque, como veremos a seguir, vários fatores contribuem para “afastar” as mulheres das pistas.

Alguns homens no skate, conforme verifiquei em minha pesquisa, costumam dar várias razões para a baixa participação feminina:

É que no skate no começo você cai, se machuca bastante, varia de mina pra mina, umas gostam mesmo de tomar uns capotes e se machucam toda.

(*Seu Madruga*)

Ah, não sei não, acho que o skate não é coisa pra mulher não, tem algumas até que andam, mas machuca.

(*Lima*)

É raro ver as minas andando de skate, principalmente na rua, é difícil, acho que elas têm medo de se machucar.

(*Fê*)

⁵⁵ O crescimento “meteórico” da modalidade *volêi de praia* foi registrado em vários artigos, logo após a conquista feminina brasileira nos Jogos Olímpicos. Num destes artigos, Maurício Stycer, em “Campeã já vê ‘pátria de biquínis’”, *Folha de São Paulo*, caderno Atlanta 96, p.6, 29/07/96, resgata também que o primeiro circuito da modalidade ocorreu nos anos 50, na Califórnia, sendo que o mundial masculino ganhou força em 1989 e o feminino em 1992, com etapas disputadas principalmente no Brasil, Itália, Austrália, Espanha, EUA. No Brasil, a modalidade começou a ser praticada na década de 60, onde atualmente o circuito brasileiro, disputado em dez etapas, está oferecendo o equivalente à US\$ 500 mil por ano, o que faz com que quase a totalidade dos atletas praticantes desta modalidade vivam somente do esporte.

O skate oferece certo risco: machuca, rala; canelas roxas tendem a afastar as meninas do skate.

(Gyrão)

Estar suscetível ao “imprevisto”, fator pertinente aos esportes radicais e já salientado no capítulo anterior, pode oferecer a proximidade com um certo “risco” que, num esporte como o skate, acaba muitas vezes por se constituir numa queda com consequências inesperadas, que vai desde simples escoriações até, quem sabe, uma parte do corpo quebrada no impacto com o solo.

Estas características, segundo os depoimentos registrados acima, têm se transformado em decisivos fatores para o afastamento das mulheres na modalidade, segundo o ponto de vista dos homens. Por outro lado, o que pensam as mulheres sobre isto? Conversei então com algumas skatistas envolvidas na minha pesquisa sobre o assunto:

Nunca se vê mina andando, então parece que não é feito pra mina, entendeu, mas na verdade é só ficar com vontade, montar no skate e aprender; machucar vai machucar mesmo, mas machucar faz parte.

(Cherry)

Mas parece não ser somente das quedas, e consequentes machucados, a responsabilidade pela baixa participação feminina na modalidade. Acrescenta-se a isto certamente o fato de existir, assim como no *futebol*, abordado há pouco, um certo preconceito vindo da sociedade que não vê a prática do skate com bons olhos, ainda mais quando se trata da prática pela mulher.

Tal consideração possivelmente pode ser atrelada aos estereótipos construídos socialmente, onde costumeiramente se associa uma “fragilidade” à mulher. Esta expectativa alimentada socialmente pode ser demonstrada pelo quadro denunciado por Bruhns⁵⁶, onde a autora demonstra a seguinte esquematização, assinalando opostos que implicam complementaridade:

<i>“HOMEM</i>	<i>MULHER</i>
<i>sexo forte</i>	<i>sexo frágil</i>
<i>dominação</i>	<i>subordinação</i>
<i>esfera pública</i>	<i>esfera doméstica/privada</i>
<i>poder</i>	<i>‘poder de manipulação’</i> ”

Esta estereotipação de gênero, num determinado âmbito social, pode também ser encontrada na esfera do lazer, como ressalta Arantes⁵⁷:

“para a mulher participar da esfera do lazer (em especial no esporte e em atividades que implicam o uso de espaços e equipamentos públicos), significa frequentemente desafiar expectativas de comportamento (e de desempenho), que são fortemente referidas a definições estereotipadas de masculinidade”.

Tais características podem ser aproximadas à baixa participação da mulher no skate. Isto porque a modalidade é associada comumente, como vimos nos capítulos anteriores, à imagem de “rua”, “transgressão”, “selvagem”, definitivamente não combinando com os significados relacionados ao gênero feminino, como “frágil”, “dócil”, “mãe” e “caseira”.

⁵⁶ Bruhns, H. T. *op. cit.*, 1995, p. 77.

⁵⁷ Arantes, A.A. *Consumo e entretenimento: hipóteses para uma antropologia do tempo livre*, 1993, p. 16.

A sociedade já é uma sociedade masculina, né.

(*Giuliana*)

Neste sentido, andar de skate pode significar um desafio à expectativa da sociedade, o que pode provocar até um sentimento de “vergonha” na praticante, já que ela se encontra exposta aos juízos de valor de outros skatistas homens, predominantes em número nas pistas, ou ainda de quem apenas assiste às *sessions*:

As meninas não andam ainda meio de vergonha, eu mesma fico retraída quando vou pra outras pistas; quando a menina anda, todo mundo repara.

(*Renatinha*)

Além do mais, outro fator argumentado pelas skatistas é a grande dificuldade para as que querem se engajar no campo profissional da modalidade, visto a irrisória oferta de torneios para tal público:

Agora as mulheres tão entrando também em torneios, tão andando bem, mesmo ficando roxas, só que precisava ter mais campeonatos femininos.

(*Giuliana*)

As skatistas sugerem que falta também estímulo dos organizadores de torneios para que elas se engajem de uma forma mais efetiva no circuito da modalidade. Sobre o assunto, *Gyrão* “contra-ataca”:

As garotas reclamam que são discriminadas nas pistas, mas elas mesmo são um tanto desorganizadas enquanto categoria

no skate; algumas superam a rejeição indo em frente, como por exemplo minha filha, de 14 anos, que anda de skate; me lembro de um campeonato em Santa Catarina em 77 que reunia 11 meninas; já em 95, houve a idéia de ter um campeonato exclusivamente feminino, reunindo 13 garotas; elas mesmo têm que meter a cara e quebrar o tabu.

(*Gyrão*)

Seja como for, amadora ou profissional, a participação em torneios parece ser um interessante fator para a afirmação da mulher no skate, já que assim ela pode ir ganhando espaços na modalidade. Quem sabe desta maneira as mesmas “se armem” contra o preconceito, superando os obstáculos, como já o fizeram em outros esportes, objetivando assim a conquista de um lugar de destaque na modalidade, como destaca o skatista *Limpa*:

Tem as desbravadoras que vão e enfrentam o preconceito; eu acho mulher andando de skate muito bonito.

(*Limpa*)

Documentando a oitava etapa do campeonato brasileiro de skate em São Caetano, o coordenador de esportes do SESC São Caetano, Dino Moura (principal responsável pela ligação da entidade com evento), me revelou que as mulheres não estavam participando do torneio e atribuiu a isto o fato de que:

Mulher no skate ainda é uma raridade, já que é um esporte em que os homens predominam quase que na totalidade.

Embora sendo “raridade” competindo na pista, conforme havia colocado *Dino*, pude perceber a presença das mulheres por todos os lados enquanto

espectadoras, umas apenas assistindo talvez por curiosidade, outras torcendo e vibrando muito.

Resolvi abordar então algumas garotas que se enquadravam nesta segunda situação, gritando a cada manobra “radical” dos skatistas. Eram elas: Tatiane Comelli Martins (19 anos), Sabrina Abusafy Comar (17 anos) e Luísa Piqueira (17 anos). Elas concordaram, de forma unânime, que as mulheres não estavam participando da competição por que “falta apoio” para isto e não por medo da queda, como muitos pensam, já que a maioria das pessoas discriminam a prática desta modalidade pelo sexo feminino: “*todo mundo fica tirando o maior sarro*”, comentam. *Luísa* colocou que pratica sempre, mas geralmente em algum lugar com poucas pessoas, como por exemplo no quintal de sua casa, evidenciando aí possivelmente o fator “vergonha”, abordado há pouco.

Outro fato que também chamou atenção durante a realização deste evento em São Caetano foi a presença de *Giuliana* na **clínica de skate**, na condição de professora. Considerando que haviam somente homens inscritos, fiquei curioso em saber como estes aceitariam os conselhos, as dicas, os ensinamentos, enfim, vindos de uma professora.

Giuliana relatou que os meninos a princípio tem uma certa resistência, principalmente os que já sabem “andar”, mas a medida que vão percebendo que ela sabe algumas manobras que eles não sabem, vão dando mais credibilidade à professora, ficando mais atentos aos ensinamentos.

Procurei ouvir também o que pensava o candidato a vereador *Ednei* sobre o assunto. Ele colocou, na oportunidade da nossa conversa, que o “descaso” do poder municipal, como o existente em São Bernardo, poderia contribuir para o afastamento das skatistas da pista pública e ele, se eleito vereador, procuraria modificar tal quadro:

A participação das mulheres no skate é pequena aqui na cidade, justamente por causa desse abandono. Vamos supor: ela estuda e trabalha, e geralmente os skatistas que andam de skate também estudam e trabalham, e assim não praticam de dia, vão andar de noite e a pista tem pouca iluminação⁵⁸; acontece que tem muita menina boa, que anda de skate, que vai andar em São Caetano porque é mais seguro pra ela, entendeu, e aqui nessa cidade não funciona assim.

Procurei saber também o que pensam os profissionais na modalidade a respeito da participação feminina no skate? Ouvi a opinião de alguns deles.

Conversando com *Digo* antes da competição de **street style** no evento de São Caetano, ele que é campeão mundial de skate na Alemanha e mora atualmente nos Estados Unidos, questionei como é a participação feminina no skate “lá fora” e como via tal participação:

Nos Estados Unidos muita gente anda de skate, as mulheres são em menor número, mas as que andam, andam bem, é bem legal. Acho que é questão da mina querer mesmo, se jogar, tal, isso aí depende delas próprias, não tem essa de discriminar não.

Também anteriormente à competição de **street**, tive a chance de conversar com o medalhista em skate nos Extreme Games 96, *Ferrugem*, sobre o assunto:

⁵⁸ Para verificar esta denúncia de *Ednei* sobre a falta de iluminação na pista de São Bernardo, fui ao local no período noturno, em duas distintas oportunidades e pude verificar realmente que não havia iluminação no local, nem mesmo no trecho da avenida que acompanha lateralmente a pista.

Elas têm o direito de andar também, o homem tem o direito de andar de *roller* também, o skate é a mesma coisa. O pessoal não dá muito valor assim, é meio estranho até ver a mulher andando de skate, mas eu não vejo porque ela não andar.

Procurei também saber de *Osmar* sobre seu pensamento quanto a participação feminina no cenário do skate nacional:

O problema é que o skate é um esporte meio agressivo, né, o problema é o impacto, cai, bate, tal, sabe, e um tombo é forte pra uma mulher, mas mesmo assim tem mulher que anda e acho até legal, entendeu, o problema maior é de se machucar, porque requer também do corpo. Talvez se o skate fosse só habilidade e não tanto esforço físico tivesse mais mulher, o esforço físico limita, não que a mulher seja mais ou menos que o homem, não é por aí o caminho (grifo meu).

O uso do corpo seria fator decisivo para o predomínio masculino no skate? Bruhns⁵⁹, ao abordar a dialética da submissão feminina, aponta que

“muitos têm debruçado os olhares sobre o corpo feminino e declarado ter visualizado um corpo submisso, explorado, passivo, enfim, como se ouve, um corpo-objeto ‘de cama e mesa’, embora este não apresente-se tão submisso como é apontado”.

⁵⁹ Bruhns, H. T. *op.cit.*, 1995, p. 73.

Sobre o assunto, Pais⁶⁰ denuncia que “*o corpo e as suas representações podem desempenhar um importante papel na construção da hegemonia masculina (...)*”.

Esta “hegemonia masculina” poderia se sustentar numa “fragilidade” do corpo da mulher no âmbito dos esportes, em especial o skate? Será que o corpo é realmente tão solicitado na prática da modalidade, onde o vigor físico seria algo imperativo nas manobras pertinentes à modalidade?

Considerações sobre o corpo, seja o masculino ou o feminino, as manobras realizadas por intermédio deste elemento e o consumo no skate serão assuntos de responsabilidade do próximo capítulo.

⁶⁰ Pais, J. M. *op.cit.*, 1993, p.101.

CAPÍTULO III

CORPO JOVEM E CONSUMO

I. Corpo jovem na prática do skate

Traçarei neste item considerações sobre corpo jovem, presentes em determinado contexto social e com representações a ele associadas, promovendo posteriormente um enfoque sobre as manobras no skate, onde o adolescente tem a possibilidade de “perceber” seu corpo.

I . 1- Sobre o corpo “jovem”

Procurei, num certo momento da minha pesquisa, investigar junto aos skatistas se existiria um modelo de corpo para praticar skate. A minha intenção era a de procurar perceber se, de alguma maneira, o corpo impunha limites na prática da modalidade.

Pude verificar então que, dos skatistas entrevistados, a maior parte deles se referiu ao corpo “gordo” como um elemento de restrição à habilidade na prática do skate, embora acreditem, de forma geral, que a obesidade não restrinja totalmente a prática:

O gordo pode praticar: tinha aí uma vez um gordo que andava muito! Meu, isto é só questão de prática. O skate é mais habilidade que força física.

(Seu Madruga)

Eu já vi bastante gordo andando aqui na pista. O gordo anda bem, sim.

(Fê)

Eu tinha um amigo gordo. O cara fazia umas manobras muito difíceis. Era gordo pra caramba, pesava uns 120 kg.

(Orelha)

As pessoas mais magras costumam andar melhor. Acho que é por causa do peso.

(Giuliana)

Todo mundo pode praticar skate, mas um condicionamento físico ajuda, como, por exemplo, não ter uma barriga quando for fazer uma manobra. Mas nada impede do gordo andar também.

(Limpa)

Olha, acredito que não exista modelo de corpo para a prática do skate. Agora, logicamente, o corpo pesado tem certas dificuldades em determinadas manobras, depende de onde se anda de skate - *vertical*, *street* -, o tipo de manobra que se vai tentar e quem está executando¹.

(Gyrão)

Aliado ao fator “obesidade”, o skatista e comerciante *Osmar* colocou também o fator “idade” como um aspecto de restrição à prática do skate, já que impõe limites ao corpo. Para defender tal posição, cita seu próprio caso:

¹ Gyrão cita como exemplos dois skatistas, considerado por ele veteranos e muito obesos, mas que andam de skate muito bem. São eles: Alexandre Calmon (o *Chacrinha*), do Rio de Janeiro, que, em seus 35 anos de idade, anda de skate em *vertical*; e Ronaldo (o *Tonel*), do Rio Grande do Sul, com 28 anos.

O gordinho, por exemplo, também anda de skate, mas ele vai ter dificuldade quanto à agilidade neste esporte, mas dá pra andar, aliás tudo dentro do limite do seu corpo, entendeu. Quando eu era campeão brasileiro, dava *aéreo*² de dois metros. Hoje dou *aéreo* de trinta centímetros (risos), entendeu. Antes eu pesava sessenta e nove quilos, hoje eu peso noventa e dois. Isso influi demais, hoje eu não tenho mais vinte anos. Então, tudo que estiver dentro do limite do seu corpo você pode fazer.

Já a skatista *Cherry* procurou identificar a possibilidade de andar de skate mesmo para pessoas com deficiência física:

Todo mundo pode andar de skate, cara. Não é por nada, mas eu tenho uma foto de uma mina e ela tá andando de skate com uma muleta, apoiando só numa perna.

(*Cherry*)

Por sua vez, o skatista *Lima* demonstrou acreditar que o elemento corpo não é decisivo para a prática do skate quando se tem por objetivo a diversão:

Não importa o corpo, qualquer um pode andar de skate, se divertindo, qualquer um mesmo.

(*Lima*)

A respeito da relação corpo-prática do skate, tive também a oportunidade de conversar com os profissionais na modalidade. Durante a oitava etapa do

² Os skatistas entendem por *aéreo* a fase em que o praticante mantém o skate fora do contato com o piso, decorrente, por exemplo, de uma saída no *vertical* do *half-pipe*.

campeonato brasileiro de **street style** em São Caetano, questioneei a *Digo* e a *Ferrugem* sobre o assunto. Os skatistas responderam:

Se você tiver base, você vai andar de skate bem. Se você for gordo, você também vai andar. Não existe essa de corpo perfeito. Como em todo esporte, depende de você e não simplesmente do seu corpo. É claro que você tem que ter resistência, mas acho que o corpo não influi muito no skate.

(Digo)

Ah, com certeza os magrinhos têm mais agilidade, mas não vejo porque o gordinho também não andar de skate. Eu já vi gordinho andar, tem pessoas que são altas e andam bastante também. O corpo não influencia muito.

(Ferrugem)

Pelos depoimentos dos skatistas, apesar destes defenderem posições distintas, de uma forma geral percebe-se que o corpo não restringe totalmente a prática do skate, mesmo o praticante sendo gordo ou ainda portador de alguma deficiência física.

Porém, em todas as vezes que fui até as pistas, não vi nenhum skatista que fosse gordo ou deficiente físico efetivamente praticando a modalidade. Tal fato poderia ter basicamente dois motivos: ou eu realmente não tive sorte e fui justamente nos dias em que gordos e deficientes não estavam com vontade de andar de skate (um tanto difícil, já que cheguei a visitar a pista todos os dias da semana, várias vezes), ou existiria uma certa discriminação com relação a estes elementos pelos próprios skatistas, baseado no fato de que o corpo seria imperativo para o aprendizado de movimentos na prática da modalidade (como

apontaram os próprios skatistas), a não ser que o objetivo fosse, resgatando a opinião de Lima, apenas a diversão.

Parece-me que a lógica que organiza a concepção (e aceitação) de corpo no grupo de skatistas é bastante semelhante à valorização que o esporte e a sociedade em geral imprimem sobre a necessidade do corpo esbelto e do corpo jovem, onde o corpo “gordo” e o corpo “velho” estão ligados geralmente à aspectos negativos, porque incapazes de responder prontamente aos apelos valorizados na sociedade³.

Portanto, para se falar de corpo ligado ao skatista mostra-se necessário levar em consideração a análise de um contexto social mais amplo, no qual o universo dos “jovens skatistas” está inserido.

Para fundamentar tal reflexão, parece ser interessante primeiramente explicitar alguns estudos que investigaram a relevância do corpo em nossa sociedade. Pinto⁴, por exemplo, defende o valor da cultura como formador de signos inscritos no corpo, argumentando que o humano espelha a concretude de seu ser individual culturalizado em sua corporeidade, de tal sorte que o corpo não retrataria apenas sinais inscritos nele mesmo, mas também seria mensageiro da interioridade subjetiva que expressa.

³ Mesmo não sendo o objetivo central deste trabalho, ressalto aqui a crescente valorização, pela sociedade em geral, do corpo “jovem e esbelto” em detrimento ao corpo “idoso e obeso”. Inúmeras são as tentativas atuais para se manter “jovem esteticamente”, desde o uso do potente hormônio Dehydroepiandrosterona, ou apenas Dhea, como é conhecido no mercado norte americano, para provocar rejuvenescimento (indicado para pessoas com mais de 75 anos de idade e que promete melhorar, entre outros, a memória, a resistência física e a disposição sexual) até se submeter a uma lipoaspiração para “ganhar a forma”, podendo custar a vida. Diante deste quadro, mostra-se pertinente o comentário de Mike Featherstone sobre o assunto: “*em nenhuma outra sociedade na história, como é dito, produziu-se e disseminou-se tal volume de imagens do corpo humano através do corpo em movimento na televisão e nos filmes (...) a vasta maioria das imagens, especialmente aquelas usadas para vender mercadorias por meio de anúncios, são imagens da juventude, saúde e beleza dos corpos*”. Featherstone, M. O curso da vida: corpo, cultura e o imaginário no processo de envelhecimento. In: Debert, G.G. (Org). Antropologia e velhice. *Textos Didáticos*, 1994, p.68.

⁴ Pinto, L. M. S. de. Artimanhas do corpo diante do espelho. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. 12 (1,2,3), 1993, pp. 294-296.

Pode-se citar ainda, na defesa da relação corpo-cultura, a colocação de Bruhns⁵, quando a autora ressalta:

“a mais simples observação em torno de nós poderá demonstrar que o corpo humano é afetado pela religião, pela profissão, pelo grupo familiar, pela classe social e outros intervenientes sociais e culturais”.

Ainda no que diz respeito à relevância da influência da cultura sobre o ser humano por meio do seu corpo, mostra-se pertinente a colocação de Daolio⁶ quando o autor salienta

“mais do que um aprendizado intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões. Em outros termos, o homem aprende cultura por meio de seu corpo”.

Coerente com esta linha de pensamento, Gonçalves⁷ defende que no ciclo vital humano - do nascimento até a morte - o corpo se transforma e a história pessoal de cada indivíduo fica, de certo modo, *inscrita* no seu corpo.

Assim, parece haver uma certa concordância, nos estudos sobre o assunto, a respeito do ser humano apresentar inúmeras variações no tratamento do seu corpo, bem como nas formas de se comportar corporalmente que, ao longo de sua história, revela as relações desse corpo com um determinado contexto social.

⁵ Bruhns, H.T. Introdução à palestra de Antropologia. In: _____. (Org.) *Conversando sobre o corpo*, 5 ed, 1994, p.43.

⁶ Daolio, J. Da cultura do corpo, 1995, p.40.

⁷ Gonçalves, M.A.S. *Sentir, pensar e agir: corporeidade e educação*, 1994, p.103.

Fundamentado em tais pensamentos, procurarei aqui abordar a questão relativa à **formação do corpo jovem**, já que tal concepção provavelmente seja a que mais se aproxime da discussão sobre o corpo-skatista.

Parece ser possível pensar nas mudanças ocorridas no corpo do adolescente vislumbrando-se basicamente por duas óticas: uma de instância *quantitativa* e outra *qualitativa*.

As mudanças de cunho quantitativo seriam aquelas verificadas a partir do processo de puberdade, desencadeando todo um período de profundas alterações orgânicas, onde uma sequência especial de eventos garantiriam uma maturidade fisiológica⁸.

Tal aspecto quantitativo parece ser o bastante para o jovem que o está vivenciando: um crescimento bastante rápido na estatura, as meninas mostrando-se surpresas com a primeira menstruação, a voz do menino se apresentando ora grave, ora aguda e outras manifestações peculiares.

No entanto, um enfoque muito especial pode ser atribuído às mudanças físicas de cunho qualitativo, ou seja, a implicação desse corpo num contexto sócio-cultural.

Colabora para esta análise o estudo de Furter⁹ sobre a juventude francesa, onde o autor aponta que todo este turbilhão de alterações biológicas acabaria por se constituir em uma profunda transformação também no modo de ser do jovem enquanto membro da sociedade.

O autor argumenta que, a princípio, o adolescente experimenta uma certa inquietude gerada pela novidade que representa seu corpo, já que quando criança, “crescia” com o seu corpo, assimilava seus movimentos com significativa facilidade. Contudo, quando jovem, há a manifestação do alheio

⁸ A abordagem quantitativa poderia ser encontrada, por exemplo, em estudos médicos sobre pré-púberes e púberes, entre eles o de Setian, N. et al, *Adolescência*, 1979.

⁹ Furter, P. *Juventude e tempo presente*: fundamentos de uma pedagogia, 1975.

e do estranho. Diante de tal quadro, Furter¹⁰ conceitua que “*tem início a adolescência no momento em que o corpo se impõe à atenção do indivíduo*”.

Deste modo, as mudanças quantitativas permitem ao jovem adquirir um novo corpo, num rápido espaço de tempo. Já as mudanças qualitativas possibilitam ao adolescente perceber gradativamente este corpo recém adquirido como um verdadeiro poder de abertura para o mundo, colocando-lhe em relação com o meio em que vive e, em particular, nas relações com o outro.

Assim, ao investigar os skatistas, percebi que estes a todo momento procuram dar uma forma, uma harmonia, um estilo a seus movimentos provenientes de um “novo” corpo adolescente. Tal aspecto parece estar presente até mesmo nos mais velhos, como o *Gyrão* e o *Orelha* que, apesar do fenômeno da puberdade obviamente já ter ocorrido há um bom tempo, continuam procurando imprimir em suas manobras um estilo jovem de ser, uma forma de se expressar, por meio da prática da modalidade, num contexto social maior.

Por outro lado, percebi também que a concepção de corpo presente no grupo de skatistas é bastante semelhante à veiculada na sociedade, onde “ter o corpo em forma” é vital para praticar bem as manobras e, pela habilidade, fazer parte do grupo, próximo assunto a ser tratado.

I. 2 - Um enfoque nas manobras

Durante a ocorrência do oitavo torneio de skate de São Caetano, uma figura se destacava em especial: era *Paulinho*¹¹, portando um microfone sem

¹⁰ Idem, p. 23.

¹¹ Já citado nesta pesquisa pelo seu trabalho junto à pista de São Caetano, *Paulinho* atuou na locução de todos os eventos ligados a skate em que eu estive presente.

fio, andava de um lado para o outro, pulava junto com os atletas e vibrava de emoção, incentivando o apoio da torcida alocada nas arquibancadas:

Andando forte, tentando chegar a mais um título brasileiro, uma salva de palmas para o atleta Rodil *Ferrugem*. Vai lá *Ferrugem*: ouhh, já iniciando forte sua apresentação, aí *Ferrugem*, **Backside Boardslide** no *corrimão*, e ainda faltam quarenta e um segundos, aiii, *Ferrugem*, (...) retomando, 15 segundos e uma ótima performance, (...) e aí *Ferrugem*, mandando bem um **Flip** no *quarter*, encerrando muito bem sua apresentação, performance com poucos erros, uma salva de palmas, ééé *Ferrugem*”

(*Paulinho*, locução durante o torneio de *street*).

Na atuação de *Paulinho*, a primeira impressão poderia ser a de que ninguém estaria entendendo o que estava sendo falado, já que, além da rapidez na locução das manobras, acrescentava-se o fato destas serem narradas na língua inglesa.

Entretanto, não parecia ser bem assim, já que no momento da locução do *Paulinho* eu estava junto à arquibancada, ao lado da torcida, e logo após a apresentação do skatista várias pessoas comentavam frases como “*meu, ‘cê viu o Grind que o cara deu no ‘corrimão’*” ou “*no ‘quarter’ ele teve a moral de voltar de Switch Stance*”.

Percebi então que tanto locutor, como skatistas e a própria torcida, dominavam uma espécie de vocabulário técnico que ficava realmente difícil para um leigo no assunto ali entender. No meu caso, confesso que tive muita dificuldade no início em me habituar com tais nomes, mas o convívio com os sujeitos da pesquisa foi gradativamente me levando a um entendimento básico.

Ali, naquela oportunidade, eu conseguia entender a maior parte da descrição - e comentários - a respeito das manobras.

Para compreendermos tal linguagem, em primeiro lugar é fundamental destacar que existem manobras que são peculiares (porém não exclusivas) para determinados modelos de pistas, ou seja, algumas manobras por exemplo se manifestam mais frequentemente na pista de *street*, como o **Flat Tricks**¹², outras no *vertical*, como o **Plant**¹³.

Deve-se ainda entender que existem manobras básicas, como o **Ollie**, o **Flip**, o **Slide** e o **Grind**¹⁴ que dão origem à outras manobras. Daí se teria, por exemplo, o **Slide** originando manobras como o **Backside Boardslide** no *corrimão*, narrada por Paulinho na apresentação de *Ferrugem* no *street*: **Backside Board** (manobra utilizando a parte de trás do skate) e **Slide** (a derrapagem ocorrendo ao mesmo tempo, no caso, descendo o *corrimão* da pista de *street*). Como outros exemplos de manobras derivadas das básicas teríamos o **Ollie To Frontside Nosegrind**, o **Frontside Ollie Air** e o **Heel Flip**¹⁵.

Aliado à complexidade do nome das manobras reside o fato da dificuldade em descrevê-las para o papel, já que embutido nos movimentos estão a plasticidade, a habilidade do skatista e, ainda nos torneios, a motivação

¹² O **Flat Tricks** é uma manobra de solo, feita durante o curso de *street* entre um obstáculo e outro.

¹³ O **Plant** se caracteriza por uma manobra onde o apoio do corpo é feito, geralmente, por uma das mãos na borda da pista após um voo.

¹⁴ O **Ollie** consiste em saltos com o skate sem usar as mãos (aéreos), saltos estes que geralmente ocorrem após o impacto do *shape* com o solo (ação - reação); já o **Flip** se caracteriza por verdadeiras capotagens com o skate, ou seja, o skate fica de cabeça para baixo no ar durante a manobra e termina na posição normal; por sua vez, o **Slide** é uma derrapagem controlada com as rodas ou com o *shape* do skate e, finalmente, o **Grind** é formado por 'slides' raspando o eixo do skate no obstáculo.

¹⁵ O **Ollie To Frontside Nosegrind** consiste em saltar com o skate e encaixar o eixo da frente na borda de um obstáculo, deixando-o escorregar; o **Frontside Ollie Air** projeta o skate para cima, onde o skatista deve controlar o voo com o pé da frente; e por fim o **Heel Flip** é realizado quando o praticante faz o skate girar, pressionando-o com o calcanhar.

vinda dos gritos da torcida, do locutor e muitas vezes da música (tocando bem alto “um som radical”).

Neste ponto acredito que minha dificuldade se assemelha à encontrada por Reis¹⁶ que, em sua pesquisa sobre o jogo da capoeira, exprime a “dura” tarefa de descrever os movimentos realizados pelos sujeitos de sua pesquisa:

“a principal dificuldade que surge neste momento é a de transcrever para o papel algo que é essencialmente coreográfico e musical. Nesta transposição, é evidente que muito da riqueza etnográfica certamente se perderá”.

Durante a minha pesquisa procurei estimular os skatistas para que falassem sobre as manobras. Obtive as seguintes reflexões:

As manobras eu vejo na televisão e em vídeo de skate.
(*Lima*)

O skatista *Lima* explicita aí o importante papel do “mass media” - neste caso representado pela TV e pelo vídeo - no estímulo ao aprendizado de novas manobras. *Renatinha* acrescentaria ainda a importância do próprio grupo de amigos skatistas nesse aprendizado:

Eu também vejo na pista meus amigos fazendo novas manobras. Aí, a gente faz.
(*Renatinha*)

Além dos amigos amadores, *Seu Madruga* destaca o relevante papel dos profissionais pela realização de manobras mais complexas:

¹⁶ Reis, L. V. de S. Negros e brancos no jogo da capoeira: a reinvenção da tradição. *Dissertação de Mestrado*, 1993, p. 202.

Os caras tão sempre inventando no skate, né. As manobras a gente vê em campeonato dos gringos, dos prós. Aí você tenta e pega a prática.

(Seu Madruga)

A partir das manobras nascidas nos Estados Unidos e realizadas primeiramente pelos profissionais e posteriormente incorporadas pelos amadores, seria possível o exercício da criatividade, aqui mesmo no nosso país, resultando em novas manobras, genuinamente brasileiras? Alguns skatistas responderam:

Em vídeo, andando aqui na pista ou na rua, a gente tenta tirar as manobras igual. As manobras vêm lá dos Estados Unidos, mas o brasileiro até pode criar manobras também.

(Fê)

É possível criar manobras novas, mas você precisa ter a base das manobras que já existem pra conseguir criar outras.

(Giuliana)

As manobras do skate a gente aprende normalmente nas revistas ou têm alguns que vão viajar e trazem novas manobras. Eu nunca inventei uma manobra, mas eu já fiz algumas manobras tão bem que o meu estilo permitiu uma identidade.

(Limpa)

Pode-se ser totalmente criativo no skate, fazendo junções de manobras que vêm de fora. Existe uma peça principal chamada skate composta de uma tábua com quatro rodas e

eixos: aí está a possibilidade de se criar. Um exemplo é o excelente *Bob*¹⁷ que criou a manobra **Dog Pierce** na *vertical*, onde o skatista se encolhe, parecendo um cachorro mijando.

(*Gyrão*)

Nós, brasileiros, ainda não criamos manobras, as manobras são todas de fora, aprendemos elas através de vídeos, revistas, e ainda muitos atletas hoje estão indo lá pra fora; o que tem acontecido não é a criação de manobras novas e sim inclusão de outras manobras, tá, vou dar um exemplo: você pode só pular pra frente, ou você pode pular pra frente e dar um giro no alto, ou girar no alto e ainda encolher as pernas, então você vai dificultando ou você vai incluindo, você pode dar só um **ollie**, como também pode também dar um **flip** e um **360**, é rotação e translação.

(*Osmar*)

Diante das posições bastante semelhantes defendidas pelos skatistas abordados, acredito ser possível traçar algumas considerações: a- o convívio no grupo de amigos pode servir para o conhecimento de novas manobras; b- que é possível a criatividade nas manobras, a partir das tradicionais; c- são os profissionais na modalidade, em grande parte, que veiculam a informação de novas manobras; d- os Estados Unidos possuem efetivo papel na criação das manobras (levando em conta que também inventou tal modalidade e é atualmente o país que mais possui campeões mundiais, como veremos a seguir); e- os elementos dos “mass media” - principalmente a televisão e fitas

¹⁷ O skatista que *Gyrão* se refere é Bob Burnquist, quarto colocado no ranking da UBS (União Brasileira de Skate) em 1996, categoria Vertical Pró. *Bob* é brasileiro, reside atualmente nos Estados Unidos e é conhecido pela grande habilidade que possui em realizar manobras de **Switch Stance** (ocorre quando se anda de base trocada, ou seja, com a posição dos pés trocada no *shape*).

de vídeo cassete especializadas na modalidade- contribuem decisivamente para o aprendizado das manobras.

Procurei então investigar um pouco mais sobre o papel dos “mass media” no skate e como a modalidade atualmente tem servido ao consumo na sociedade. Tarefa para o próximo item.

II- Imagem jovem e consumo

Este item será composto por dois momentos: o primeiro, procurará investigar a atual influência dos “mass media” no grupo dos skatistas, levantando os possíveis aspectos positivos e negativos de tal influência, passando pela discussão do consumo; já o segundo momento, privilegiará uma análise sobre o skate enquanto esporte e esfera do lazer.

II . 1- Skate: alvo dos “mass media” e consumo

Vou iniciar este sub-item com os comentários dos skatistas *Fê* e *Orelha* a respeito da importância (ou não) da modalidade skate ser abordada em programas de televisão e rádio, artigos de jornais e revistas:

É bom o skate aparecer porque influencia bastante gente, mas ainda aparece muito pouco na televisão.

(*Fê*)

Passar a imagem do skate na TV é um incentivo pro esporte.

(*Orelha*)

Isso é muito bom, né cara, porque é uma coisa que ajuda a divulgar, porque é um esporte legal, tem pessoas que denigrem a imagem, tal, porque é um esporte de marginal, mas não tem nada a ver, é que nem *surf*, é um esporte saudável pra caramba, bonito de ver pelo público, transmite emoção, é legal pra caramba.

(*Chileno*, durante a realização do torneio de São Caetano)

Eu vejo que o skate precisa mudar muito de imagem. Por exemplo: o surfista, há vinte anos atrás, era um cara agressivo, com bermuda rasgada, forte, que gostava de fumar maconha, dava porrada em todo mundo, e hoje é um cara que se apresenta olhando pra câmera, de bonezinho, óculos bonito, linha branca no nariz¹⁸, fala português, fala inglês, conseguiram mudar a imagem do esporte, entendeu. Pode acontecer com o skate também.

(*Osmar*)

Vemos aqui que os skatistas consideram positiva a influência dos “media”, já que serviria para divulgar mais a modalidade. Mas, será que a televisão, o rádio, e outros elementos desta potente organização se interessariam realmente em divulgar o skate e outros esportes radicais?

Respondendo em parte tal questão, um fato ainda que me chamou a atenção enquanto documentava o oitavo torneio de skate, realizado em dezembro de 96 na cidade de São Caetano do Sul, foi a estrutura que estava sendo montada para o evento, com a presença da equipe da rede de televisão Bandeirantes.

¹⁸ *Osmar* aqui se refere ao costume dos surfistas em usar cremes protetores contra raios solares na região superior da boca enquanto estão surfando, fato que parece ter virado um sinal de identidade entre os surfistas.

Num rápido espaço de tempo foram montadas câmeras, fiação (estrategicamente colocada para que os cabos não atrapalhassem as manobras dos skatistas), pequeno palco para entrevistas e outros elementos que possibilitariam a melhor cobertura do evento.

Na oportunidade conversei com Fernando Marino, que se identificou como coordenador de eventos esportivos da TV Bandeirantes-SP. O evento seria filmado naquele Domingo para ser veiculado no programa *Verão Vivo*, em janeiro de 1997. Questionado quanto à importância da cobertura de eventos daquela natureza para a emissora, *Fernando* colocou que:

Os esportes radicais são esportes que vêm agradando a todo mundo, principalmente a juventude né, você vê hoje aí pessoas praticando um esporte radical que vem crescendo no conjunto de outros esportes e a cobertura portanto é merecida; esperamos hoje aqui um público muito grande, por volta de duas, até quem sabe três mil pessoas e a coordenação do evento vem correspondendo, dando estrutura para a imprensa e segurança para os atletas (grifo meu).

Entendo que *Fernando* ressaltou ser a cobertura do evento “merecida” devido ao fato dos esportes radicais atualmente atingirem um público além do adolescente, tendo uma crescente receptividade na sociedade em geral. Que elementos seriam responsáveis por tal fato?

Para iniciar uma análise sobre a influência dos “media” sobre a modalidade skate acredito ser preciso primeiramente resgatar como tal organização tem procurado voltar sua programação para um público alvo jovem ou adolescente na atual sociedade.

É um fato constatado que a parcela juvenil da população tem recebido uma atenção especial por parte dos “mass media”. Seja na televisão¹⁹, nas emissoras de rádios²⁰, em revistas²¹, em jornais²², nos cinemas²³ e mais recentemente até na internet²⁴: tudo que se refere ao adolescente parece ter encontrado uma enorme receptividade junto à população em geral.

Porque será que uma programação, que tem por intenção desvelar o modo de vida do adolescente, encontraria receptividade não somente no público de jovens, mas na população em geral?

Para fundamentar tal resposta me apoio em autores como Featherstone²⁵ que, ao analisar a influência da juventude no modo de vida da sociedade inglesa, apontou:

¹⁹ Na televisão, maior elemento dos “media”, mostrar o modo de vida do adolescente tem sido o grande “carro chefe” da programação. Várias novelas na principal emissora da TV brasileira (Rede Globo) procuram abordar o tema da juventude, a grande maioria delas escritas e dirigidas por Antônio Calmon, como **Menino do Rio**, **Garota Dourada**, **Top Model**, **Armação Ilimitada** e **Juba e Lula** (anos 80), **Vamp**, **Olho no Olho** e **Cara e Coroa** (início dos anos 90) e atualmente **Malhação** e as “importadas” **Barrados no Baile** e **Melrose**. Em outras emissoras, as novelas sobre o tema que se destacaram foram **Confissões de Adolescente** (Cultura), **Minha vida de Cão** (Multishow, TV a cabo). Além das novelas, existiram (e ainda existem) também vários programas adolescentes na “telinha”, em distintas emissoras, entre eles, **Radical Chic** (Globo, apresentado pela VJ Maria Paula em 1993), **TV Zona** (Globo, apresentado pelo VJ Thunderbird em 1994), **Programa Livre** (SBT, antigo programa Matéria Prima veiculado na TV Cultura, no início da década, e desde a versão anterior apresentado por Serginho Groisman), **Ponto G** (na CNT, por Adriane Galisteu), **H** (Bandeirantes, por Luciano Hulk), **Se rolar, rolou** (SBT, por Sílvio Santos), **Xuxa Hits** (Globo, por Xuxa) e praticamente toda a programação do canal musical MTV (em UHF ou a cabo).

²⁰ No rádio, a FM tem procurado atingir o público jovem, em programas como o **Adrenalina** (Transamérica) e toda a programação da 89 Rock.

²¹ Se antigamente os adolescentes tinham opções reduzidas de leitura, como por exemplo o romance **Sabrina**, hoje já é possível encontrar uma gama variada de revistas especializadas para tal público, tal como **Trip**, **Capricho** e **Todateen**.

²² Os jornais brasileiros tem procurado reservar um encarte especial para o público adolescente, tais como o **Folhateen** (Folha de São Paulo), **Zap** (O Estado de São Paulo), **Diário da Tribu** (Diário do Grande ABC) e **Tribu** (A Tribuna de Santos). Fora do Brasil já existem jornais inteiramente dedicados para tal público, como é o caso do **Diário da Juventude** de Pequim-China.

²³ A juventude recebeu menção especial também nas telas dos cinemas, desde filmes clássicos como **Juventude Transviada**, **Sem Destino**, **Woodstock**, **Loucuras de Verão**, **Hair**, **Vidas Sem Rumo** e **O Selvagem da Motocicleta**, até os mais atuais **Drugstore Cowboy**, **Jovens-Loucos-Rebeldes**, **O Primeiro Ano do Resto de Nossas Vidas**, **Colors**, **Kids** e **Transpointing**.

²⁴ Na internet já existem “sites” específicos que tematizam a juventude, entre eles o **89 rock wave** (www.rockwave.com/89).

²⁵ Featherstone, *op.cit.*, p. 63.

a adolescentização do curso da vida se refere à crescente permissão para as pessoas se esforçarem durante todo o curso da vida no sentido de buscar a auto-expressão e a exploração da identidade de um modo que era exclusivo da juventude” (grifo meu).

De forma semelhante, Pais²⁶, ao refletir sobre a sociedade de consumo portuguesa, ressaltou que

“se um dos aspectos da entrada dos jovens na vida adulta se liga a um processo de socialização - entendido este como um processo de influências sociais orientado para a integração dos jovens num sistema existente de relações e valores sociais -, também é certo que este mesmo sistema se encontra sujeito à influência dos comportamentos e atitudes juvenis; é este processo que se pode designar de juvenilização e que implica que a sociedade modele a juventude à sua imagem mas, ao mesmo tempo, se rejuvenesça” (grifo meu).

Apoiado em tais reflexões e adaptando para a nossa sociedade, estariam os espectadores dos “media”, ao consumirem uma programação que explora a imagem de um “way of life” adolescente, aspirando a sensação de juventude?

Resultante deste fato, acredito que os esportes radicais (e aí inserido o skate), associados geralmente com os hábitos e modo de vida do adolescente, apareçam cada vez mais na programação dos “media”. Afirmo tal realidade

²⁶ Pais. J.M. *Culturas Juvenis*, 1993, p.42.

baseado em muitos programas atuais especializados em esportes radicais, principalmente na televisão²⁷, nas revistas²⁸ e nos rádios²⁹.

Já que o presente trabalho vem abordando a questão dos esportes radicais - e o skate em especial - acredito relevante apontar o evento televisionado de esportes radicais mais estruturado (e talvez mais assistido) atualmente: o *Extreme Games*, ou apenas *X Games*. O evento é organizado desde 1994 pela rede de televisão ESPN (transmitida a cabo no Brasil) e é conhecido como uma espécie de “olimpiadas dos esportes radicais”.

As três primeiras edições dos *X Games* foram realizadas em Rhode Island, nos EUA. Já a edição de 1997 foi realizada em San Diego, Califórnia, também nos EUA, de 23 a 28 de junho, e reuniu várias modalidades esportivas consideradas radicais, entre elas o *sky surf*, o *bungy jump*, o *roller*, a *bike* e, evidentemente, o *skate*. É interessante observar que os *X Games* foram patrocinados, em grande parte, por empresas que não produzem artigos esportivos mas queriam associar sua imagem ao evento, como a **AT & T**, **GM** e **ADVIL**.

A novidade no ano de 97 ficou por conta de uma espécie de um evento que antecedeu os *X games* no Brasil: o *Fera Brasil* (Festival de Esportes Radicais), realizado pela ESPN Brasil no estacionamento do Shopping Eldorado, na cidade de São Paulo. O *Fera Brasil* funcionou como uma

²⁷ Vários programas sobre esportes radicais tem sido veiculados na televisão brasileira atualmente, entre eles o **Triz** (ESPN, TV a cabo), **Zona de Impacto** (Sport TV, TV a cabo), **Sem Limites** (Discovery, TV a cabo) e **MTV Sports** (MTV, em UHF ou cabo), especializados no assunto. Na TV “convencional”, os esportes radicais aparecem em programas especializados no tema, como é o caso do **Trupe** (Manchete), ou inseridos numa programação de esportes em geral, como por exemplo no **Esporte Espetacular** (Rede Globo), **Esporte Total** (Bandeirantes) e **Grande Momentos do Esporte** (Cultura).

²⁸ Posso citar aqui revistas nacionais especializadas como a **Hard Core** e a **Fluir** (que dão ênfase ao surf), **Tribo** e **100%** (ênfase ao skate) e as não especializadas, mas que abordam os esportes radicais com frequência: **Terra** e **Trip**.

²⁹ Talvez o programa mais expressivo no rádio atualmente que verse sobre esportes radicais seja o **Extreme Sports**, na 89 Rock (89.1 em São Paulo). Mais existem outras opções, como o **Radicals Sports**, na Metrô FM, também em São Paulo (98.5).

preliminar dos *X Games*, onde os primeiros colocados de cada modalidade teriam vaga garantida no torneio dos Estados Unidos³⁰.

O evento *Fera Brasil* exibiu mais de 30 horas de programação e, para estruturar a transmissão, utilizou-se de várias câmeras e microcâmeras embutidas nos próprios praticantes, nos eixos dos skates, nos capacetes dos *bikers*, no peito dos *bungee jumpers*, nas pranchas dos *sky surfers*, provavelmente para dar mais sensação de realidade ao telespectador³¹.

Os brasileiros têm sido destaque nos *X Games*, mesmo com a evidente predominância dos atletas norte-americanos. Em 96, ouro para *Ferrugem* (no skate *street*) e para Fabíola da Silva (no *roller aggressive in line*). Em 97, ouro novamente para Fabíola, no *roller* (onde a atleta passou a ser tema central nos boletins diários da ESPN) e bronze para Bob Burnquist, no skate *vert*.

Logo após os X games 96 conversei com *Ferrugem* durante a realização do oitavo torneio de skate em São Caetano. Paranaense, 18 anos de idade (sendo 8 para o skate), o medalhista de ouro no skate *street* falou sobre sua conquista e sobre a estrutura do evento:

O skate a nível mundial tá bem forte porque os Estados Unidos até tem hoje um mundial que é o Extreme Games, que a ESPN pega e faz a cobertura para o mundo inteiro. O skate hoje tá bem forte, mais do que antigamente, muito mais. É o evento mais importante do skate, eu acho. E não somente eu que ganhei, mas a Fabíola no roller também.

³⁰ Nos Estados Unidos as preliminares para os *X Games* já ocorrem desde sua primeira versão (1994), intitulado de *X Trails* e realizado no estado da Flórida.

³¹ Tal tecnologia vem sendo chamada de Point of View (POV).

De toda esta influência atual da mídia nos esportes radicais em geral, e no skate em particular, decorre também um forte movimento de consumo quanto ao “tema” na sociedade.

Para se ter uma idéia, a *Revista Veja* publicou uma pesquisa no artigo “O estilo ecológico”, a. 24, n. 30, em julho de 1991, destacando que as confecções esportivas têm movimentado um mercado de cifras “fabulosas” em grifes de roupas do setor, conseguindo faturar anualmente algo em torno de 400 milhões de dólares ao ano. A pesquisa também identificou que grande parte das vendas destes produtos têm sido para o consumidor que não pratica assiduamente uma modalidade esportiva e, provavelmente, nem sequer viu de perto um esporte radical.

Sobre este comércio que se utiliza da imagem dos esportes radicais e vende para a população em geral, tive a oportunidade de conversar com *Osmar*, já que ele, além de skatista, é proprietário de uma loja especializada em artigos para o skate, a *Kranio Skate Boards*:

Entregamos este mês setenta skates para a Claybom num comercial para o dia das crianças e vão mostrar o skate. Isto é muito bom, divulga o skate ainda mais. Hoje o Brasil é, com certeza, o segundo país do mundo a ter uma linha própria de skate, eu afirmo pra você que é Estados Unidos e depois Brasil a nível mundial. Eu estive na feira mundial de esportes radicais que foi em San Diego-EUA em 1996 e 45 % da feira era pro skate. Os corredores desta feira deviam ter uns oitenta, noventa stands de skate, muita marca de skate.

Feiras específicas de esportes radicais, como apontou *Osmar*, tem sido uma verdadeira “mania” nos Estados Unidos e Europa. No Brasil, elas são

recentes e têm entrado com bastante força. Fui visitar no ano de 96, na cidade de São Paulo, a primeira feira de esportes radicais considerada de grande porte no país, a *Feiteens*³².

Sobre as feiras, de modo geral, - e suas expressivas vendas -, *Osmar* ressaltou o seguinte ponto:

Eu vejo da seguinte forma: o esporte radical e as roupas radicais é um negócio que cai junto com a sociedade alternativa, entendeu, eu vejo mais ou menos por aí a coisa, né, que nem, de repente o moleque usa uma roupa larga não porque goste do skate, mas ele acha bonito e acha legal tá contra a mãe dele, entendeu, porque ele fala pra mãe tô fora dessa roupinha tradicional, então é uma coisa alternativa e o skate vai de encontro a isso aí, desde o esporte até a linha de roupas, vai de choque ao tradicional. A calça “big” foi feita exatamente pra você andar de skate com calça, entendeu, você precisa abrir a perna, a calça é larga, ela não tira a sua mobilidade e os cara saem com ela a noite pra ir de choque a sociedade, choque ao não-trivial. Se associa a imagem do produto à uma coisa jovem (grifo meu).

Concordo com o skatista e comerciante *Osmar* no fato de que exista uma forte ligação do skate com a juventude também por meio do consumo. Vou além: parece haver um forte indício de que exista também uma associação que

³² Com o slogan “Jovem, aliste-se nesta loucura”, a *I Feiteens: feira de esportes de ação*, foi organizada num espaço de cinco mil metros quadrados e com um público estimado de trezentas mil pessoas. Pude verificar o lançamento de filmes e games, demonstrações e home-pages na Internet sobre esporte radicais. Pertencia à estrutura do evento um paredão de nove metros de altura para *escalada*, um aquário gigante para prática do *mergulho*, um palco sediando palestras e shows com bandas nacionais de *rock* e *rap* e área de alimentação. Ocorreram desfiles de moda esportiva, sendo que mais de oitenta estandes colocaram à venda roupas de *surf*, *skate*, equipamentos de *mergulho* e outras modalidades. Durante a *Feiteens*, foram realizados também o “Campeonato brasileiro de *skate* vertical”, o “Campeonato de *patins in-line*”, o “Campeonato de *escalada*”, reunindo os campeões mundiais da cada categoria. A *Feiteens* foi divulgada em emissoras de rádio e nos principais jornais da cidade de São Paulo.

liga os “produtos radicais” a temas famosos na sociedade brasileira (e porque não dizer mundial) atual, como ecologia e qualidade de vida³³. Como ressalta Featherstone³⁴ “*a vasta maioria das imagens, especialmente aquelas usadas para vender mercadorias por meio de anúncios, são imagens da juventude, saúde e beleza dos corpos*”.

Entretanto, acredito que mesmo o fato do consumo ser um elemento presente, não implica a passividade do consumidor. Neste sentido, compartilho da opinião de Durham³⁵ quando a autora alerta:

“há que se eliminar a concepção simplista que opõe os consumidores aos produtores de cultura em termos de uma aceitação puramente passiva por parte do público, de um material que lhe é impingido de fora”.

Vale destacar ainda que apesar de todo este crescimento observado no aparecimento dos esportes radicais no “mass media” e sua conseqüente exploração no campo do consumo, verifiquei que alguns skatistas são francamente contrários à participação da modalidade neste jogo comercial, como ressaltaram *Seu Madruga, Lima e Giuliana*:

Os cara usam o skate não pra divulgar, mas pra promover produto, como aconteceu há alguns anos atrás quando a Gradiente montou um *mini-ramp* na feira UD³⁶.

(*Seu Madruga*)

³³ Em setembro de 97 serão realizadas as “Olimpíadas Ecológicas”, como vem sendo divulgado no *mass media*. O evento será realizado na região de Foz do Iguaçu -PR e terá como “carro chefe” o envolvimento de modalidades dos esportes radicais, como o *rafting*, o *balonismo* e o *pára-quedismo*. Decorrente deste fato, *souvenirs* estampados com os esportes radicais envolvidos - como camisetas e bonés - já estão sendo vendidos, utilizando-se do slogan “Jogos Mundiais da Natureza”.

³⁴ Featherstone, *op.cit.*, p.68.

³⁵ Durham, E. A dinâmica cultural na sociedade moderna. *Revista Ensaios de Opinião* 2+2, 1977, p. 35.

³⁶ A UD é a feira de Utensílios Domésticos que ocorre anualmente no Pavilhão de Exposições do Anhembi, em São Paulo, conhecida pelo alto número de visitantes e com ampla cobertura da imprensa.

Acho que muito que passa na TV sobre skate é pra colocar produto em cima.

(Lima)

Esta imagem do skate, que é explorada, às vezes vejo como uma coisa boa, às vezes não. Por exemplo, o filme Kids³⁷ é a coisa mais “queima filme” que existe, ridículo sabe? Geralmente eles generalizam e os pais vêem um filme deste e falam: “pô, meu filho anda de skate e é aquilo ali?”. Veja, não deveria ser bem assim.

(Giuliana)

Outros skatistas se mostraram favoráveis à exploração do consumo na modalidade, desde que faça com que ela cresça:

O skate sempre foi explorado porque é plástico, é bonito de se ver. Espero que o skate sempre tenha o mesmo retorno enquanto esporte tanto quanto é explorado.

(Gyrão)

Eles usam a imagem radical do skate em comerciais como o da Soda³⁸ e dizem que tal refrigerante mata a sede do esportista radical. Eles estão usando pra promover o produto, né, mas também é bom pra divulgar o skate enquanto um esporte.

(Renatinha)

³⁷ O filme *Kids* estreou no Brasil no dia 13 de outubro de 1995 e conta a história de um grupo de adolescentes (a maioria skatistas) que se envolve com drogas, sexo e, fatalmente, a AIDS. Foi produzido e dirigido por Larry Clark (conhecido nos Estados Unidos por retratar, em seus trabalhos fotográficos, o modo de vida dos skatistas de Washington Square, em New York) e escrito por Harmony Korine, skatista de 22 anos.

³⁸ Comercial do refrigerante Soda Limonada Antarctica, veiculado na televisão brasileira em 1995, utilizando imagens de skatistas praticando a modalidade nas ruas, com o slogan “Sede é goda” (grifo meu).

Nada se movimenta neste mundo sem dinheiro. Desde que a mídia use o skate e retorne, aí tá tudo certo. É uma parceria entre skate e mídia (grifo meu).

(Limpa)

Percebo então, de uma forma geral, que os skatistas consideram importante que o skate seja veiculado em elementos como a televisão, abordado em comerciais que exploram sua imagem. Estabeleceria-se aí uma espécie de “parceria” (como defende o skatista *Limpa*), onde assim o skate cresceria como esporte.

Procurarei demonstrar a seguir, no próximo sub-item, o crescimento do skate como modalidade esportiva e elemento atrelado ao lazer no Brasil.

II . 2- Skate: produção de lazer

Reservei este momento do trabalho para resgatar um pouco da história do skate. Realizo tal tarefa neste momento, e não em outros, devido ao fato de querer mostrar como a modalidade esportiva chamada skate nasceu de uma brincadeira entre surfistas para hoje ser indicado até como esporte olímpico, sendo, como vimos, significativo alvo da indústria de consumo.

Assim, iniciarei explanando a respeito da história da modalidade. Para tal, me baseio fundamentalmente no relato de skatistas mais experientes (como *Gyrão* e *Flavinho*), já que não existe no Brasil literatura acadêmica específica que verse sobre o tema.

Segundo os skatistas, a modalidade foi inventada por surfistas da Califórnia-EUA no final da década de 50 quando, descontentes com o mar

*flat*³⁹ que se prolongava por vários verões, resolveram desmontar seus patins utilizando os eixos e as rodinhas embaixo de uma tábua de madeira (com o tamanho aproximado de uma pequena prancha de surf).

Com este “equipamento”, deslizavam pelo asfalto como se estivessem surfando, procurando uma “radicalidade” nas manobras semelhante a encontrada no surf (aliás praticavam tal “brincadeira” descalços, justamente para simular ainda mais a situação encontrada no surf) . Estava criado o skate, que com o passar dos anos foi ficando menor e mais leve.

Além de andar de skate nas ruas desviando de obstáculos (movimentos estes que acabaram por criar posteriormente o estilo *street*), na década de 60 os então “skatistas” da Califórnia começaram a praticar a modalidade também utilizando piscinas arredondadas vazias, de onde surgiu o estilo *vert* e, conseqüentemente, “pistas” que contemplassem tal estilo (fato que abordei no capítulo anterior).

Ambos skatistas ressaltaram que existe uma outra versão para o nascimento do skate. Segundo *Gyrão*, fala-se também do uso de um tipo de skate em 1943, numa espécie de patinete sem guidão.

Ainda sobre esta versão mais polêmica, *Flavinho* frisou que o skate pode ter nascido de um patinete usado (também montado sobre rodas e eixos de patins), inventado por um habitante de uma cidade, no interior dos EUA, que decidiu retirar a “direção” do invento porque tal peça atrapalharia as manobras. Algo semelhante à tal versão, segundo o skatista, pode ser conferido no filme “De Volta para o Futuro I”⁴⁰.

No Brasil, acredita-se que o skate tenha chegado em meados da década de 70, inicialmente na cidade de São Paulo, trazida por surfistas que iam *pegar*

³⁹ Na linguagem utilizada pelos surfistas, o mar está *flat* quando se encontra sem boas ondas para surfar, impedindo a prática da modalidade.

⁴⁰ Filme “De volta para o futuro I”, estrelado por Michael J. Fox em 1995.

ondas nos EUA. A partir daí, o skate vem crescendo cada vez mais no país e no mundo todo, praticado por amadores e profissionais.

Como exemplos de quanto a modalidade está atualmente ganhando espaço na sociedade, pode-se citar o expressivo crescimento do número de pistas⁴¹, a criação do dia do skate pela Câmara de Vereadores de São Paulo (3 de agosto) e a indicação para compor o quadro de “modalidades demonstração” nas Olimpíadas de Sidney 2000.

É importante frisar a participação dos inúmeros torneios que são realizados em todo o país no crescimento da modalidade, pela parceria destes com o *mass media* e por se tornar o profissional um “espelho” para o amador, principalmente no que concerne ao aprendizado de novas manobras.

O skate conta com uma associação nacional, a UBS (União Brasileira do Skate) e a maioria dos torneios importantes durante o ano passam pela aprovação desta instituição. Como exemplo destes eventos em 1996, realizados na região do ABC paulista, pode-se citar aqui o *Campeonato Brasileiro de Banks Profissional de São Bernardo do Campo* (em setembro) e o *Oitavo Campeonato de Street de São Caetano do Sul*, ou simplesmente *São Caetano Street Pro* (em dezembro). Estive em ambos os torneios e gostaria de fazer alusão especial a um deles, o de São Caetano, pela experiência que se mostrou bastante rica para a minha pesquisa.

Oitavo Campeonato de Street de São Caetano do Sul

O evento ocorreu numa iniciativa do SESC⁴² São Caetano (parte integrante do projeto SESC Verão) e da ASSCS (Associação de Skate de São

⁴¹ Além das existentes no ABC paulista, é possível identificar várias pistas de skate somente no eixo Rio-São Paulo, como na cidade do Rio a do **Shopping Rio Sul** e a da quadra da **Escola de Samba do Arpoador**; na cidade de São Paulo, a do **Prestige Skate Park Vila Hamburguesa** e a da **Zona Norte**.

⁴² Não foi a primeira vez que o SESC promoveu uma atividade que contemplasse a apresentação de esportes radicais. Pode-se citar aqui outros três exemplos de apoio à atividades similares ao torneio de São Caetano: o

Caetano do Sul), apoiado por empresas ligadas ao setor esportivo, com destaque para a Puma, patrocinadora do evento.

Fiquei sabendo da ocorrência deste evento já na minha primeira visita à pista de São Caetano, colhida na conversa com o *Tiozinho do gelinho*, aliada a uma atenta verificação no mural da pista naquela ocasião.

Já no primeiro dia do evento começaram a chegar os profissionais, muitos vindos de outros estados. Somente a simples participação dos melhores rankiados de 96 daria a eles uma remuneração. Para quem vencesse, o prêmio seria de R\$ 4.000.

Cheguei ao local no Sábado. Já a uns cem metros da pista, pude sentir o que me aguardava, espelhando o porte do evento: um barulho “ensurdecidor”, vindo dos alto-falantes, sinalizava a voz do locutor *Paulinho*, aliado ao forte e marcante ritmo da música *rap*.

Mais próximo, já na entrada da pista, pude também sentir a marcante presença de inúmeras pessoas que se aglomeravam nas arquibancadas, especialmente montadas para o evento. Pude perceber também como a pista estava modificada desde minha última visita naquele espaço (há aproximadamente um mês e meio) quanto a sua estética, com faixas de patrocinadores por todos os lados e, inclusive, propagandas sob a forma de decalques na própria pista. Assim, vi que a pista se encontrava totalmente reformada, aparentemente sem nenhuma rachadura e sem os característicos emblemas e recados costumeiramente grafitados pelos skatistas.

Desafio Escolar 95 realizado no Sesc Itaquera, com o apoio conjunto do Jornal O Estado de São Paulo, através do programa “Estadão na escola”, teve como atração apresentação o torneio de skate para alunos de 1º. e 2º. graus; outro evento foi **Um dia sobre rodas 96**, realizado pelo Sesc Ipiranga, que contou, em sua programação, com apresentações de skatistas, rollers, bikers e outros esportes que tinham como característica o uso de rodas e a **Clínica de Skate 96**, no SESC Interlagos (atividade que já fiz referência na introdução deste trabalho).

Entrei gratuitamente, já que não estava sendo cobrada entrada para assistir o torneio, mas de onde eu estava me limitaria a assistir o evento como um espectador apenas. Queria mais, e então tomei a iniciativa de contactar o organizador do evento. Um segurança me apontou que a organização estava localizada num setor reservado da pista.

Me encaminhei até lá e aí pude realmente sentir, mesmo de fora deste espaço reservado, como a organização se empenhou em tornar o evento bastante estruturado: nesta área, localizada no quiosque principal do conjunto de pistas, somente entravam pessoas credenciadas, com a presença de uma equipe médica, seguranças, pessoal da imprensa e operadores de som e informática (onde o computador ia registrando a nota dos árbitros e rapidamente arquivando tais pontuações para a atribuição final). Funcionários do SESC e da prefeitura procuravam cuidar dos “bastidores” do evento e todos atletas que estavam competindo tinham livre acesso a esta área reservada.

De onde estava, pude também perceber que em vários pontos da pista de *street* se localizavam os árbitros, verificando, de um plano mais alto que o chão ou do que qualquer obstáculo na pista, (montados em cadeiras semelhantes às utilizadas pelos árbitros principais no tênis de campo), todos os movimentos dos skatistas que estavam competindo.

Durante a apresentação de um dos competidores, deu uma “pane” no som que tocava, num volume bem alto, o *rap* do grupo Beastie Boys. Porém tal pane, mesmo afetando a transmissão da narração de *Paulinho*, parece não ter causado maiores consequências na performance do skatista naquele momento, entretanto causou visivelmente um enorme desconforto nos que estavam lá, acompanhando a apresentação. As palavras vindas da arquibancada eram “*porra, cadê o som aí moçada*” ou ainda “*vamo lá, meu, vamo consertá essa merda aí, meu*”.

Pude verificar que a torcida interage de uma forma impressionante, gritando, levantando e aplaudindo de pé uma boa apresentação⁴³ e se lamentando muito quando algum skatista cai durante sua *session* (aliás um fato que acontece em quase todas apresentações, como vimos, variando somente a “gravidade” das quedas).

Procurei saber então como poderia entrar nesta “área reservada” e saber um pouco mais da organização do evento. Expliquei minha situação de pesquisador e esclareci bem meus propósitos para uma funcionária do SESC São Caetano que cuidava da portaria. A funcionária me entregou um crachá com os dizeres “SESC Verão: imprensa alternativa”.

Mesmo não sendo da imprensa, percebi que tal crachá poderia facilitar meu acesso às informações que precisava. Entrando na área reservada, pude perceber que possuíam o mesmo crachá pessoas que representavam revistas e jornais locais, sendo reservado o crachá “SESC Verão: imprensa oficial” exclusivamente para os funcionários da Rede Bandeirantes de Televisão, que cobriria o evento e chegaria somente no último dia, marcado para as finais do torneio.

O primeiro conhecido que encontrei lá foi *Giuliana*. Numa rápida conversa, *Giuliana* fez questão de me apresentar a *Alê Vianna* (Alexandre Vianna, responsável pela editoria, setor de arte e fotografia da revista *100% Skate magazine*, especializada na modalidade e uma das apoiadoras do evento). *Alê* me revelou que o evento estava apresentando uma qualidade impressionante e me prometeu posteriormente um exemplar de sua revista.

Já que *Alê* estava trabalhando no evento e não podia ficar muito tempo conversando ali comigo, aproveitei para fazer umas fotos do torneio, já que

⁴³ Vale aqui citar uma situação bastante interessante: em sinal de reconhecimento à boa manobra de um praticante durante a *session*, muitos skatistas têm o hábito de bater rispidamente seus próprios skates no chão, na arquibancada ou na parede.

estava sem dúvidas no melhor local para visualizar todo o conjunto de pistas. Conheci neste espaço Dino Moura, coordenador de esportes do SESC São Caetano e principal responsável pela ligação da entidade com o evento.

Dino me concedeu uma rápida entrevista e relatou que a importância de tal evento é, de modo geral, mostrar para o público, leigo na modalidade, que este é um esporte “legal” de ser praticado, despertando o interesse na prática, enquanto um benefício físico, ou apenas por assistir a um esporte muito bonito visualmente. Segundo *Dino*, o resultado para o SESC acabou sendo muito interessante, por ser também destinado um custo mínimo para a realização do evento (este custo foi basicamente para a divulgação e reforma da pista).

É bom lembrar que as faixas alusivas ao evento, que se situavam nas ruas adjacentes à pista de São Caetano, anunciavam que o evento seria de “skate/bike/roller” e, na pista principal (onde se concentrava toda atenção do evento), conseguia verificar naquele momento apenas competições entre skatistas. Porém, olhando mais ao fundo do complexo de pistas, em outras pistas menores figuravam alguns atletas que não pareciam praticar a modalidade.

Resolvi então chegar bem perto e conferir. Não era necessário, para entrar nesta parte da pista, a “credencial” que levava no peito, apesar desta continuar ajudando (e muito), já que aqueles que a percebiam pareciam querer a todo custo me impressionar com suas manobras radicais, esperando provavelmente serem clicados pela máquina pendurada no meu pescoço.

Não haviam skatistas nesta parte “periférica” da pista, apenas *rollers* e somente um *biker*. Este último dava um verdadeiro show com sua bicicleta toda equipada e, a cada vez que começava uma *session*, arrancava muitos aplausos dos poucos que lá estavam assistindo.

Logo após uma das suas entradas na pista, pedi para entrevistá-lo. Ao contrário de muitos skatistas que se sentem visivelmente incomodados em serem interrompidos para conceder uma entrevista, o *biker* sinalizou uma irradiante alegria pelo meu incisivo convite. Ele se indentificou como *Zel*, precisamente Helder Anderson Teles, profissional há quatro anos como *biker* e, naquele momento, sem patrocínio.

Zel estava na pista treinando para participar do **Desafio de Aéreo** (prova que será explicada a seguir), onde estariam *bikers*, patinadores e skatistas, competindo juntos. O *biker* fez questão também de me apresentar um *roller*, colega seu que estava presente ali naquele momento: Erlânderson de Oliveira Tiexeira, ou simplesmente *Lânder*, como é mais conhecido.

Lânder tem 17 anos, sendo os últimos três dedicados ao skate. Enfrentaria também a competição de “aéreo”, esta que seria sua primeira participação em eventos. É amador e vinha se dedicando todos os dias para ganhar mais experiência em cima das rodinhas do *in line*.

De onde eu estava pude perceber um enorme alvoroço na lateral da pista: era *Alê*, editor da revista 100% magazine, que teve a atitude de distribuir gratuitamente para os presentes um exemplar de sua revista. Tal atitude criou um verdadeiro tumulto próximo a arquibancada, com muita gente atrevessando pelo meio da pista para conseguir pegar gratuitamente sua revista.

Imediatamente, os seguranças foram mobilizados para intervir na situação, juntamente com os apelos de *Paulinho* pelo microfone para que *Alê* deixasse tal distribuição para ser realizada logo após concluída aquela etapa do evento. *Alê* respeitou então prontamente o que fora solicitado e encaminhou-se novamente à área reservada para a organização. Passando ao meu lado, fez questão de deixar um exemplar comigo, o n.9. A revista custava R\$ 2.00 e

provavelmente muitos skatistas a queriam gratuitamente porque não dispunham naquele momento de tal quantia para comprá-la.

Voltei então no dia seguinte, marcado para ser o último e principal dia do evento, onde estariam programados vários eventos, com destaque para a **clínica de skate** (aulas abertas aos interessados em aprender a andar de skate ou ainda aperfeiçoar algumas manobras) coordenada por *Flavinho*. Destaque também para a **final do street style**, reunindo os melhores do skate profissional brasileiro e ainda o esperado **desafio de aéreo**, realizado no espaço físico do *half-pipe* com posterior premiação aos atletas.

Um fato já apontado por *Dino* que certamente marcaria este último dia do evento, pela importância com que se apresentava, era a presença confirmada da **Rede de Televisão Bandeirantes**, a fim de veicular “flashes” em sua programação dominical.

O sol clareava a pista com força, sinalizando um dia lindo que estava por vir (lembrando que a pista de São Caetano é descoberta e a condição climática é fundamental para a realização do evento, ou seja, uma simples chuva paralisaria o andamento do torneio).

A cada minuto iam chegando mais skatistas, porém estes eram impedidos no momento de ocuparem a pista de *street*, já que se poderia atrapalhar o trabalho de colocação de cabos e tripés de filmagem da TV Bandeirantes.

Enquanto esperava o início da **clínica de skate**, atividade que abriria o último dia do evento, ao lado de vários skatistas ali presentes na arquibancada, aguardando a pista ser liberada, pude perceber a chegada de alguém que parecia ser muito familiar entre eles, de tanto que recebia cumprimentos de todos os lados: era *Tiozinho do gelinho*, levando consigo, nos ombros, uma caixa de isopor.

De longe já dava para ouvir *Tiozinho do gelinho* anunciar “os sabores de laranja, abacaxi, limão e groselha”, mas seu papel neste cenário já demonstrou não se limitar a venda de “gelinhos” (sorvetes caseiros feitos de xaropes colorizantes e água, servidos em saquinhos plásticos). Os skatistas e outros ali presentes gritavam:

Tiozinho, vê dois amarelos aí; pra mim eu quero um vermelho, o dinheiro tá aqui.

Tiozinho, enquanto vendia seu produto, dava conselhos aos skatistas que ali estavam (afinal, ele também já fôra um skatista), fazendo piadas e acenando para todos os lados.

Com um certo atraso teve início a **clínica de skate**, comandada por *Flavinho* e auxiliada por *Gyrão*, *Chileno* e *Giuliana*. Fui convidado por *Flavinho* para acompanhar a clínica mais de perto, no interior da pista onde estava sendo realizada.

Do microfone, *Flavinho* ia motivando a participação das pessoas que assistiam, do lado de fora da pista, as aulas da **clínica**:

Você que tá a fim de aprender a andar de skate e tá com medo, ou quem já anda e quer aprender uma manobra nova, chega aí. É de graça, chega aí. Vamos dar uma força pro skate.

Assim, ia chamando, pelo microfone, as pessoas que se mostravam seduzidas em participar. Enquanto isto, *Gyrão*, *Chileno* e *Giuliana*

demonstravam distintos movimentos para os participantes, procurando fazer um atendimento individualizado.

Na entrada do *bowl* (equipamento situado no conjunto de pistas onde se realizava a **clínica**) duas funcionárias do SESC inscreviam as pessoas interessadas, onde até aquele momento havia vinte inscritos em apenas vinte minutos de **clínica**. A **clínica** funcionou exatamente assim: entravam na pista apenas oito alunos no tempo máximo de quinze minutos, onde quem não tivesse seu próprio skate poderia utilizar os da organização da atividade. Pessoas de qualquer idade poderiam participar e a atividade era totalmente gratuita.

Um fato que se mostrou relevante no decorrer da **clínica** foi o interesse demonstrado por outras “tribos”, que a princípio pareciam ser totalmente adversas à prática do skate. Vi *bikers* e *rollers* chegarem timidamente até o local de inscrição e perguntarem se poderiam também participar. Decidi acompanhar mais de perto um deles: o *roller* Marcos Paulo Melo Jordão, de 14 anos de idade.

Marcos acabou mostrando uma visível falta de intimidade com o skate, tendo dificuldade para se equilibrar e se locomover. O professor encarregado de assumir a tarefa de ensinar *Marcos* foi o próprio organizador da clínica, que passeiou várias vezes com o garoto pelos cantos da pista, tentando dar suporte para o *roller* aprender a andar de skate. Conversei com *Marcos* logo após sua participação na clínica e ele relatou ter ficado bastante satisfeito com o aprendizado.

Durante a realização da **clínica** passou ao meu lado o *roller* *Lânder*, visivelmente nervoso, gesticulando muito e com o semblante fechado. Quando me viu, fez questão de vir conversar comigo e expressou seu descontentamento quanto à organização do evento, já que ele fôra impedido de participar do

desafio de aéreo que ocorreria logo após a realização da **clínica**. Segundo ele, a organização não havia informado que seriam contemplados em tal desafio apenas cinco *rollers*, cinco *bikers* e cinco skatistas.

Neste momento, *Zel*, que estava ao nosso lado, colocou que a participação já deveria ser sinalizada para a organização há uma semana atrás, mediante inscrição. *Lânder* retrucou que havia procurado várias vezes a organização do evento nos três meses que antecederam a realização do **desafio**, mas sempre recebia a informação que a inscrição seria na hora:

Isto aqui é uma verdadeira “panelinha”, só os “pró” vão andar porque vai aparecer na televisão.

Não apenas *Lânder*, mas outros *rollers* que vinham chegando pela estreita arquibancada, mostrando já aí muita habilidade (considerando que a arquibancada é alta e qualquer erro poderia ocasionar uma forte queda), reclamavam ali ao meu lado do desafio ter sido traçado nestes moldes. Neste momento, pelo microfone, a organização do evento reforçava que somente poderiam ficar na área reservada para a realização do **desafio de aéreo** (área que compreendia o *half-pipe* e proximidades) a imprensa, pessoas ligadas a organização e atletas que estavam credenciados para a atividade.

Dando sequência ao evento, após a realização da clínica, ocorreram as apresentações de grupos de *bikers* e *rollers*, concomitantes à semifinal do **street style**. A parte mais esperada do dia ficaria por conta da grande final do skate **street style**, reunindo os melhores nomes do momento, no país, desta modalidade, e o **desafio de aéreo**, onde cinco representantes de cada modalidade (*roller*, *bike* e skate) disputariam quem voaria mais alto e com técnicas mais apuradas.

Entretanto, a sorte mudou de repente com relação à condição climática. As nuvens escuras começaram rapidamente a aparecer e, como chuva não rima com skate, o evento foi temporariamente cancelado. Pude notar a expressão de desgosto que emanava do rosto de *Paulinho*, um dos organizadores do evento. Os funcionários da Rede Bandeirantes procuravam proteger da chuva suas sensíveis câmeras. As pessoas presentes se abrigavam como podiam, mas não arredavam pé do local, acreditando que aquela situação poderia mudar.

E realmente mudou: alguns minutos de chuva forte não bastaram para esfriar os ânimos. A chuva parou e a organização rapidamente começou a traçar estratégias para restabelecer o evento, como convocar as pessoas que assistiam o torneio da arquibancada para enxugar a pista. A voz de *Paulinho* surgiu novamente no microfone e o skatista gritava “*vâmo lá, galera, vâmo seca essa pista*”. Colaborou também o sistema de drenagem da pista, mostrando-se em excelentes condições num espaço sem dúvidas “ideal” para sediar um evento daquele porte.

Enquanto a organização dava as últimas checagens na pista para o início da grande final do **street style**, falei com *Digo* e *Ferrugem*. Após conversar comigo, *Ferrugem* foi rapidamente se aquecer para a competição de **street** e *Digo* treinar para o **desafio de aéreo**.

Depois de um considerável atraso, em virtude da chuva, *Paulinho* anunciava no microfone que em poucos instantes teria início a competição de **street style**. Percebi porém da área reservada para a organização, próximo onde *Paulinho* estava, que havia lá embaixo na pista de **street** uma certa discordância entre os skatistas que iriam competir: alguns passavam pelos obstáculos da pista e sinalizavam negativamente de longe, provavelmente porque ainda estava molhado; outros reclamavam que estava demorando muito

para começar. *Paulinho* anunciou então no microfone, ao som de um forte ritmo rap:

Se tá molhado pra um, tá molhado pra todos.

Enquanto isso, *Paulinho* ia pedindo para que algumas pessoas desencostassem dos muros que exibiam patrocínios para deixá-los bem visíveis durante a competição (provavelmente para que eles pudessem ser, em algum momento, filmados pela câmera da TV Bandeirantes).

Começa a competição. Os skatistas vão sendo chamados por *Paulinho* e ingressando, um a um, na sua *session*. Após cada apresentação, os árbitros iam sendo convocados por *Paulinho* a mostrar, do lugar que estavam⁴⁴, as notas referentes a apresentação do skatista que acabara de se apresentar.

Para realizar tal trabalho, os árbitros escreviam com um giz em suas pranchetas uma pontuação que ia de 0,0 a 10,0 e a levantavam de modo que todos os presentes, inclusive as pessoas na arquibancada e o próprio atleta, poderiam ver facilmente. Reparei que estas notas são imediatamente digitadas no computador da organização, onde posteriormente seria tabulado o resultado final.

E assim foram entrando na pista os skatistas, um de cada vez. O resultado final seria revelado somente próximo ao término do evento, no momento da premiação.

Veio em seguida os preparativos para o **desafio de aéreo**, onde além dos skatistas, teríamos competindo *bikers* e *rollers*. Estaria entre eles o skatista

⁴⁴ Os árbitros ficaram instalados em pontos estratégicos da pista, cada um num distinto obstáculo, onde o atleta teria a obrigatoriedade de passar em sua rotina de exercícios.

Digo e o biker Zel, sendo que, como citado anteriormente, o *roller Lânder* ficaria de fora.

Toda a estrutura de filmagem, suporte de microfones, organização e pessoas da arquibancada se dirigiram para o outro extremo da pista, próximo ao espaço físico do *half-pipe*. *Paulinho* pedia a todos que caminhassem devagar até o outro lado da pista, pois haveria lugar para todo mundo, mas muitos não acataram o conselho e se formou um pequeno tumulto na entrada da arquibancada do *half-pipe*, aos poucos dissipado pelos seguranças do evento.

Foram realizados os últimos preparativos para a realização do desafio. Uma tábua de madeira simulando uma enorme régua, indo de 1,00 metro até a marca de 3,80 metros, foi colocada na lateral do *half-pipe*. “*Esta tábua serve para medir a altura que os atletas voam acima da parede do half*”, me explicou Sr. Rodil, pai de *Ferrugem*, que estava ao meu lado. No meio da tábua havia o logotipo da Rude Boy, empresa especializada em skate e de propriedade de *Paulinho*.

No microfone, *Paulinho* complementava que cada um teria três tentativas de melhorar a sua marca. O tempo seria cronometrado, não podendo ser ultrapassado. Informou também que o “salto” somente valeria se o movimento fosse completado, ou seja, se o atleta caísse por algum motivo na volta do movimento, mesmo depois de ter atingido a altura desejada, não valeria sua tentativa.

A entrada de cada atleta se daria de forma intercalada, de tal sorte que primeiro entraria um skatista, tentaria dentro do seu tempo permitido e sairia; depois, seria a vez de um *roller* que, tendo sua chance, sairia do *half* logo após; em seguida, seria a vez de um *biker* e assim por diante.

O objetivo dos competidores era a de tentar atingir a maior altura sem perder o controle do movimento. Para averiguar que altura seria atingida, ficou

especialmente um árbitro próximo a altura máxima possível, sinalizada por uma régua.

Iniciou-se então a competição e, um a um, os atletas entravam em sua *session*, ao som do ritmo *rap* e *hard core* e incentivado pela voz do locutor *Paulinho*, agora com um microfone sem fio, indo para lá e para cá, gesticulando, chegando bem perto do *half*. Neste momento, seria *Zel* que tentaria a sorte. Após já ter passado por várias etapas anteriores para chegar até ali, *Zel* procuraria atingir a marca dos 2,10 metros:

É isso aí Helder, cativando a galera, ele que é de São Bernardo do Campo. Vai lá Helder, valendo, quando quiser. (...) 30 segundos, mete bronca. É 2,10, galera, o negócio já tá alto, uohhh, quase passou, vai lá Helder, uohhh, só passou a roda de cima da *bike*, tem que passar a de baixo também; última tentativa, uohhh, vamo lá galera, vamo incentivar, vai lá Helder (neste momento um dos pneus da *bike* de *Zel* fura no impacto com o solo, inviabilizando de vez sua tentativa), uohhh, já era mais um pneu, ficou o Helder, valeu.

(*Paulinho*, locução da apresentação de *Zel*)

Os *rollers* foram os primeiros a desistirem de atingir a marca que ia aumentando, depois os *bikers*. Digo “queimou” suas chances e no final somente sobrou um skatista: o *Ueda*, precisamente Lincoln Ueda (patrocinado pela Alva, New Skt Rock, Formula One Thunder). *Ueda* se mostrou um especialista neste tipo de prova, superando *rollers*, skatistas e *bikers*, atingindo a marca de 2,50 m.

E assim terminou o evento, sendo premiados os atletas vencedores do **street style** (*Ferrugem* ficou em segundo, prova vencida por Márcio *Tarobinha*) e do **desafio de aéreo** (*Ueda*, vencedor).

Percebi, naquele momento da premiação, que “ganhar” não parecia ser o objetivo máximo dos competidores e que todos pareciam ter sido contemplados com a vitória. O que parecia interessar para os competidores naquele instante era acima de tudo a “diversão”, considerando o adversário não como um inimigo, mas como um companheiro necessário para que se precisasse jogar, um “*co-participante*”, como bem nos coloca Furter⁴⁵ em seu estudo.

Sem dúvidas, diante de tanta informação, senti que o evento em muito contribuiria para minha pesquisa. Fiz questão de contar o torneio através do “meu olhar” para que se pudesse ter uma idéia de como foi rica a experiência.

Mesmo ainda não sendo o objetivo principal deste trabalho dar como preferência o relato dos skatistas profissionais, enquanto sujeitos de pesquisa (por considerarem o skate como trabalho), vale aqui ilustrar a participação destes atletas no crescimento da modalidade enquanto um esporte no Brasil e no exterior.

Atualmente, quanto a este grupo de profissionais, dois skatistas em especial se destacam no cenário do skate mundial: *Digo*, campeão mundial de skate *vert* em 1995 na Alemanha e *Ferrugem*, tri-campeão brasileiro e medalha de ouro no X Games 96, categoria *street*.

Conversando com *Digo* e *Ferrugem*, durante o torneio de São Caetano, verifiquei que ambos são profissionais e contam com o valioso apoio financeiro de empresas interessadas em patrocinar o skate no país.

O primeiro a falar foi *Ferrugem*, vencedor dos *X Games 96*:

⁴⁵ Furter, P. *op.cit.*, pp.27-28.

A empresa Puma (seu patrocinador oficial) vê que o skate tá crescendo, tá vendo que tem pessoas no skate que, além de gostar de andar, querem fazer dele um esporte. Têm empresas grandes patrocinando os atletas.

Em posterior entrevista, ali mesmo no torneio com o pai e empresário do *Ferrugem*, constatei que o atleta recebe, além do salário mensal e apoio financeiro à viagens para campeonatos e demonstrações cedido pelos patrocinadores (atualmente Puma, Drop Dead, Ferrugem e Fórmula 2), uma bolsa integral no colégio particular que estuda.

O Sr. Rodil destacou ainda que *Ferrugem* vem dando aulas de skate gratuitamente para pessoas de qualquer idade ou nível sócio-econômico, por meio de um convênio com a prefeitura, na pista principal de Curitiba-PR, cidade onde residem.

Logo depois, conversei com *Digo*, campeão mundial de skate na Alemanha, em 95⁴⁶, e também ídolo dos skatistas amadores:

Skate pra mim hoje é tão importante quanto uma profissão. Eu moro nos Estados Unidos e vivo do skate, tenho salário e vivo do skate muito bem. Eu levo como profissão e então o skate hoje é muito importante pra mim e na verdade a vida inteira foi: você une a diversão com o profissionalismo, treina e curte, é tudo pra mim (grifo meu).

Acredito ser muito importante *Digo* ressaltar que o skate é hoje para ele, mais do que uma profissão, uma possibilidade de lazer, fato também em outra oportunidade destacado por *Gyrão*:

⁴⁶ *Digo* foi campeão em 95 no torneio *Munster Monster Mastership*, na Alemanha.

Por mais que envolva a competição e o profissionalismo, o skate tem como seu principal aspecto a diversão. Uma das frases mais conhecidas na modalidade é “*skate for fun*” (skate por diversão).

Assim, parece possível admitir que a modalidade skate, mesmo passando de uma simples brincadeira de surfistas para o atual formato de esporte competição (amplamente explorado pelos “media” e consumo, organizada em estruturados torneios, formando um grande número de profissionais), ainda conserve em grande parte sua principal característica que é reunir adeptos que “andam por diversão”, próximos a vivência no campo do lazer, expressando sua identidade enquanto grupo para a sociedade mais ampla.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pois bem, é chegado o momento de finalizar esta “incursão” pelo mundo dos skatistas, acreditando que as questões às quais me comprometi a estudar na introdução e durante todo trabalho foram de certa forma discutidas.

Na discussão em torno das concepções sobre juventude, salientei como se constata diferenciações quanto à sua consideração em distintas épocas e ambientes sociais, onde, principalmente por intermédio do relativismo cultural veiculado pela Antropologia no estudo da adolescência, a transição entre uma criança e um adulto pode ter como duração apenas poucos dias - através de um rápido ritual de passagem - ou até muitos anos - muitas vezes não se precisando bem o final.

Desta reflexão procurei subentender que o adolescente não é exatamente o mesmo em todas as sociedades, principalmente quando se tem por análise a duração que a adolescência apresenta em distintas culturas, reflexão esta mostrando-se relevante para contestar a concepção que todo adolescente é “universalmente” o mesmo.

A referência a alguns estudos sobre a temática “lazer”, enfocando especialmente a sociedade brasileira, mostrou-se bastante relevante, devido a minha pretensão em estudar a juventude a partir desta esfera da vida.

A citação de várias modalidades ditas “radicais”, e a explicitação de suas características, permitiu que eu identificasse o skate dentro desta categoria. Deste modo, procurei evidenciar como se daria a proximidade deste elemento “radical” ao modo de vida da juventude atual.

O enfoque nos skatistas permitiu que eu investigasse a atual realidade das pistas no ABC paulista, desvelando elementos que os levam a se identificar

no interior dos grupos, mostrando como estes lidam com a relação entre gêneros masculino/ feminino no seu cotidiano.

Senti ser necessária também uma reflexão sobre “corpo”, procurando compreender o adolescente a partir desse elemento. Parti assim da fundamentação sobre o homem apresentar inúmeras variações na concepção e tratamento do seu corpo, bem como nas formas de se comportar que, ao longo de sua história, revela as relações deste corpo com um determinado contexto social.

Ao salientar as mudanças físicas pelas quais passa o “corpo jovem” e as representações sociais a ele associadas, o passo seguinte foi propor um enfoque nas manobras relativas ao skate. Tal oportunidade mostrou a possibilidade de pesquisar o adolescente num momento em que este imprime ao seu corpo uma forma, uma harmonia, um estilo a seus movimentos, estetizando seus gestos esportivos.

Mostrou-se relevante também a análise da influência dos “mass media” no skate, demonstrando que a modalidade vem recebendo uma atenção especial da mídia impressa e televisiva, fato que tem empolgado alguns skatistas e causado um certo desconforto em outros.

Entretanto, verifiquei que, se o skate tem sido utilizado enquanto objeto de consumo - apontando uma forte aspiração pela atual sociedade por uma “imagem jovem”, entendendo a velhice como um “estado de espírito” -, por outro lado tal modalidade tem conseguido obter uma maior divulgação. Estabeleceria-se aí uma “parceria” entre mídia e skate.

Outro fato vindo à tona foi o skate ser cada vez mais esportivizado e profissionalizado - com inúmeros torneios e já formando campeões mundiais -, o que não fez tal modalidade perder suas características de diversão e de valores próximos ao campo do lazer.

De toda esta abordagem, acredito ter conseguido salientar que o skate é uma modalidade esportiva em que o jovem pode encontrar os seus pares, descobrindo sua personalidade e, ao mesmo tempo, se engajando num espírito comunitário.

A vivência no “radical” parece permitir a exploração de novas energias, a busca de novas sensações, onde a força tende a ser substituída pelo refinamento dos movimentos e controle do corpo. Ao voar metros do chão, ao conviver com o eminente risco da queda, estabelece-se um misto de confronto com o desconhecido e superação e descoberta de si mesmo.

O fato das manobras serem oriundas do exterior não faz com que o skatista somente consuma os valores importados, que vem de fora do país. Pelo contrário: se a origem das manobras tem sido atribuída ao estrangeiro, seu aprendizado e sua apropriação pelo grupo dos skatistas do ABC faz com que estas sejam de certa forma reordenadas.

Assim, pude identificar que os jovens do ABC paulista adotam o skate enquanto expressão de lazer, distinguindo-se de outros grupos na sociedade, marcando sua identidade. As pistas de skate se mostraram não apenas como um espaço determinado geograficamente, mas sim um território delimitado socialmente, onde uma teia de relações se manifestam.

Se em outrora o skate era considerado, como apontaram os próprios skatistas, uma atividade marginalizada - associada à bandidagem e vida na “rua”, hoje assistimos a modalidade inserida no discurso pela qualidade de vida da população.

Mesmo não pertencendo a “tribo” dos skatistas, procurei me aproximar deles, explorando sua diversidade na paisagem urbana e “tocando” nos fatos significativos que se manifestavam no interior do grupo, fatos estes que foram desvelando seus comportamentos quanto à esfera do lazer.

O estudo contribuiu deste modo para a minha formação como professor de Educação Física, fazendo com que eu descobrisse novas possibilidades dentro da minha área de atuação. Trabalhei com a Educação Física para adolescentes em escolas, academias e clubes por mais de oito anos e hoje posso perceber ser fundamental considerarmos a “cultura corporal” do aluno jovem - o que ele traz de experiência das ruas, do quintal da sua casa, da pista de skate - para elaborarmos um trabalho educativo e motivante para tal público alvo.

Finalmente, defendo que a questão do estudo do lazer, específico para o público adolescente, e as distintas formas de apropriação do tempo livre, apresentam-se fundamentais em qualquer discussão que se pretenda hoje refletir o comportamento do adolescente na sociedade em que vivemos.

ANEXOS

ANEXO 1: *Modalidades de Esportes Radicais, em ordem alfabética e reunidas quanto ao ambiente onde são praticadas*¹

- Aéreos:

- *Asa Delta ou Vôo Livre;*
- *Balonismo;*
- *Base Jump* (salto de prédios ou montanhas, utilizando-se de pára-quedas e procurando retardar o máximo possível a abertura do mesmo);
- *Bungy Jump* ou *Bungee Jump* (salto de uma torre ou guincho, geralmente de 40 metros, preso a uma corda elástica);
- *Pára-glide* ou *Pára-pente* (salto de montanhas, sentado numa cadeira improvisada, presa a um pára-quedas);
- *Pára-quedismo;*
- *Sky surf* (saltos como no *Pára-quedismo*, onde o praticante vai com uma prancha presa aos pés e “surfa” no céu enquanto não abre o pára-quedas).

- Aquáticos:

- *Bóia Cross* ou *Aquaraid* (descida de corredeiras de rios com bóias, geralmente feitas com câmaras de pneus de caminhões);
- *Bodyboard* (semelhante ao *Surf*, o praticante desce as ondas com o peito apoiado numa prancha menor que as dos surfistas)
- *Canoagem* (caiaques, em corredeiras de rios);
- *Esqui na água;*

¹ Farei uma explicação sumária de apenas algumas modalidades, visto que boa parte delas estão no Brasil há um bom tempo e são, de certa forma, conhecidas em geral.

- *Mergulho*;
- *Rafting* (descida de corredeiras de rios em botes grandes e coletivos, onde vão de seis a dez pessoas);
- *Skyder parasail* (cadeira especial puxada por lancha e acoplada a um pára-quedas);
- *Surf*;
- *Windsurf* (semelhante ao *Surf*, o praticante desce ondas utilizando pranchas maiores que as dos surfistas, superfícies estas impulsionadas pela força do vento em velas que são presas no meio da prancha).

- Terrestres:

- *Alpinismo ou Escalada*;
- *Bicicross, Bike ou Bicycle stunt* (caracterização no texto);
- *Canyoning* (descida de cachoeiras por uma corda, valendo-se da técnica militar de rapel);
- *Enduro ou Motocross*;
- *Espeleologia ou Caving* (explorar cavernas);
- *Esqui na neve*;
- *Mountain bike*;
- *Rapel arborizado* (descida de árvores altas em cordas, técnica rapel);
- *Rapel urbano* (descida de viadutos altos em cidades, por meio de cordas através da técnica de rapel);
- *Rally ou Off road*;
- *Rolemã* (carrinhos);
- *Roller ou skate in-line* (caracterização no texto);
- *Skate ou skateboard* (caracterização no texto);

- *Snakeboard* (semelhante ao skate, é praticado numa superfície dividida ao meio - presa por um pequeno engate - com eixos independentes);
- *Snowboard* (semelhante ao skate, superfície alongada - como a do sky - usada na neve);
- *Trekking* (semelhante ao *cross-country*, ou seja, corrida ou caminhada em trilhas);

ANEXO 2: *Algumas gírias utilizadas pelos skatistas no interior da “tribo”*

- capote**: tomar um tombo (aliás, ocorrência muito frequente no skate);
- colar**: dar “porrada”, arrumar briga;
- dar pista / dar área**: ir para outro lugar, ir embora para outra pista;
- gambé**: geralmente ligado a um policial ou ainda a alguém estranho na pista (como eu era, em certa parte, considerado por alguns skatistas no início da minha pesquisa, como relatei na introdução deste trabalho);
- gralha, comédia ou paga-pau**: quando fala mais do que faz, como por exemplo “gralhar” ter realizado alguma manobra muito difícil;
- pico**: lugar de encontro, que designa geralmente alguma pista de skate;
- prego**: quando é iniciante e ainda não sabe os macetes do skate;
- pró**: inversamente ao *prego*, o *pró* seria aquele que, por suas habilidades e experiência, se destaca perante aos demais na pista;
- sangue bom / brother**: pessoa próxima, amigo, geralmente pertencente a “tribo” do skate;
- session**: nome atribuído pelo skatista ao tempo de permanência de um praticante na pista, quando na execução das manobras;
- style ou nervoso / da hora**: legal, como por exemplo “este *rap* é da hora”;
- tiozinho**: o mais velho skatista, o mais veterano do grupo;
- treta**: briga, confusão (geralmente com “tribos” rivais aos skatistas, como por exemplo os *rollers*);
- uma pá de gente**: um monte de gente, usado geralmente quando a pista é invadida por muita gente, tanto skatistas como outros grupos como os *bikers*, ou ainda por pessoas que somente querem assistir;

-yeah²: expressão quando algo surpreendente ocorre, como uma manobra bem feita na pista;

-zica: coisa errada, problema, azar (que pode levar à queda um skatista na pista).

² A expressão **Yeah** fôra até utilizada como título de uma revista especializada em skate no Brasil, na década de 80.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Livros e publicações científicas/acadêmicas :

ARANTES, A. A. O que é cultura popular. São Paulo : Brasiliense, 1981.

_____. Consumo e entretenimento: hipóteses para uma antropologia do tempo livre. Caderno do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1993.

AZEVEDO, F. de. Da Educação Física: o que ela é, o que tem e o que deveria ser. São Paulo : Melhoramentos, 1937.

BOLLON, P. A moral da máscara. São Paulo : Rocco, 1993.

BOSI, E. Cultura de massa e cultura popular. 5. ed. Petrópolis : Vozes, 1986.

BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. In: _____. Questões de sociologia. Rio de Janeiro : Marco Zero, 1983.

BRUHNS, H. T. O corpo joga, trabalha, dança e festeja. Campinas, 1992. 222p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, UNICAMP, 1992.

_____. O corpo parceiro e o corpo adversário. Campinas : Papyrus, 1993.

_____. O culto do corpo-prazer: o fenômeno lazer e o lúdico. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Ijuí: v. 12, n. 1/3, p. 271, 1993.

_____. (Org.). Conversando sobre o corpo. 5. ed. Campinas : Papyrus, 1994.

_____. Corpos femininos na relação com a cultura. In: ROMERO, E. (Org.). Corpo, mulher e sociedade. Campinas : Papyrus, 1995.

BRUYNE, P. de et al. Dinâmica da pesquisa em ciências sociais. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1977.

- CAILLOIS, R. Teoría de los juegos. Barcelona : Editorial Seix Barral, 1958.
- CARDOSO, R., SAMPAIO, H. Bibliografia sobre a juventude. São Paulo : Edusp, 1995.
- CARVALHO, M. de. Cultura física e desenvolvimento. Lisboa : Compendium, [19__].
- CASTELLANI FILHO, L. Educação Física no Brasil: a história que não se conta. 4. ed. Campinas: Papyrus, 1994.
- CÉSAR, B. T. Os Gaviões da Fiel e a águia do capitalismo...ou o duelo. Campinas, 1981. 209p. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, 1981.
- COSTA, J. F. Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro : Graal, 1983.
- DA MATTA, R. A casa e a rua. Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, 1987.
- DAOLIO, J. A importância da Educação Física para o adolescente que trabalha. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Ijuí, v. 8, n. 1, p. 136, set. 1986.
- _____. Da cultura do corpo. Campinas : Papyrus, 1995.
- DE GRAZIA, S. Tiempo, trabajo y ocio. Madrid : Tecnos, 1966.
- DEUTSCH, H. Problemas psicológicos do adolescente: com ênfase especial na formação de grupos. Rio de Janeiro : Zahar, 1974.
- DONEDA, D. Adolescência e corpo. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Física. Valores humanos, corpo e prevenção. Brasília, 1986.
- DURHAM, E. A dinâmica cultural na sociedade moderna. Ensaio de opinião 2+2, Rio de Janeiro, p. 35, 1977.
- FEATHERSTONE, M. O curso da vida: corpo, cultura e o imaginário no processo de envelhecimento. In: DEBERT, G. G. (Org). Antropologia e velhice. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1994. (Textos didáticos).

- FORJAZ, M. C. Lazer e consumo cultural das elites. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 3, n. 6, p. 99 - 113, fev. 1988.
- FRASCHETTI, A. O mundo romano. In: LEVI, G., SCHMITT, J.C. História dos jovens: da antiguidade à era moderna. São Paulo : Companhia das Letras, 1996, v. 1.
- FURTER, P. Juventude e tempo presente: fundamentos de uma pedagogia. Petrópolis : Vozes, 1975.
- GONÇALVES, M. A. S. Sentir, pensar e agir: corporeidade e educação. Campinas : Papyrus, 1994.
- IANNI, O. O jovem radical. In: BRITO, S. (Org.). Sociologia da juventude. Rio de Janeiro : Zahar, 1968, v. 1.
- LAKATOS, E. M., MARCONI, M. de A. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo : Atlas, 1986.
- LEIF, J., BRUNELLE, L. O jogo pelo jogo. Rio de Janeiro : Zahar, 1978.
- LEVISKY, D. L. Desenvolvimento psicossocial do adolescente. In: SETIAN, N. et al. Adolescência, São Paulo: Sarvier, 1979.
- LEVI, G., SCHMITT, J. C. História dos jovens: da antiguidade à era moderna. São Paulo : Companhia das Letras, 1996, v. 1.
- _____. História dos jovens: a época contemporânea. São Paulo : Companhia das Letras, 1996, v. 2.
- MAGNANI, J. G. Festa no pedaço. São Paulo : Brasiliense, 1984.
- _____. Lazer dos trabalhadores. Revista São Paulo em Perspectiva, São Paulo: v. 2, n. 3, p. 37-39, jul./set. 1988.
- _____. Da periferia ao centro: pedaços e trajetos. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 35, p. 195, 1992.

- MAGNANI, J. G. Tribos urbanas: metáfora ou categoria? Cadernos de Campo, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 49, 1992.
- _____. Transformações na cultura urbana das grandes metrópoles, 1996. (mimeo).
- MARCELLINO, N. C. Subsídios para uma política de lazer: o papel da administração municipal. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Ijuí, v. 11, n. 3, p. 207, 1990.
- _____. Perspectivas para o lazer: mercadoria ou sinal de utopia? In: MOREIRA, W. W. (Org.). Educação Física e esportes: perspectivas para o século XXI. Campinas : Papyrus, 1992.
- _____. Capacitação de animadores sócio-culturais. Brasília : MEC, 1994.
- _____. Lazer e educação. 3. ed. Campinas : Papyrus, 1995.
- _____. Estudos do lazer: uma introdução. Campinas : Autores Associados, 1996.
- MUUSS, R. Teorias da Adolescência. 5. ed. Belo Horizonte : Interlivros, 1976.
- NETO, C. A. F. Desporto radical ou radicalização do desporto? In: CONGRESSO LATINO AMERICANO DE ESPORTE PARA TODOS, 1. , 1996, Santos. Anais... Santos : SESC, 1996.
- OLIVEIRA, P. de S. Resenha de Festa no Pedaco. Revista Estudos do Lazer, São Paulo, n. 1, p. 6, out. 1985.
- OLIVEN, R. G. A Antropologia dos grupos urbanos. Rio de Janeiro : Vozes, 1985.
- ORSINI, M. S. A juventude paulista, suas atitudes e sua imagem. São Paulo, 1977. 363 p. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, USP, 1977.

PAIS, J. M. A vida como aventura: uma nova ética de lazer? In: CONGRESSO MUNDIAL DE LAZER, 1992, Lisboa. Actas... Lisboa : ICS, 1992.

_____. Culturas juvenis. Lisboa : Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PARLEBÁS, P. Elementos de sociologia del deporte. Malaga : Unisport Andalucia, 1986.

_____. Perspectivas para uma educacion fisica moderna. Malaga : Unisport Andalucia, 1987.

PASTOUREAU, M. Os emblemas da juventude: atributos e representações dos jovens na imagem medieval. In: LEVI, G., SCHMITT, J. C. História dos jovens: da antiguidade à era moderna. São Paulo : Companhia das Letras, 1996, v. 1.

PERROTI, E. A criança e a produção cultural. In: ZILBERMAN, R. (Org.). A produção cultural para a criança. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1990.

PIAGET, J., INHELDER, B. Da lógica da criança à lógica do adolescente. São Paulo : Pioneira, 1976.

POCIELLO, C. Os desafios da leveza: as práticas corporais em mutação. In: SANT'ANNA, D. B. (Org.). Políticas do corpo. São Paulo : Estação Liberdade, 1995.

REIS, L. V. de S. Negros e brancos no jogo da capoeira: a reinvenção da tradição. São Paulo, 1993. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 1993.

REQUIXA, R. Juventude e tempo livre em países em desenvolvimento. Boletim de Intercâmbio, Rio de Janeiro : jan./mar., p. 8, 1980.

RODRIGUES, J. C. Tabu do corpo. 4. ed. Rio de Janeiro : Dois Pontos, 1986.

SALEM, T. Filhos do milagre. Ciência Hoje. São Paulo : v. 5, n. 25, p. 30-36, set. 1986.

- SANTOS, C. N. et al. Quando a rua vira casa. Rio de Janeiro : IBAM, 1985.
- SARNO, F. J. Futebol: a dança do diabo. 7. ed. São Paulo : Milesi, 1980.
- SETIAN, N. et al. Adolescência. São Paulo : Sarvier, 1979.
- SILVA, C. B. R. da. Da terra das primaveras à ilha do amor: reggae, lazer e identidade em São Luís do Maranhão. Campinas, 1992. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, 1992.
- ZAGURY, T. O adolescente por ele mesmo. Rio de Janeiro : Record, 1996.
-

*- Revistas, jornais e outros:
(em ordem cronológica)*

- DIRIGIR é mais fácil que votar. Folha de São Paulo, 01 jul. 1991. p. 4, c. 7.
- PROIBIDO para menores dirigir. Folha de São Paulo, 01 jul. 1991. p. 4, c. 7.
- O ESTILO ecológico. Revista Veja, São Paulo, v. 24, n. 30, jul. 1991.
- CAVALCANTI, M. L. Damas de Ferro. Folha de São Paulo, 18 abr. 1994. p. 4-5, c. 6.
- PURVINNI, L. Patins X Skates. Folha de São Paulo, 12 dez. 1994. p.4, c.6.
- REVISTA TRIBO SKATE. São Paulo : Tribo Skate, 1994/1996.
- PURVINNI, L. Jovens desistem de 'grito da independência'. Folha de São Paulo, 06 mar. 1995. p. 1, c. 6.
- MARQUES, G. Jovem-padrão. Diário do Grande ABC, 12 maio 1995. Caderno Diário da Tribo. p. 4-5.
- LEMOS, A., PURVINNI, L. Roubo de patins cria 'mercado negro'. Folha de São Paulo, 26 jun. 1995. p. 1, c. 6.

- SILVA, C. E. L. Moralismo persegue Calvin Klein e seus adolescentes. Folha de São Paulo, 01 out. 1995. Caderno Mais. p. 3.
- ICHIARA, A., ARAÚJO, C., LAROSSA, T. Elas trocaram as bonecas pelas pelotas. O Estado de São Paulo, nov. 1995. Caderno Zap. p.13.
- GUIA para pais aflitos. Revista Veja, São Paulo, fev. 1996.
- JOORY, E. Cláudia Schiffer não dá brilho ao look Melissa. Folha de São Paulo, 13 jul. 1996. c. 4.
- PALOMINO, E. Cultura adolescente influencia a moda. Folha de São Paulo, 22 jul. 1996. p. 6, c. 6.
- MULHERES na Olimpíada. Folha de São Paulo, 27 jul. 1996.
- STYCER, M. Campeã já vê 'pátria de biquinis'". Folha de São Paulo, 29 jul. 1996. Caderno Atlanta 96. p.6.
- PESQUISA aponta as maiores preocupações dos jovens de SP. Folha de São Paulo, 02 set. 1996.
- ELEIÇÃO Libanesa: radicais vencem no sul. Folha de São Paulo, 11 set. 1996.
- PREFEITURA amplia Parque Duque de Caxias. Tribuna do ABC, 21 set. 1996, p. 6.
- MENEZES, T. de. Boas de bola vão para o ataque. Folha de São Paulo, 30 set. 1996. p.3, c. 5.
- RUSHKOFF, D. Playing the future. Folha de São Paulo, 06 out. 1996. p. 5, c. 5.
- BRISSAC, C. Moda podrão. Revista Isto É, 20 nov. 1996.
- SISCARO, S. Identificação de grupos. Diário do Grande ABC, 10 jan. 1997. Caderno Diário da Tribo. p. 4.
- PINHEIRO, A. Verão amplia o dicionário das gírias. Folha de São Paulo, 03 fev. 1997. p. 6, c. 5.

ALMUDENA, C. Grupo adota skate rock. Folha de São Paulo, 14 jul. 1997.
p. 4, c. 6.